SILVA PINTO

No Coliseu

1903 — 1904

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora
Rua Augusta, 50, 52, 54

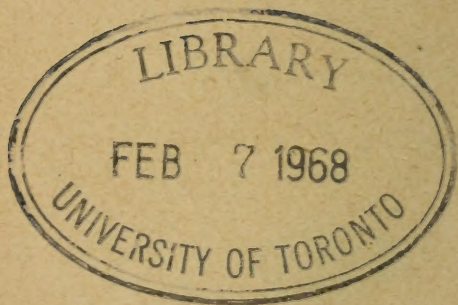
No Coliseu

SILVA PINTO

No Coliseu

1903 — 1904

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
Livraria editora
Rua Augusta, 50, 52, 54

A

Emygdio d'Oliveira

«O Emygdio d'Oliveira, que eu vi pela primeira vez em 74, era então um rapaz sombrio, vestido de preto, typo de estudante pobre e pouco resignado. Estudava muito, ao que se deprehendia de algum artigo que publicava. Lembrei-me sempre de um facto, que elle terá esquecido: quando eu saí da *Actualidade* para o *Diario da Tarde,* — que não dispunha já de recursos, — escreveu-me o Emygdio, apenas relacionado commigo desde alguns mezes, a *advertir-me* de que em sua casa, — sua e de sua mãe — havia um quarto e á meza do jantar um logar vago e um talher, e que tudo isso esperava por mim, como por um filho da casa. Não acceitei o convite fraternal, mas faz-me bem recordal-o de quando em quando.

Deve ser sabido que, volvidos alguns annos sobre aquella época, Emygdio d'Oliveira veiu a ser o *Spada,* director da *Folha Nova* do Porto,

brilhantissimo jornal que ainda não teve successor. Como esse jornalista — de primeira plana, pelo estudo, pelo talento, pela maleabilidade e pelo vigor, — saiu da lucta herculea, em que durante annos empenhara extraordinarias faculdades, para um retrahimento de desilludido, daria historia para confusão de muitos *virtuosos* diffamadores, se elle houvesse precisão de que eu escrevesse sobre a alliança dos estupidos e dos ingratos, em defeza do diffamado que se affastou. Creio que o não deseja, nem de tal precisa.

Eu limito-me a dizer aos viajantes que me perguntam :

— Quer alguma coisa para o Porto ?

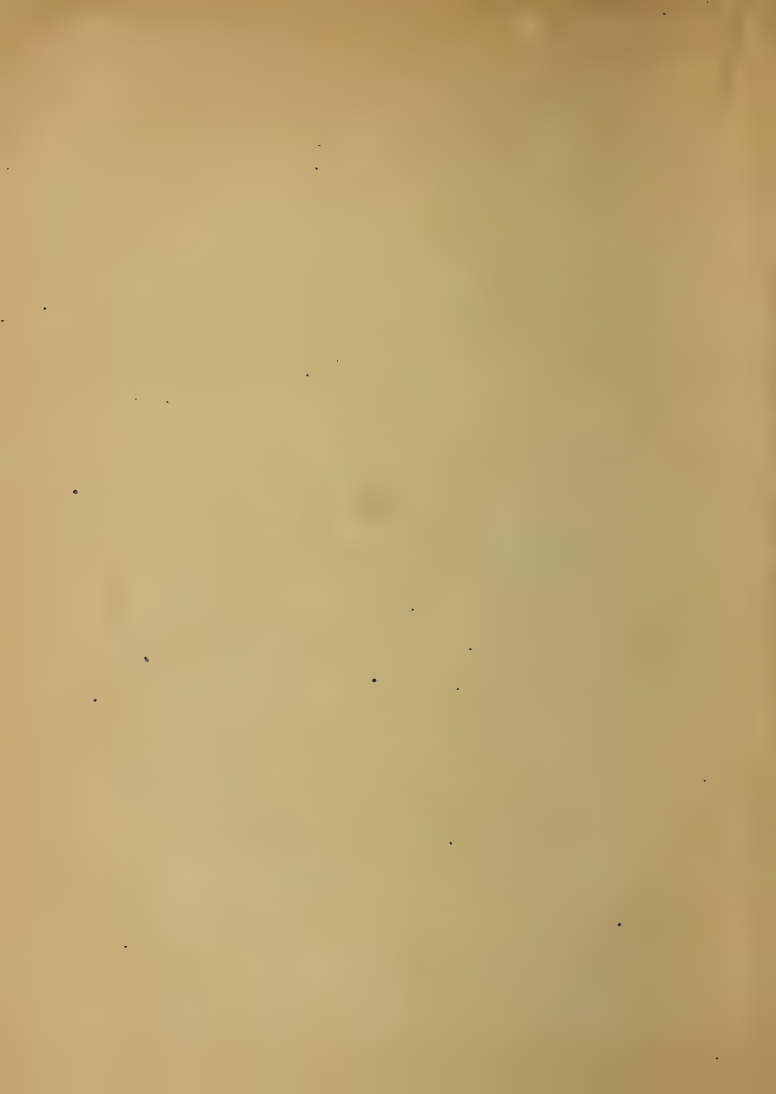
— Saudades ao Emygdio d'Oliveira.

E' o meu protesto.» (1)

---

(1) Do meu livro *Pela Vida fóra*. Lisboa, 1900, pag. 54—55.

O ULTIMATUM INGLEZ

Escrevi em setembro de 1890 as seguintes paginas, tendo para isso publicado tres numeros de um pamphleto: *A Lanterna.* Ao termo de tres semanas, a publicação teve de findar : terminara a indignação dos leitores. Um que me está lendo recorda-se *de tudo.* E' para que fique o mais possivel que eu reproduzo as minhas palavras de 1890.

I

A questão do tratado tem sido historiada tão minuciosamente, que seria absurdo pretender n'esta hora esclarecer os espiritos. Todos perceberam: ha exploração e ha deshonra — para nós. Mas a opinião publica, na sua maioria, está longe de orientar se para a colera. Ha quem pense na opportunidade do ensejo para derrubar o ministerio e ha quem julgue opportuno o momento para derrubar o throno. Mas o alcance d'aquella desgraça está longe de ser medido por aquelles a quem directamente aggrava.

Não é raro que um homem do povo, um operario, encolha os hombros, a proposito da questão africana, estabelecendo em seu juizo que *a Africa está muito longe,* e que, portanto, não devemos perder o somno sobre tal assumpto. Seria obra meritoria demonstrar a esse indifferente que o tratado com a Inglaterra fecha o mercado d'Africa á nossa industria nascente — sempre nascente! — e que o operario é um tanto interessado na existencia e no desenvolvimento d'essa industria. Não consultemos o empregado publico, auctor de artigos, sobre aquella expoliação que precipita a industria, do renascimento, na morte. Consulte-se o industrial, o fabricante, o homem pratico: e elle explicará os perigos e o horror da situação.

*

* *

Com a qual situação nenhum dos homens que constituem o governo se importa, mais ou

menos calorosamente. Nem os governantes, nem o negociador do tratado, nem a maioria parlamentar .. E é n'este ponto que nos parece estaram as bases de toda a sorte de equivocos. O paiz reclama de uns determinados individuos resoluções na hora da catastrophe, sentimentos na hora do perigo, — resoluções e sentimentos determinantes, que nunca se lembra de exigir-lhes ao depositar n'elles a sua confiança — a sua sorte individual e collectiva, o cuidado de lhe garantir a honra da nação, a prosperidade economica e os interesses e direitos do cidadão.

*

* *

São d'estas simples verdades que todos nós sentimos a cada momento pesarem sobre as nossas cabeças, mas que infelizmente raro entram n'ellas. Lembrou-se algum dia o eleitor de averiguar se o candidato que apresentam

ao seu suffragio é alguma cousa mais elevada e mais pura que um imbecil, um borrachão, um devasso, um faminto á venda? Nem se pensou n'isso! O candidato foi eleito a simples imposição de um centro e pelos processos conhecidos, de ameaças, de suborno e de peditorios. Saiu um deputado ás ordens para todas as tropelias *do seu governo*. E' consequente no seu aviltamento. Ninguem lhe impôz dignidade; não se obrigou ao estudo, ao trabalho, á fiscalisação severa dos direitos dos seus eleitores e dos direitos na nação. Sabe porque foi e como foi eleito, e procede em harmonia com a miseria da eleição. Se, em desaccordo com o *seu governo*, esse deputado se lembrar de que é um homem, um patriota, um representante da nação, commetterá de certo modo uma deslealdade. Ninguem o elegeu porque elle fosse um homem justo, e o *seu governo* tem-n'o alli para que elle se deixe de phantasias e para que obedeça.

*

* *

Exigir a um ministro da corôa sentimentos de equidade e sacrificios pela causa publica é pelo menos tão absurdo como esperar dedicação ao povo por parte dos seus representantes n'aquellas condições. Um ministro faz-se ordinariamente pelos processos que serviram á creação do sr. Arroyo—ministro. Muita petulancia, menos estudo, confiança na sorte, o que é um meio de fascinal-a, affectação de impudencia, que significa um homem forte: á meia volta de uma evolução politica, este homem é chamado.

Quem o auxiliou na conquista da sua fortuna? A quem deve elle a gratidão? Primeiro á sua habilidade, d'ahi á sua parcialidade politica, emfim ao seu rei. O povo não tem a contar com elle.

Nem o povo, nem os problemas, nem as questões palpitantes do paiz e do tempo d'esse mi-

nistro. Consulte-se novamente os homens do commercio, os homens da agricultura e os homens da industria; consultem os artistas e as sociedades scientificas, sobre o grau de interesse que pelo commercio, pela agricultura, pela industria, pelas artes, pelas sciencias, revelou um dia esse homem forte guindado á confiança da corôa: e homens de commercio e os outros poderão responder o seguinte, destinado ao futuro jazigo do janota *parvenu:*

— Amou as hespanholas da Antonia, a batota do Gremio e as tranquibernias dos fornecimentos. Apodreça em paz!»

*

*   *

Teem cahido sobre o negociador do tratado, o sr. Barjona de Freitas, as maldições do paiz. A obra d'esse sophista é realmente amaldiçoada. Aproxima-nos violentamente dos labios o calix de todas as miserias e de todas as vergo-

nhas. Corta-nos a palavra, em frente dos mostejos e dos insultos da Europa. Transforma a bandeira portugueza em lençol de prostituta de travessa. E' uma obra de covardia. Mas o paiz enganou-se com as habilidades do sophista, e talvez o proprio governo, n'uma corrente de atarantação, se illudisse com ellas. As habilidades do sr. Barjona poderiam deslumbrar ou divertir o parlamento portuguez; mas um primeiro ministro da Inglaterra é um *mestre do officio*. Para governar a Inglaterra não se escolhe um pateta irresponsavel. Houve quem o fizesse observar em occasião opportuna e para logo houve quem se risse desdenhosamente.—«Grande coisa um estadista inglez!» E' n'estas blasphemias de summa estupidez que temos de vêr a origem das nossas desgraças.

Afóra as violencias e as brutalidades do seu temperamento e da sua educação, um Salisbury é um espirito perfeitamente e profundamente orientado, sobre as questões do seu paiz e as dos alheios e sobre a correlação d'essas

questões, no ponto de vista dos interesses da sua patria. Não nos cumpre a nós expoliados fazer o elogio da mão infame que nos rouba e ultraja, mas faz-nos sorrir a pretenção stulta de arrastar a condescendencias e á equidade, o primeiro ministro da Inglaterra Que pretensão nova era essa, do sr. Barjona de Freitas e do governo portuguez, de obter concessões da Inglaterra a Portugal? . . .

*

* *

Oh covardes! Não se trata de ameaçar com a revolução, tendo atraz de vós os precedentes de uma fuga apavorada diante de trinta municipaes que apitam, atarantados e espavoridos! Não se trata de amaldiçoar os deputados que são obra vossa, os ministros que são fructo *d'este estado de coisas.* Trata-se de ter olhos que vejam, de beber menos nas tabernas e nas hortas, de examinardes a vida publica e

a vida privada dos candidatos ao vosso voto, antes de lh'o conferirdės, e de olhardes pelo vosso destino! Urgentemente, de que se trata é de derrubar um governo, — isto é, de tirar da cara esse escarro; depois, é preciso ver d'onde os escarros vêm, e olhar por que elles não voltem e não se amontoem nas faces da nação! Esse tratado é a explosão fétidissima de uma cloaca em fermentação. Nem resquicios d'essa infamia devem sobreviver, sob pena de todo o estrangeiro conquistar o direito de nos cuspir no rosto. Bateu-se a Dinamarca, ha vinte e tantos annos, contra duas grandes potencias que pretendiam roubal-a e que a roubaram; mas os cadaveres dos austriacos e dos prussianos invasores deram sangue para lavar a nódoa de um desastre. As maiores nações do mundo contam na sua historia tratados d'esta ordem, mas depois do combate e da derrota que não implica a deshonra. Acceitar isto — *só Portugal!* Receber esta avalanche de lama sobre a cabeça — *só Portugal*... E não per-

gunteis ainda: *O que é preciso fazer?* Vêde, se tendes olhos: vêde a vergonha de fóra e a miseria no lar! Applicae o nariz a esse monturo da nossa vida publica, n'uma hora em que não leveis o copo aos labios,—e dizei-nos a que cheira tudo isso..

E procedei!

II

Não é licito accusar-nos de violencia irreflectida, sobre a leitura do nosso primeiro numero. Não sacrificámos a extremo da cortezania, porque a hora não é de posturas convencionaes, mas contivemos a indignação nos dominios do sangue frio. Ninguem tem direito a exigir de nós outro sacrificio ás formulas. Nada mais concederemos.

*
* *

O tratado miserabilissimo está em discussão. Ha duvidas sobre o resultado d'ella, at-

tendendo-se á correcta attitude de regeneradores como os srs. Serpa Pinto e Manuel d'Assumpção, que voltaram costas ao seu partido, na hora em que elle descia ao seu plano do aviltamento. Mas na primeira sessão parlamentar o governo preparou uma surpreza: a das modificações de ultima hora.

Todos conhecem já as modificações apresentadas calorosamente em supplementos, que os vendedores de jornaes queimaram na praça publica, com applauso do povo. Mas é preciso deixal-as registradas, para recordação que deve ser grata ás discussões de ámanhã.

As alterações são as seguintes:

a — que na vigencia commercial e fluvial do tratado se não comprehende a antiga provincia portugueza de Angola;

b — que o tratado só regulou o transito, ficando por isso inteiramente livre a faculdade tributaria de Portugal em tudo que respeita a direitos de importação e exportação;

c — que a clausula que torna necessario o

prévio consentimento da Inglaterra para a cessão dos territorios que no tratado especificam será substituida pela simples reserva de um direito de preferencia em favor d'Inglaterra;

d — que a clausula que preceitua a nomeação de um engenheiro pelo governo inglez para o estudo de caminhos de ferro de Tungue, será modificada no sentido da nomeação de um engenheiro de nação neutra.

*

* *

Queremos perguntar, na corrente das nossas considerações do primeiro numero d'esta folha, queremos perguntar a essa escoria de politicos de entremêz, a esses galeotes da carta constitucional, que para ahi apodrecem o ambiente com a peste das suas entranhas — se depois de considerarem Portugal um paiz de miseraveis idiotas á disposição das suas tra-

tantadas, o julgaram um agrupamento de sandeus. Porque o nosso ministro dos estrangeiros não hesitou em declarar *que as modificações não prejudicam essencialmente o que se estipulou.*

Quer dizer :

Para o paiz são modificações profundas, annunciadas em supplementos pomposos:

Para a Inglaterra são meras formalidades, que não prejudicam essencialmente o que se estipulou.

A quem engana esse miseravel governo ?

Engana a Inglaterra ?

Engana o seu paiz ?

Estas interrogações seriam lastimosas pelo ridiculo, se alguem as formulasse illudido. O sr. Hintze a enganar o Salisbury, os sophismas e os dichotes do sr. Barjona a embrulharem o primeiro ministro da Inglaterra !

Para se medir, antes de examinar e sem a declaração insensata do governo, a importancia das novas alterações, basta vermos que a

Inglaterra — essa ladra perversa e astuta — as acceitou.

Questão de fórmulas, que deixam de pé todas as humilhações e todos os perigos:

A *preferencia* é a mascara do *consentimento.*

A neutralidade do engenheiro é a acentuação da vergonha nacional. Inglez, ou belga, ou allemão, o engenheiro será imposto pela Inglaterra.

As *vantagens* concedidas á provincia de Angola não se entendem com toda a provincia, mas com o interior, com o *hinterland.* E' a morte a praso — na phrase expressiva do *Tempo.*

Mas, para que sobre a burla d'estes homens, imposta ao paiz — e veremos se elle acceita a imposição — para que sobre essa burla, dizemos, venha um acrescimo de deshonra, o feroz ladrão inglez impôz — por honra de Inglaterra — ao pobre ministro de Portugal esta declaração positiva:

— As modificações não prejudicam essencialmente o que se estipulou.

*

* *

O que nos resta fazer?

O que temos a fazer, se o parlamento, na sua maioria, illudindo as ultimas esperanças, se pronunciar em favor da nossa deshonra?

Derrubar o ministerio?

Mas vindo outro governo, que temos nós a exigir-lhe?

A recusa formal e absoluta de negociar com a Inglaterra sobre aquellas bases?

Impossivel de acceitar. A corôa intervirá immediatamente, assustada com o rompimento provavel com a nossa querida ladra de seculos.

*

* *

Já correu sangue.

Foi o sangue dos humildes, dos populares que protestaram contra a infamia, e dos infimos agentes da auctoridade, que não comprehendem a ordem que os fórça á aggressão estupida e desalmada.

O sangue dos culpados está bem seguro. Não o pedimos. Lastimamos apenas que a haver derramamento não seja o do sangue d'elles.

Dissémos ao povo de Lisboa: — «Covardes, que perdeis o tempo nas tabernas!» Elle desaggravou-se da accusação.

Veja a provincia como sabem reagir os depauperados filhos da capital!

Olhe esse Porto pelas suas tradições de bravura, firmadas em heroicas luctas por essa Liberdade que os gatunos exploram e conspurcam!

Olhe esse Minho pela sua fama gloriosa de

rude batalhador, confirmada pelo seu hymno immortal !

Olhem essas provincias todas, onde o fisco vae confiscar o gado aos pequenos lavradores, para sustentar vádios : olhe para a sua miseria ; rehabilitem-se da accusação de indolencia e de servilismo ás ordens dos *centros!*

Unam-se todos e imponham a sua vontade. Se a orientação n'um pensamento unico é impossivel, mercê funesta da relaxação de tantos a quem cumpre o dirigir, o protesto espontaneo e vibrante é sempre util contra a ociosidade e é sempre temido pela traição !

III

Está bem definida a situação,— ainda mal para nós todos!

Não haja duvidas; sobre tudo não haja desorientação na critica da nossa desgraça.

Essa desorientação já principiou. Discute-se os principios religiosos e os principios politicos do sr. Martens Ferrão, o novo chefe do gabinete, como se os factos implacaveis dependessem, n'esta hora, dos principios dos individuos.

*
* *

Expiação de que? Dos abusos dos nossos maiores? Nada d'isso. Expiação dos nossos propríos erros, das culpas de duas gerações.

E no governo actual, condemnado antes da nomeação, — n'esse grupo de sacrificados — estão representadas duas gerações de politicos, pelos seus vultos proeminentes.

Não pediremos acalmação dos espiritos, depois de havermos concorrido para agital-os.

Não fugiremos á responsabilidade d'essa agitação.

Queremos que ella se robusteça, como ultima esperança de salvação da honra; mas queremol-a firmada no severo exame da situação.

Nada de desvio nas responsabilidades a impôr, — nem nas responsabilidades a acceitar! Nada de afastar a vista em frente dos perigos, nem de renegar o quinhão de culpa em frente d'elles!

*
* *

O governo regenerador cahido deixou uma herança deploravel. Não fuja nenhum partido politico ás responsabilidades d'ella. Se a casa administrada pela insensatez, durante largos annos, por numerosos mórdomos successivos, chegou á ruina financeira, é cruel e infame accusar o derradeiro mórdomo das culpas de todos elles.

A herança, explicada ao alcance dos mais acanhados espiritos e imposta aos mais indifferentes é a seguinte :

— A pagar : o coupon de outubro, os ordenados dos funccionarios, os soldos do exercito, as férias dos operarios, as despezas das obras publicas. *Nada com que pagar* ;

— Esperanças n'um emprestimo de algumas dezenas de milhares de contos, devido ás boas graças da Inglaterra ;

— Obrigação de acceitar o tratado, sob pena de gorar o emprestimo;

— Ruina commercial e industrial, deshonra da patria, perigos de uma revolução — *se o tratado é approvado*;

— Rompimento com a Inglaterra: — isto é, Moçambique, Lourenço Marques, S. Vicente e o mais que lhe convier, occupados immediatamente por ella; e o emprestimo malogrado: isto é, o governo sem dinheiro algum, a fome nas classes mais numerosas, a revolução provavel — *se o tratado fôr regeitado.*

*

* *

Ahi está aonde nós chegámos em sessenta annos de desperdicios, de loucuras, de regabofe no alto, e da relaxação e estonteamento em baixo!

E' n'esta hora que um patriota diz ao governo:

— E' preciso armarmo-nos até aos dentes!

Armarmo-nos — com que?

Mas não fiquemos em avisos pavorosos, nem em interrogações sinistras.

O deploravel é a suspeição que impende sobre os nossos homens publicos, — sobre todos elles.

O lamentavel é a fuga da confiança, que os desarma para a exigencia de sacrificios.

A desgraça da patria está na desconfiança reciproca dos politicos e do paiz, por modo tão funesto que aquelles não ousam dizer:

— Unamo-nos todos, para um sacrificio extremo. Da tua resolução em conservares-te honrado já nós temos a certeza. A patria será expoliada pelo voraz ladrão, mas conservará o direito de protestar dignamente perante o mundo. Ha, porém, as difficuldades crueis, as terriveis impossibilidades, se o quizeres, da pavorosa crise economica. Só o esforço sobrehumano de um paiz em perigo e com a consciencia d'esse perigo póde salvar-nos d'um es-

pantoso dilemma. Apellamos para o teu ultimo sacrificio: para a tua bolsa, depois de havermos contado com os teus brios.»

*
* *

Nenhum governo, — nem o que hontem cahiu, nem o que vae succeder-lhe, nem qualquer outro inventado pela catastrophe se atreveria a dizel-o, sob pena de ouvir do paiz esta resposta cruel:

— Sangrámo-nos em nossas veias, para conquistar a Liberdade; á sombra d'ella todas as conqnistas se tornaram possiveis na esphera do progresso. Ha perto de sessenta annos que essas conquistas, o pequeno numero realisado, tem servido para occultar os mais torpes e miseraveis abusos de administração. Tudo violastes, tudo corrompestes. Fizestes da ignorancia do povo a base da sua condescendencia, faltastes ás vossas promessas, vinte e quatro

horas depois de á sombra d'ellas haverdes conquistado o poder. Nem a industria, nem a agricultura, nem o commercio, nem a instrucção, nem a civilisação colonial, nem o exercito, nem a armada — tão vinculados á honra da patria — vos mereceram attenção, fóra dos intuitos exploradores. Arrastaste-nos á beira da voragem — e pedis hoje mais o extremo sacrificio. Não tendes direito a exigil o de nós e não temos o direito de fazel-o cégamente, sem ultraje á simples dignidade da intelligencia humana!

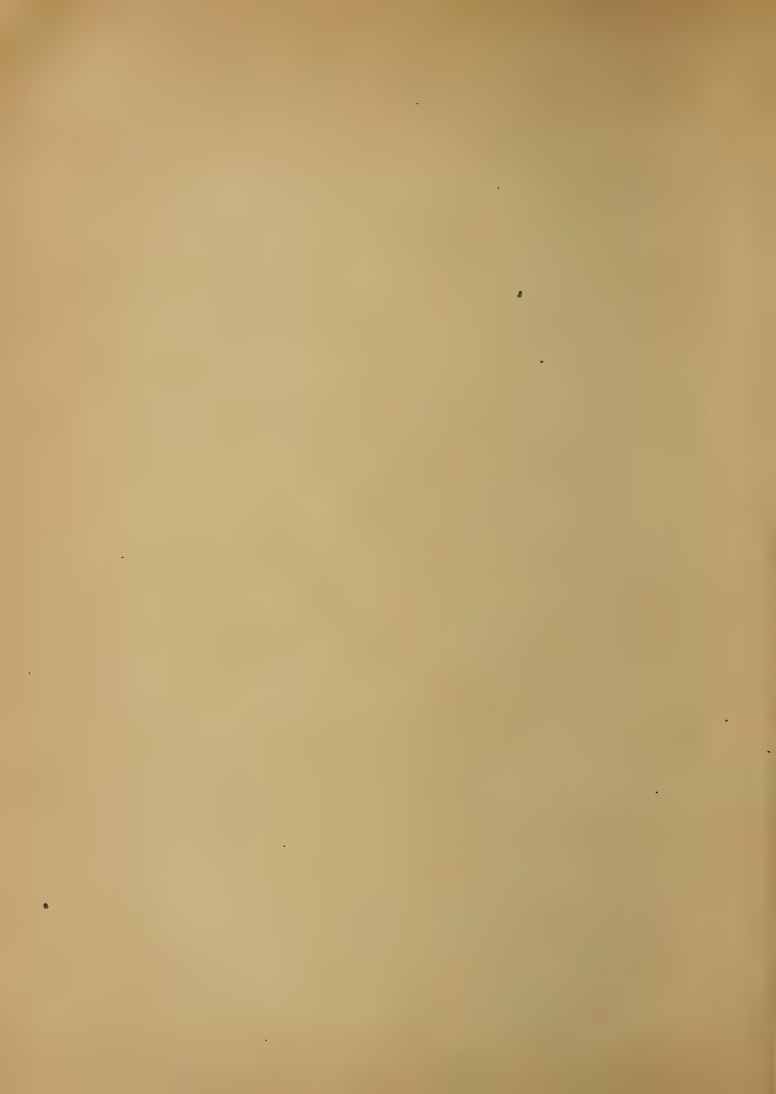
*

* *

E, todavia, os factos precipitam-se, e sacrificios novos teem de ser impostos. Devem ser acceites?

Pezem bem a responsabilidade perante a patria os que houverem de dizer — Não!

Não se esqueça o apuro de todas a responsabilidades, se nos erguermos até concedel-os!

1903 — 1904

VARIA

I

Publíca uma revista parisiense um curioso *inquerito sobre a Morte*, do qual o *Jornal do Commercio* de Lisboa extracta algumas consultas, traduzindo-as e annotando-as. Não ficaria mal aos descendentes de Affonso d'Albuquerque, do Gama, de D. João de Castro, etc., mais do caréca D. Anna, abrir sobre o assumpto um inquerito portuguez. Se o fizerem, contem com o meu subsidio.

No entanto, ouçamos o que lá dizem os outros:

*

* *

Tem pena de morrer? E porquê? — tal é a formula da revista. O francez Paul Adam responde, com uns visos de atarantação:

«Eu não teria pena de morrer, se não se tratasse de abandonar o que a vida nos concede de agradavel, coisa rara entre a multidão inventiva das contrariedades. Mas não tenho mais confiança na morte do que na vida. Entrevejo uma série de metamorphoses microbianas, uma divisão infinitesimal e penosa das minhas faculdades em multidões de bacillos e de vibriões, que, por sua vez, hão de soffrer, padecer, esperar e ter decepções, em proporções infimas e egualmente intoleraveis. Por outras palavras, a morte não me parece prometter o repouso, o nada, mas uma absurda e obscura palingenesia, cujas differentes estações me inquietam. Aqui, sei ao menos o que me espera, os contratempos materiaes, os trabalhos sem

intervallo, a hostilidade dos amigos, o odio dos adversarios, os calculos dos que me rodeiam e o desprezo que tenho pelos meus esforços inefficazes. Mas, depois? Não será peior ainda? A sciencia responde: Provavelmente.»

A isto, o *Jornal do Commercio*, que eu em muito considero, oppõe o seguinte:

«O facto de não nos recordarmos de uma existencia anterior e de não podermos comparar, pois, o estado presente com os seus successivos não impede que sofframos todas essas dores que nos affligem, e fraca consolação é não as podermos comparar com as que soffremos no passado.»

. . . Com o devido respeito, melhor fôra, por mais concludente, ponderar que a Sciencia não tem o direito de emittir juizo sobre o que está (?) para além da Morte. Sabe tanto d'isso como a Ignorancia, e bem lhe basta arranjar remedios contra a Morte—quando ella tem remedio.

O Paul Àdam *suppondo* e *publicando* hypotheses para terror de outros atarantados, per-

de excellentissima occasião de affirmar absoluta modestia e relativo sangue frio. Tenho dó da familia de tal fréguez.

Quanto a achar o *Jornal do Commercio*, uma fraca consolação—não podermos comparar as dores dos diversos *periodos*, quero sustentar para meu uso que é essa a verdadeira consolação. A morte separa o meu espirito d'esta carga d'ossos, de musculos, etc., a qual carga apodrece, como pódem verificar os que temem prolongação de soffrimentos physicos. Mas haverá talvez prolongação de soffrimentos moraes—correctos e augmentados; ora esses soffrimentos, se existirem, não serão os que me causticaram n'este mundo: nem os mesmos odios, nem as mesmas traições, nem o contacto ou a vista dos mesmos idiotas, ou patifes. E, portanto, a dar-se *vida nova*, embora de novas dores, que me importa, *a mim*, o que virá a soffrer o meu espirito tranformado n'outro *eu?* Tanto quanto me importa o que soffreu o meu espirito antes de vir a *este mundo*.

Bem esperto será quem, admittida a hypothese de o meu espirito haver existido, no seculo XVI, no corpo de um judeu morto nas fogueiras da Inquisição, — me despertar o temor de no anno de 2000 eu vir a ser enforcado como assassino. Que me importa o que succederá ao *eu* do seculo XXI, se eu não tenho a minima ideia do que fez e passou o *eu* do seculo XVI?! Sob tal posto de vista sinto-me consolado préviamente da minha inevitavel sahida d'esta scena, e recommendo aos velhos como eu — que se consolem com a ideia que ahi lhes deixo. Os rapazes não a arranjariam melhor.

*

* *

Anatole France reproduz do grego Euripides:

«A vida dos homens está cheia de dores, e as suas mágoas não acabam nunca. Mas essa

outra coisa, seja ella qual fôr, mais desejavel que a vida, está obscura e occulta debaixo de nuvens e nós amamos sem sizo a vida que brilha sobre a terra, porque não conhecemos outra e porque as coisas subterraneas nos não são reveladas. Estamos sendo agitados em vão, por mentiras.»

Como os pensadores são banaes quando chamados ao *tal assumpto!* O medo, mais ou menos disfarçado, surge das divagações humoristicas e das conjecturas pataratas, no inquerito da revista parisiense. Um, Jean Lorrain, diz:

«Não ha duvida que teria pena de morrer.

— Porque?

«Porque gosto da vida e porque se é sempre vingado d'aquelles a quem se vê viver.»

Deve ser affectação de maldade; mas está abaixo da questão.

Outro, Nahain, diz:

«Eu de morrer digo o mesmo que de mudar de governo ou de criado: a gente sabe o que tem e não sabe o que terá.»

Todo o espirito do meu barbeiro! Mas oiçam ainda outro humorista. É Royer:

«Teria pena de morrer, porque provavelmente encontraria no outro mundo um certo numero de sujeitos que tenho procurado evitar cuidadosamente n'este.»

Quer dizer, tudo isto,—que nunca pensaram no *assumpto grave*, até á hora em que a Revista os consultou.

*

* *

Aqui está um, que é humano: Lucien Descaves. Diz assim:

«Se teria pena de morrer? Pudera! Porque? Porque tenho tres rapazes e não quereria ir-me embora sem lhes ter dado, depois da vida, o viatico necessario para lh'a tornar pouco mais ou menos supportavel!

*

*   *

Afinal, toda a esperança nobre, sem combater a duvida, existe n'um só verso de João de Deus, — verso que eu gosto muito de recitar a sós, mas talvez pela melodia:

Não se é só pó no fim de tanta magua.

II

A proposito do supplicio de Gomes Freire — o nosso grande e desventurado patriota, — dei-me hoje a pensar na malograda conjuração de Minas Geraes em 1789 e no illustre e desgraçado patriota José Joaquim da Silva Xavier, o *Tiradentes*, suppliciado pelos Portuguezes, por accordão d'uma torpissima alçada, quando iniciava a obra da libertação e independencia nacional. Como o nosso Gomes Freire, o *Tiradentes* é um martyr e um predecessor.

Fructificou lá, como entre nós, o terreno liberal, regado pelo generoso sangue dos patriotas. Não o esqueçamos, as victimas do Portugal de hontem, quando choramos e saudamos a memoria dos nossos *martyres da Patria!*

*

* *

Morrer é ser iniciado — diz uma Anthologia antiga. Devemos pensar modernamente e humanamente, que a grande iniciação — a unica realisavel, a da Vida — está no rigor das confrontações. Nem dá para melhor a Historia. E assim poderemos vêr que ao lado de cada pagina de Oppressão está uma pagina de Expiação. Não são precisamente os *individuos* culpados quem soffre as reprezalias do vagaroso mas implacavel Destino. Quem soffreu foi a Humanidade, na Violação dos direitos do Homem: tal victima não registra, para saldos de

contas, nomes de individuos: não se apressa; cae a fundo, implacavelmente e *inesperadamente*.

Este adverbio é uma condemnação da intelligencia humana. Tomamos nota de uma divida pessoal; mas uma nação esquece as suas dividas ao formidavel crédor — á Humanidade, que ultrajou.

*

* *

A Historia da conjuração Mineira é um horror — desde a traição e a espionagem dos naturaes infames, até á crueldade da mãe-patria. Acabo de relêl-a nos estudos do escriptor brazileiro J. Norberto de Sousa e Silva; não falta á narrativa, aliás calorosa, um protesto contra o sonho de *desaggregação republicana* dos conjurados. A *desaggregação* em que o escriptor brazileiro antevia cataclysmos anarchicos, era então, — em 1792, o sonho dos immortaes re-

volucionarios que em França se chamavam Vergniaud, Guadet, Brissot e todo o luminoso partido da Gironda. Chamava-se Federação.

No cadafalso morreu o sonho, com os sonhadores. Triumphou o unitarismo de Rousseau e do seu filho bastardo — Robespierre. E n'esse dia tornou-se possivel Napoleão!

Os Estados-Unidos do Brazil tornaram realidade *o sonho* de *Tiradentes*. E sem anarchia, nem hypothese de surprezas...

III

Ante-hontem foi sepultado o *Carlos Jorge*, meu condiscipulo em 1860 *(ha 43 annos)* no collegio de Rademaker, em Campolide. Morreu perto dos 60 annos d'edade, sendo um amanuense e um mestre de cerimonias, — e respeitado por todos os homens de bem. O meu *Carlos Jorge*, de quem fui amigo durante 43 annos, era a Dignidade. Pertencia ao partido

Legitimista e era *sinceramente* catholico. Ainda bem que morreu entre amigos e sem privações! Honra á gente do seu partido!

Não me esqueço de que, ha tempos, tendo eu publicado no *Jornal do Commercio* um artigo em defeza dos creditos pessoaes de D. Miguel, o *Carlos Jorge* me agradeceu, com as lagrimas nos olhos, a minha attitude. Foi ao Arco de Santo André, uma manhã, que elle me disse: — «Hontem na *Nação*, disse o Fernando Pedroso: — «Aquelle Silva Pinto, apezar dos seus defeitos, sempre mostra que é filho de seu pae.»

Fez-me bem aquillo, apezar do ponto de vista *politico*.

Escreve-me um *brazileiro reconhecido*:

— «Disse v. bem, quando citou os Girondinos, a proposito do *Tiradentes*; mas esqueceu-lhe notar que Vergniaud e os outros da Gironda foram para o cadafalso cobertos de apupos

do povo francez — ingrato e vil — emquanto que o *Tiradentes* foi acompanhado pela dôr de um povo por quem se sacrificara.»

...Eu lhe digo: — O historiador da *Conjuração Mineira*, J. Norberto de Sousa e Silva, escreve no seu livro sobre o assumpto (pag. 412), referindo-se ao supplicio do heroico *Tiradentes*:

— «Parecia que vergavam as janellas, com o pezo das mulheres e creanças que supportavam, — rica e luzidamente vestidas, como se se tratasse de uma grande festividade ...»

Por aqui se vê que os patriotas brazileiros *assistentes* nada ficaram a dever aos de Paris. E quer isto dizer — que o povo tem de ser servido sem *restricções mentaes*.

IV

Traz-nos a imprensa franceza noticia de no parlamento, em França, se haver discutido,

com muita risota, o furor de condecorações n'aquelle paiz, — furor de ostentação e de concessão.»

*

* *

E' um dos assumptos que mais me irritam, e eu explico porque. Houve tempo, e não vae longe, em que eu nutri a ideia de ser condecorado — com a Legião d'Honra. Cá da terra... nem por graça! Um dia Sarah Bernhardt tomou a seu cuidado obter-me aquella delicia, e, pouco tempo depois da promessa da Maior de Todas, eu tive, em consciencia, de escrever-lhe, pedindo-lhe que se dispensasse de me obter aquillo — *et pour cause.*

*

* *

Fiquei desesperado, pois que não vendo eu, cá na terra, coisa decorativa que me seduza,

esperava o meu fundo de creancice — o que existe em cada homem sombrio — que a França tão decorativa e foliona, me fornecesse uma fitinha vermelha... que eu usaria em casa, pelo menos. E vae d'ahi, rebenta-me a noticia de ter sido agraciado pela Legião d'Honra *aquelle idiota*, mais *aquelle troca-tintas*, mais *aquelle*... Ora, pois, á ordem e na decencia!

*

*   *

... Bem me dizia meu pae: — «Nunca has de ser nada neste mundo!» Tinha razão o velho pratico. Hei-de descer ao coval, — fugindo ao meu jazigo de familia, para não envergonhar os meus parentes com o meu contacto, depois da minha morte, como os não envergonhei quando fomos vivos, — hei de ir para o coval, sem uma condecoração e apenas com doze mil paginas escriptas, publicadas e lidas.

Nada mais do que esse montão de papel, contendo trabalho cerebral, justificará o empenho dos meus amigos de Cerva e de Mondim em fazer erigir-me uma estatua. Entre nós: ha de ser equestre, aproveitando-se *aquelle burro* que alli está e que eu não cito por dó da familia d'elle. Vá mais esta homenagem tola ao *bom coração!*

V

Se ainda alguem de boa fé e com regular mioleira houvesse de carecer e de pedir documento valioso e indiscutivel para se aquilatar o estado de *tudo isto*, o *exigentissimo* caturra apanharia uma indigestão com a noticia da sessão de hontem na camara dos pares — e, é claro com a *impressão* produzida na opinião publica.

*

* *

Falo dos discursos dos srs. Hintze e João Arroyo. Se este foi pródigo em ironias, parece que o chefe do governo não se excedeu em retaliações. Mas, emfim, ha *leis de delicadeza*, *conveniencias*, *coisas*, que a bella sociedade respeita — para consolador sorriso dos mysanthropos.

Refiro-me especialmente ao seguinte ponto:

« — Se v. ex.ª dá licença, declara o sr. Arroyo, direi já o que tencionava dizer logo. Falou v. ex ª em defecções do partido. Só fui auctor de uma, quando v. ex.ª presidindo a um governo, que não era este, foi a minha casa, na companhia de um collega seu no ministerio, dizer-me que faziam completa justiça á minha Innocencia n'uma determinada questão, que acreditavam na sinceridade do meu procedimento, mas que se viam obrigados a mandar proceder. Limitei-me a cumprimental-os, e, quando fiquei só, chorei...»

Vejam mais isto:

«Sussurro na camara. Algumas vozes perguntam: — O que foi isso? o que foi isso? — Outras pedem silencio, e, o sr. Arroyo sentando-se, continúa o chefe do governo:

« — Não trata o digno par do governo actual, mas de factos passados, que foram tudo o que podia haver de mais correcto. Esse governo de então fez o que não podia deixar de fazer, fez aquillo a que era obrigado moralmente...

«E, depois de se defender das ironias do sr. Arroyo aos chefes dos partidos, e de defender os ministros, seus collegas, o sr. Hintze passou a defender o governo, do ultimo periodo do discurso do sr. Arroyo.»

Viram?

*

*   *

Ora, bem se importa a *opinião publica* com a defeza do governo! O que ella hoje preten-

dia e phreneticamente reclamava era — *esclarecimentos sobre os factos passados* — que fizeram chorar o sr. João Arroyo. Que demonio fez o tal governo—que aggravou o sr. Arroyo —*fazendo o que não podia deixar de fazer!?* Bem se lhe dá, á opinião publica, que o governo dos *factos passados* fosse cruel ou justiceiro e que o actual governo mereça defecções! O que se quer é o pratinho do escandalo, tanto mais apetitoso quanto mais depressa retirado, depois de espalhado o cheiro.

*

*   *

Está um dia lindo e eu não experimento desejo de ir gosal-o, vendo os campos dourados pelo sol. Temo que o Creador retire o sol e envie temporaes, para castigar a Humanidade. *Tudo isto* escurece o horisonte e desperta grande irritação — *por se haver nascido*. Mas vamos aos miudos!

Como pratico em lagrimas — lamento que o sr. João Arroyo as revelasse no parlamento ao paiz, e em dia de ironias.[1] Parece que a declaração do choro é mais uma d'ellas! E, depois, não vingo comprehender porque chorou um homem novo, intelligente, rico, considerado por toda a gente que lhe frequenta os opulentos salões, e convencido de que iam perseguil-o os que a sua casa foram notificar-lhe a perseguição, com declarações simultaneas de respeito pela sua innocencia! Não percebo. Eu, em taes casos, não teria chorado. E' bom respeitar as lagrimas — que podem servir para quando nos morre um filho. E dado que em momento de desorientação se lhes dê curso, é deploravel a revelação a uma sociedade que não sabe chorar, nem rir — e apenas mostrar os dentes.

O sr. Hintze poderia, n'este ponto, ter sido

---

[1] Em 8 de março, 1903.

severo; mas esquecia-me que tinha de defender o governo.

Decididamente, sempre vou até ao campo. Talvez Deus não reparasse na sessão.

VI

(VISITA DO REI HESPANHOL)

Registrei o assumpto em cartas á *Voz Publica* do Porto. Como sabem os contribuintes, aquillo passou-se em dezembro do ultimo anno findo. Assim se disse:

*

*   *

Pois que os historiadores — os de ámanhã — terão de recorrer á informação jornalistica de hoje, para o fim de fazerem Historia, não me parece inutil a tarefa de embargar *coisas* de informação pouco ageitadas, como diria o

. . . .

outro, aos angulos faciaes da alma intangivel... Justo! é do *Burro do sr. Alcaide.*

*

* *

Ora deixem-me significar-lhes que nada auctorisou, no procedimento do nosso povo — acorrendo pressuroso a vêr as festas — a julgar estabelecida uma corrente de sympathia entre os *dois povos irmãos*. E' mentira. Toda a gente sabe, por estudo, ou por instincto, que se a Hespanha nos não devora, é porque não tem dentes que sirvam; ninguem ignora que ao acabarem de bombardear a California e de metter no fundo as esquadras americanas, os Hespanhoes tiveram um tocante *pensamento nacional*:— absorverem Portugal, como medida compensadora; e ninguem esqueceu aquillo do *Imparcial*, fechando um artigo de amarguras: —«Até Portugal nos lastima.»

Nem esquecem os desmandos grutescos e

recentes de um jornal militar hespanhol, contra o monarcha portuguez; mas perdoar isso não é bem com o povo.

*

* *

O povo de Lisboa acorreu pressuroso a vêr o pequeno rei Affonso, como não deixaria de ir vêr o feroz Abdul Hamid, se o turco viesse a Portugal. E foi cortez com o visitante, porque tomou chá em pequeno: — antes tomasse caldo, lhe diria o sr. Ramalho Ortigão. Pois sim, mas não seria tão delicado.

Quanto á *leal cidade de Lisboa*, a dizer amabilidades, pela bocca do sr. conde d'Avila, lembra as amaveis coisas que ella disse, por bocca de outro sujeito que a representava, ao rei Filippe II de Hespanha e Primeiro da dynastia Filippina em Portugal; depois, com a mesmissima *lealdade*, saudou o D. João IV; mais tarde, foi *lealmente* miguelista e depois constitu-

cional; e hoje, nos intervallos da suja réga das ruas e do arranjo de carne exangue, para sustento dos lisboetas, a municipalidade da *sempre leal* dirá quantas tolices delicadas lhe convier — seja a quem fôr, alternadamente. Que appareça o sultão da Turquia!

*

* *

Resulta das ponderações, que acodem ao espirito critico, a seguinte conclusão: — Que n'estes casos de visitas régias, o povo serve, antes de tudo, para pagar as despezas; e acresce que no cortejo e mais lérias, em que abundam os *D. Annas* carécas e os coiros cabelludos, o povo faz, sem dar por isso, um papel importante: — o de satisfeito com a marcha das coisas e amiguinho, para a vida e para a morte, de quem *elles* quizerem. O povo não dá pelo seu papel, como não sente logo — que pagou tudo. Não protesta, mas tenho o direito

de annotar, pois que, se estive nas festas, é tambem certo que paguei.

*

* *

A proposito das prendas e outras miudezas do rei Affonso XIII, conta e commenta um jornal:

«Imagine o leitor o faustoso cortejo d'hoje, descendo a rua do Alecrim, entre filas de soldados. No magnificente coche d'el-rei D. João V, todo recamado de ouro, vão os dois reis da Peninsula, saudando em continencia cerimoniosa, para um lado e outro.

«Subito a fisionomia grave do joven monarca hespanhol illumina-se, el-rei estende a cabeça para a janella e insistente e effusivamente saúda com a mão e com o sorriso.

Quem?

Egual, outro monarcha ou pessoa real que di-

visou ao longe? Algum grande de Hespanha, ao menos?

«Não. Apenas o seu professor de allemão, que acaba de descobrir n'uma janella do Instituto Berlitz...»

E' eloquente o caso do rapaz a saudar o professor, encontrando-o em terra estrangeira! Mas, ha outra coisa eloquente: vem alli no *Seculo*, a proposito de uma caçada aos pombos — á falta de tourada. Vejam isto:

«N'um dos pombos que lhe pertenceram na segunda *poule*, sua magestade ao dirigir-se para a *court*, disse para o nosso rei:

— Yo me voy a matarlo de costas.

E, collocando-se nessa posição, atirou com o *bonet* para o meio da *court*, dizendo:

— Ahora abran la gaiola al pajaro.

O encarregado d'esse serviço assim o fez, mas o nosso regio hospede, ao voltar-se, não visou bem o pombo, que foi voando, ainda

que tivesse espalhado pelo ar algumas pennas.

D. Affonso XIII, percebendo isto, apanhou o *bonet* do chão e, acompanhando a phrase com o gesto, disse para o senhor D. Carlos:

— Pobresillo! va mismo al pie cojito.»

. . E' de bom coração, hein? Quanto ao *pobresito*, dava ideia... Não lhes direi de que, em attenção ás leis da hospitalidade. Apenas, para justificar um sentimento de lastima, que me opprime, farei notar que o professor saudado na rua foi logo entrevistado por jornaes noticiosos, — como um feliz da Terra.

Adiante!

*

* *

Não me detenho de registrar este pensamento. Pondo de parte a Historia e as nossas relações seculares, que ella accusa com os nossos visinhos,— pois que o pobre reisinho, co-

mo o cordeiro de La Fontaine, *ainda não era nascido*, sempre lhes direi que eu não me dispensaria de ir vêr um visitante coroado, com representação historica. Por exemplo, o turco Abdul Hamid, nostalgico e sinistro, — ou o austriaco Francisco José, bondoso e desventurado homem: ambos a aguentar a responsabilidade do desmembramento fatal de duas potencias que dominaram o mundo, e ambos os monarchas com activos de formidaveis campanhas militares e politicas. Esses sim — lembram ainda Solimão e Carlos Quinto, e a decadencia imposta pelos destinos aos dois imperios é ainda grandiosa e ameaçadora.

Eu iria vêl-os. Em brincadeiras de mau gosto não buscaria equilibrio a severidade da minha velhice...

*

*   *

Agora, que se foi embora o *pobrecito*, já se póde tirar certa conclusão, sem aggravar as

leis da hospitalidade. E vem a ser que a Divina Providencia, escóra do regimen constitucional, como tal invocada no discurso da Corôa, *não deita gatos, nem concerta chapeus de sol.* Até o Albano da Cunha percebeu!

*

* *

Chove a cantaros e ha cada vez mais lama nas ruas da *sempre leal cidade.* Andam atolados todos os *snobs*, bem como os 80 a 90 $^0/_0$ e faz-me isto pensar em certo capitulo dos *Miseraveis.* Ora, deixem-me procurar e com segurança...

E' no IX volume de uma edição de Lisboa, de 1862, bella traducção de Silva Vieira. Cá está o final de capitulo VI: — João Valjean, levando Marius quasi morto pelos canos de Paris, ajoelha com o seu fardo, ao conseguir sahir do grande charco e depois (*fala V. Hugo*):

«Tornou a erguer-se, tremulo, gelado, infecto, eurvado ao peso do moribundo, todo elle escorrendo lama, mas com a alma illuminada por extranha luz.»

Coecebe-se que o *atolado* de Victor Hugo era *illuminado* pela consciencia emquanto que os *atolados* da Avenida da Liberdade só contavam com a illuminação das tigelinhas do Queiroz Velloso. Cebo para a nossss decadencia!

*

*   *

Quando Fontes foi investido no *Tosão de ouro*, o sr. Ramalho Ortigão, registrando a ceremonia nas *Farpas*, concluia, se bem me lembro:

— «E ninguem se riu.»

Agora nada disse o sr. Ramalho, mas não faltou quem se risse.

... Se eu fosse capaz d'uma inconficencia...

*

* *

Na camara municipal, o sr. conde d'Avila disse coisas, a que respondeu, entre outras, o rei Affonso;

«Razon dobrada teneis, señor presidente, para recordar las tradiciones gloriosas, las afinidades etnicas, e la communidad de condiciones economicas que unem a ambos pueblos, a Portugal e a España, porque uno e otro, en el pasado, por su historia, y en el provenir, por su amistad cada dia mas intima, como fundada en la reciproca estimacion y mutuos interesses, asseguran la cordialidad de sus perdurables relaciones.»

.. Coisas e tal — nada certas, pois que não ha amizade alguma, antes em Hespanha a idéa fixa de nos devorarem, e em Portugal a certeza de que o papão não tem dentes.

Ha porém no discurso do reisinho uma coisa exacta: é quando dá a perceber que Portugal e Hespanha estão egualmente depennados.

... Eu cá não fui!

VII

Eu promettera, é certo, não mais fallar d'este assumpto, para não desgostar os *deita gatos* e os vendilhões de *rendas;* mas as circumstancias estão-me impondo mais umas notas á margem dos acontecimentos.

*

* *

Não ha duas opiniões differentes, de sujeitos com mioleira, ácerca da desorientação que faz viajar o filho da rainha Christina, dadas as condições em que se acha a Hespanha. — Tornará elle a entrar? E dado que entre, o que

irá elle enconţrar no seu paiz? E' claro que outros assumptos existem que mais prendem a minha attenção; — mas trata-se de assumptos *publicos*, bem entendido.

No entanto, leia-se o que escreve um distinctissimo jornalista de Lisbo, — não jacobino nem mesmo republicano. E' o sr. dr. Carneiro de Moura, no *Liberal*. Leiam isto:

«Hoje em Hespanha ha só um partido com fortes tradições populares: é o Carlismo. E ha só cma idéa nova vigorosa — a Republica Social.

«O carlismo é mantido pelo clericalismo, pela aristocracia e pelos grandes proprietarios.

«O republicanismo é sustentado pela fome, pelos doutrinarios das escolas, que os operarios seguem de bom coração e de estomago vasio.

«N'esta situação a gente que rodeia Affonso XIII é o menor numero, evidentemente. Porque, depois que se perderam as colonias e com o thesouro a dar horas, as barrigas constitucio-

naes dão horas e gritos de protesto, porque a monarchia constitucional já não póde despachar os *capitanes-generales* para Cuba, nem despachar os *abogados* de Madrid e Saragoça. Com isto foi-se-lhe a ultima clientella, e é de receiar que Affonso XIII, ao regressar a Madrid, encontre por lá a guerra civil que será terrivel, porque será a guerra da fome n'um paiz que se descuidou de pensar no seu futuro.

«Entretanto a situação do governo de Portugal não é boa, porque não é nada agradavel receber um hospede em tão deploraveis condições...»

... Vão lá porém deixar da collocação das tigelinhas e dos trics-tracs os *patriotas* que nós sabemos.

*

*   *

O tempo conserva-se invernoso e vae destruindo as ornamentações dos *dois patriotas*.

Mas Annibal, sem offensa ao grande Carthaginez — não deixará de vir para Cápua A ver o que por *lá* fazem os Romanos de Scipião!

*

* *

Para o jantar de gala projectado estão convidados homens como *D. Anna*, mas não houve meio de apresentar o unico homem de letras, importante, que poderiam apresentar, pois que é *empregada do Paço* — o sr. Ramalho Ortigão.

Ainda então a tempo de chamar o *Albano da Cunha.*

D'uma gazeta:

«O sr. conselheiro Custodio Borja foi hontem ao Paço das Necessidades, agradecer a sua

magestade El-Rei a sua nomeação para governador geral da provincia de Angola.»

... Ao contribuinte é que não se agradece. Bem, bem, não ha de quê.

*

* *

Sendo os dias 10, 11 e 12, de feriado em todas as repartições e nos tribunaes, vamos ter o seguinte:

Antes d'hontem 6, foi domingo, hontem 7, foi *dia entalado*, hoje 8 é dia santo. ámanhã 9 é outra entalação; seguem-se 10, 11 e 12 para festas, o 13 é domingo e o 14 para descançar da ociosidade. Total: nove dias de patuscada ou de mandria.

E o Zé contribuinte a suar — como burro!

Um aspirante a boticario d'aldeia, diz — que eu ando aqui a calumniar os vizinhos Hespa-

nhoes, os quaes não tendo culpa dos *60 annos* que nós sabemos, *foram sempre nossos amigos.*

Procure o inepto amigo das Lolas e dos Pépes a *Carta do Padre Antonio Vieira a D. Rodrigo de Menezes*, em 31 de dezembro de 1672, e leia commigo:

— «A mesma Hespanha é inimiga nossa irreconciliavel e todos os castelhanos em nenhuma outra coisa teem posto a mira que o fazerem-se senhores de Portugal. Assim o ouço nas boccas de todos e lh'o vejo muito melhor nos corações...»

Percebeu o aspirante a boticario d'aldeia? Ora, é d'essas preoccupações criticas que resultam os funestos *enganos nos remedios.*

Percebeu, seu patetinha?!

Os subditos hespanhoes residentes em Lisboa offerecem ao seu rei — *uma chapa.* Está direito.

Mas, sendo a chapa de ouro, acode pensar que a sua importancia mataria a fome a muitos galleguinhos esfaimados, que por ahi se dizem *deita gatos*.

Mas se a *chapa* é indispensavel...

Mas se...

Cebo!

VIII

Foi em 1879 — ha vinte e cinco annos. Conversava eu, de manhã cedo, do meu quarto, para o quarto contiguo, da casa de hospedes, na rua de S. Lazaro, no Porto, com o sr. Ignacio Brandão Pereira Cabral, meu visinho. Queixava-me das causticações da vida e de que a sr. D. Maria Barbosa d'Araujo e Silva, nossa hospedeira, a quem eu devia uns mezes de hospedagem, houvesse dito, n'essa manhã, a alguem que lhe participára doença minha:

— «Que morra, mas depois de me pagar!»

E o sr. Ignacio Cabral, sustendo o riso:

— «Ora, a desavergonhada! Já viu? ..»

*

* *

N'aquelle momento chegou um telegramma de Lisbôa, com o qual desde a vespera, me procurava por toda a parte o boletineiro. Era dirigido a *Silva Pinto n'um jornal do Porto*, e expedira-o o sr. Flamiano Anjos. Dizia-me:

— «Seu pae falleceu hontem e sepultou-se hoje.»

Li e fiquei algum tempo a ouvir falar o sr. Cabral, sem vingar nitidamente perceber o que elle dizia, nem o que dizia o telegramma. Subitamente, desatei a soluçar.

E' que me recordava que meu pae protegera a minha infancia e os primeiros dias da minha mocidade, antes que influencias extranhas lhe acirrassem repugnancias de crente e de partidario, contra a minha orientação. E como eu demorasse uma resposta ao meu interlocutor e ficasse silencioso, assomou elle á porta do meu quarto e d'alli me viu soluçante.

Interrogou-me em sobresalto de curiosidade e eu mostrei-lhe o telegramma.

— Coitado! exclamou com a respectiva cortezia. E logo, indo á porta da escada:

— O' D. Maria!

— Diga!

— Faz favor? E' coisa séria.

Veiu correndo, a D. Maria.

— E' aqui o sr. Silva Pinto. Morreu-lhe o pae.

— Coitadinho! Ora deixe: não esteja assim a desesperar-se! Todos havemos de ir, e o senhor sabe d'isso melhor do que eu!

Não sabia tal: sabia o mesmo. E a D. Maria, baixinho, para o sr. Cabral, mas de modo que eu ouvisse:

— Tem muito bom coração! Veja o senhor: elle e o pae viviam de mal e o pobre rapaz tinha soffrido muitas injustiças. Pois senhor, olhe como elle soffre!

Annos depois, vim a saber que a D. Maria me indicava a todos os hospedes como

um doido mau, justamente expulso pelo pae.

E não foi feliz essa mulher!

Não posso dizer-lhes o que teem sido estes vinte e cinco annos.

Mas, realmente, é preciso ter um rhinoceronte na alma — para resistir. Safa! ..

*

* *

— Safa! — lhes disse eu. E' que os meus *obstaculos a vencer* na travessia de trinta annos, acham-se synthetisados nas seguintes palavras que no *Dia* publicou, o mez passado, o sr. Raul Brandão, litterato distincto, que não figura em galerias de matulagem e a quem é sempre agradavel chamar *um collega*:

— «O que este homem (*Silva Pinto*) resiste! Como elle renova o coração e os nervos! Aonde vae elle buscar essa mocidade e esse impeto, que nem *o assalto perpetuo da qnadrilha* nem

....

o vasto panorama da existencia, a que elle vem assistindo, nem as lagrimas que a occultas terá chorado, quebrantam — e ensinam *a saber viver?*»

. . . Não sabe? Nem eu.

Insiste o *Jornal da Noite* em referir-se á monstruosidade (vá lá o euphemismo brando) do busto do conselheiro Ennes no theatro de D. Maria. E eu não desisto de acompanhar aquelle excellente jornal. O conselheiro Ennes, author da reforma destruidora do Theatro Normal, — da ridicula reforma que fez installar no theatro de D. Amelia os principaes artistas portuguezes,—collocado á beira de Garrett e de Emilia das Neves, é para a gente pôr um apito á bocca: tal é a immoralidade. Não tenho a menor duvida em que o desaforo irá por diante, mas eu hei-de commentar—em portuguez.

Diz o *Jornal da Noite*:

«Quem oiça fallar pelos cafés e pelos theatros os illustres escriptores que tomaram a si a nobre missão de todos os dias fornecer ao respeitavel publico, pela modica quantia de 10 réis, o que ha de melhor em opiniões sobre os acontecimentos da vida portugueza, terá extranhado forçosamente que esses senhores não digam palavra nas suas folhas, sobre a questão do busto, quando nos perdem occasiões de, pelos cafés e pelos theatros, dizer que a inauguração do busto a Antonio Ennes é muito simplesmente uma pouca vergonha.»

... E deriva-se o *Jornal da Noite* a conclusões interessantes, partindo de uma *conspiração de silencio* — de que desejariam tornal-o victima. Não ha perigo. Toda a gente lê hoje aquelle jornal.

. . . .

*

*   *

Conspirações de *silencio* e de *elogio mutuo* prevaleciam, ha perto de quarenta annos entre nós, até quando os iconoclastas da *Questão coimbrã,* antes, e depois Luciano Cordeiro e um grupo de rapazes seus companheiros, derrubaram os idolos e os processos. Deu trabalho aquillo, e quem diria aos trabalhadores — que um dia, mais tarde, hoje, as conspirações de *silencio* e as *de elogio mutuo* estariam de pé mais desaforadas que nunca!

*

*   *

Mas, não deixa de prevalecer esta verdade, que é antidoto infallivel: não ha silencio nem hostilidade activa que consiga prejudicar o que tem valor, — nem a berrata encomiastica de

colligados dará vida ao que nem tem valor algum.

Por que rasões de serviço publico me obrigassem hoje a demorar-me em certa repartição do Estado, pude ver que algumas dezenas de cavalheiros pediam bilhete para a *recita de gala em S. Carlos*, como quem pede a salvação. E como alguns *ameaçassem o governo*, eu contei, á vista d'esses o seguinte:

Era ministro do reino Barjona de Freitas, quando um bello dia lhe entrou no gabinete um deputado da provincia, dos mais estupidos e grosseiros. Exaltou-se o bruto, logo que viu o ministro e berrou-lhe:

— «Ou v. ex.ª me faz o que os meus eleitores reclamam, ou eu atiro com a albarda ao ar!»

E Barjona:

— Não faça isso: que eu não sei montar em pêllo!...

. . . .

*

*   *

. . . O que estes merdas por aqui fizeram com os tric-tracs e as tigelinhas!

X

Vê-se nos jornaes que o sr. Cavalheiro foi dizer de sua justiça ao sr. Teixeira de Sousa a proposito do que ahi se disse ácerca d'elle—*commissario régio junto da Companhia dos Phosphoros*.

Mas que diria aquelle commissario áquelle ministro? E que responderia tal ministro ao commissario?

Estamos a ouvir o sr. Cavalheiro a protestar pela sua innocencia—e o sr. Teixeira de Sousa, um especialista, a dissipar as amarguras do sr. Cavalheiro.

Todos os interesses se hão de conciliar: os

da Companhia, etc. Todos ; para isso é que se paga ao ministro, mais ao outro.

*

* *

Vejo numerosos calculos ácerca do preço dos phosphoros. Parecem-me errados os calculos. Se eu, em uma caixa que se suppõe ter 40 phosphoros, apenas consigo aproveitar dez, sae-me a um real cada phosphoro. E, se isto não está certo, ainda eu seja burro, como o jornalista *Mata-piolhos!*

Mas emfim, expiam os Portuguezes d'hoje as perfidias e as violencias dos nossos maiores : sem credito, sem dinheiro, troçados e comidos por diversas Companhias — peiores do que as do Du Guesclin,—bebendo zurrapa, comendo pão sem farinha e carne sem sangue e gozando as delicias de uma instrucção publica com o saldo negativo de *80 a 90 p. c.* Estão

vingados os manes das nossas victimas do Oriente.

Certo foi achar-se, ha vinte e quatro horas, ameaçado o governo — da sahida de algum ministro; mas tudo se compoz e os varões que já arregalavam o olho para alguma pasta, — *D. Anna* e *Albano da Cunha*, á falta do *conde Bligot* — recolheram ás respectivas privadas. Tampa em suas aspirações!

*

* *

A proposito. Informa o *Diario de Noticias*:

«O sr. conselheiro Pereira e Cunha não vae para o Cairo, mas sim para o tribunal de Mansura, d'onde poderá ser promovido por antiguidade, para os tribunaes de Alexandria ou d'aquella cidade.»

... De modo que *D. Anna* ficará sendo um socio correspondente das Pyramides do Egypto, até que o coiro ex-cabelludo atinja o ponto a que se refere o cantor do *Amigo Banana*:

E alisava sem custo o cabello,
Se não fosse careca de todo.

Não lhe faltarão esperas na *gare* — ao kedhiva!...

XI

Acabava eu de me lamentar por falta de assumpto, quando li n'uma folha de Lisboa—que não faltam assumptos e que sobeja o calor, o que determina errados queixumes. E, justificando, mais diz o jornal—que para nos dar que fazer temos guerra no ultramar, movimento republicano em Hespanha, combinações anglo-allemans sobre a Africa Occidental, machinações dos syndicateiros em Portugal, etc.

....

E eu digo ao jornalista — o benemerito redactor do *Imparcial*, que hoje se chama O *Liberal*, o sr. dr. Carneiro de Moura: — Não ha alli *assumpto* para discutirmos, porque tudo aquillo é da Fatalidade Historica, irreductivel, inalteravel, desde os pretos e mulatos que se revoltam até aos aos syndicateiros de qualquer côr, ou de furta-côres e o resto.

Andando, apesar de tal calor!

— —

Nos ultimos dias, supponho que, por falta de melhor assumpto, teem vindo á suppuração, na imprensa, umas tentativas para *beneficiar* os nossos homens publicos em geral, — condemnando a tendencia nacional para a male dicencia. Não ha duvida que o Portuguez é dos que péccam por má lingua contra a sua patria e os seus patricios, mas ainda agora eu lia no livro de Balzac *Grandeur et Décadeuce de César Birotteau*, que, em França, usam de-

nominações estrangeiras applicadas a artefactos e generos nacionaes, — porque os Francezes não podem supportar as coisas do seu paiz. E' de Balzac, um que conhecia o mundo, e quero eu concluir, na citação, que não somos originalmente desdenhosos para com a *prata caseira.*

*

* *

Agora vejo no *Popular*, na corrente da defeza dos homens publicos, em referencia ao que vae pelas nossas sugadissimas colonias:

«... E no funccionalismo nem todos lá vão só para ganhar dinheiro e fazer fortuna depressa. Seria uma injustiça revoltante não reconhecer que na alfandega, nas differentes repartições e commissões, etc., ha empregados de reconhecido zelo e probidade, que fazem por ganhar a sua vida honestamente, traba-

lhando, e accumulando quando podem alguns vintens, nunca uma fortuna para lhes ajudar a viver mais tarde na metropole, onde chegam geralmente combalidos, perdida a saude e a juventude, cheios de rheumatismos e impaludismo.

«Tem havido e ha funccionarios dignos e merecedores de toda a confiança e de todo o elogio, como tambem tem havido verdadeiros bandidos e gente de fracos escrupulos ou de consciencia elastica, até mesmo entre governadores.»

... Mas, como a impunidade absoluta tem acompanhado a conquista de fortunas por parte dos bandidos e dos relaxados, — como não faltam depoimentos de homens que lá viram *trabalhar* aquelles heroes, — como não deixam de voltar, uma, duas e vinte vezes, para os dominios das grandes falcatruas os que lá enriqueceram e se desacreditaram, sempre que elles querem voltar, — segue-se que a opinião

publica, para não se afastar muito da verdade, condemna todos, ou quasi todos.

E' muito justa a hesitação escrupulosa em distribuir censuras e condemnações; mas, se querem equidade no juizo publico, usem d'ella os que administram os bem publicos. Se não querem que a suspeita se generalise, não sejam relaxados, nem condescendentes, e não deixem de pé, como unico recurso do raciocinio, esta ponderação lamentavel:

— Todos são muito honrados, mas o meu capote falta-me!

XII

Escrevo-lhes doente, de cama. Estou *a guardar o leito* — como dizem os Albanos da Cunha. Que diabo tenho eu? E' o caruncho da velhice antecipada. Descancem os medicos e os pharmaceuticos, — que os não incommódo Cá me desarranjo sósinho.

. . . .

*

* *

Pouco disposto me achava a palestras, quando n'um jornal de Lisboa leio esta noticia — circular:

«Pela uma hora e meia da noite de hontem, quando o sr. José Muñoz Dieguez, caixeiro da conhecida casa de venda de vinhos da rua Paiva de Andrade n.º 4, pertencente ao sr. E. Covas da Costa, fechava o estabelecimento, reparou que atraz da porta, junto aos taipaes, se encontrava um menor escondido.

«O sr. José Muñoz Dieguez interrogou o referido menor perguntando lhe o motivo por que alli se encontrava, respondendo-lhe este que se chamava Carlos dos Santos, de 9 annos de edade, morador no palacio do Conde de Redondo, e que, se estava alli, era porque tinha sido mandado por um irmão, no intento de furtarem alguma cousa.

«Quando o sr. José Muñoz Dieguez estava interrogando o referido menor, notou que na sua rectaguarda se mechia qualquer cousa, e, olhando com mais attenção, viu que era outro menor, de nome Alberto Joaquim Rosa, de 9 annos de edade, morador na rua do Jardim á Estrella, 43, loja, que egualmente declarou a este senhor que estava alli escondido esperando que fechassem a porta, para furtar qualquer cousa.

«O sr. Dieguez, em vista do facto, fez queixa do caso ao guarda 521, que proximo andava de serviço, e que prendeu os menores, conduzindo-os para o governo civil, sendo estes mais tarde enviados para o juizo d'instrucção criminal.»

... O auctor da noticia escreveu no alto da mesma: — *A infancia criminosa.* Sub-entende-se: *E a sociedade innocente.*

*
* *

Innocentissima! Mas os dois aspirantes a bandidos hão de saber como ellas mordem. Se pensavam que era só ter fome, abandono e indicações para o furto, aos 9 annos de idade, e ficarem-se rindo, esfarrapados, famintos, e gelados, em meio de uma sociedade confortada e respeitavel, enganaram-se indecentemente. As casas de Correcção estão cheias, com dotação insufficiente, mas está alli o Limoeiro para receber a bréjeirada e verminal-a na alma e no corpo. Já lá o dizia um reverendo, no *Crime do padre Amaro.* — «Cada um cóme como quem é.»

*
* *

Eu nada remedeio, e estou para aqui a amargurar as boas almas. Pois sim, calemo-nos... deixemos correr...

Pois sim!

XIII

Toca a fechar o anno! E permittam os bondosos céos que o anno novo — 1904 — venha a sahir mais orientado: que este foi muito maluco... fóra o resto!

*

* *

Parã lhes dar uma ideia do estado d'estas cabeças, peço-lhes que escutem estas *historias:*

Estavamos, hontem, sentados, n'uma repartição publica, esperando cada qual a sua vez, uns cinco ou seis cidadãos, todos nós silenciosos e ouvindo cahir uma chuva torrencial, quando um dos circumstantes quebrou o silencio, para me dizer:

— «E' impossivel que v. não esteja pensando em coisa alegre. Já o vi sorrir duas ou tres vezes.»

Eu expliquei:

*

*   *

— E' que vi realisar-se a solução de um problema scietinfico, que me traz, ha mezes, atrapalhado.

— ? !

— E' a *conservação da agua morna em botijas.*

Todos desataram a rir. O caso não era para tanto. Eu accrescentei :

E nos intervallos pensava n'este absurdo linguistico : — Por que não ha de *thesouraria ser fabrica de thesouras ?*

*

*   *

Mas em verdade, o que me fizera sorrir fôra o seguinte :

*

* *

Encontrára eu, logo pela manhã, um cavalheiro, que me dissera o que vae lêr-se:

— Estou desempregado; se v. precisar de mim...

— ?

— Para professor na Correcção.

— Talvez seja preciso. Onde mora você?

— Na rua do Arsenal, 60, no ultimo andar.

— Conheço a escada. Tem no 1.º andar um laboratorio. (*É para analyse de vinhos e azeites, aguas mineraes, etc.*)

Emendou o *professor*:

— E' uma casa de commercio. Vende azeite e vinagre, em garrafinhas; mas faz pouco negocio.

*
* *

Isto motivara o meu primeiro sorriso ; o segundo foi determinado por este caso :

Contou-me o meu velho amigo e camarada Fernandes Costa que, ao passar pelo theatro do Rocio, na occasião em que sahia do espectaculo uma multidão de apreciadores de tal casa, ouviu uma menina de familia burgueza, — pessoa de seus 15 annos — dizer a uma especie de paes :

— Agora, para eu ser feliz, só me falta ver o *Nun xe xabe !*

*
* *

Por estas e outras, julgára-se auctorisado a dizer, um dia d'estes, um dos nossos *politicos:* — «O povo está á altura do resto. Cóme do que gosta.»

... Cóme o que vós lhe daes e está á *altura* em que o haveis posto, grandes patifes!

XIV

A proposito da odyssêa do sr. João Franco, li algures (?) entre diversas considerações *politicas* a seguinte:

— «Pedem um homem. Pois é preciso que appareça um povo!»

E' bem observado, e não fica por satisfazer — o pedido. Foi justamente ao acabar de medir a olho a profundidade de tal coisa, que eu tive de entrar (hontem) n'uma repartição semi-official, onde assisti ás seguintes scenas demonstrativas:

Entrou o meu amigo *Ego* e dirigiu-se a um empregado de secretaría, a quem entregou uma conta, para ser verificada e paga. Obteve em resposta:

— «Fica entregue. Pode vir depois.»

Réplica de *Ego* :

—Não se diz *Fica entregue*, senão a um creado digno de confiança. Ora, eu não sou creado, nem ha motivo para ter inspirado confiança a quem me não conhece. E ao *Pode vir depois*, respondo : — *Quero que me paguem já*. As vidas estão curtas e não ha tempo para palestras emquanto o serviço espera. Vamos lá : pode verificar isso e dar-me um recibo, para eu assignar, e receber a importancia d'elle. Não perca tempo !

Certo foi que ao termo de cinco minutos recebia o *Ego* o seu dinheiro, com muitos e respeitosos cumprimentos.

*

*   *

Segunda scena :

Desço para a rua ; á porta, uma especie de servente dá sentenças, tomando a passagem.

Na rua agglomera-se povo, que pretende entrar — para expediente. A natural timidez dos infelizes abstem-se de abrir passagem, até que uma varina diz ao paspalhão:

— «O senhor dá licença?»

E elle:

— Você sabe com quem está falando, mulher do diabo!?

*

* *

Um povo? Bem sei que é preciso, que é indispensavel: mas ha de vir em estado moral e mental — e physico — de dispensar *todos* os tyrannos.

E de dispensar-se de tyrannisar.

XV

... Quando menos se espera, eu córto relações com o sr. *Jagodes*. Parece immodestia minha: *quando menos se espera*. Quero eu di-

zer que nem *Jagodes* esperava similhante rompimento, nem os nossos conhecidos admittiam similhante hypothese. Vamos lá a vêr se alguem sinceramente a admitte.

*

* *

Fôra o caso que o *Jagodes* commetêra uma indignidade... ou antes uma vulgaridade pouco digna, mas de absoluto fôro domestico, — coisa para caçar um casamento. Nada tinham com o facto os conhecidos de *Jagodes*, a não ser os que houvessem de exultar com a prespectiva de lhe apanharem alguns jantares. Nem *Jagodes* se julgava obrigado a satisfações pelo seu acto. Nem eu jámais poderia nutrir a ideia de lhe pedir sombra de satisfação.

. . . .

*

* *

Mas, ha dias, era perto da noite, estava eu no Chiado — á porta da livraria Bertrand — vendo os que não passavam, e desacertei em olhar attentamente para um sujeito que subia a rua. Era o *Jagodes:* tinha casado rico, ia cercado de amigos que o escutavam com caras copiadas da do *Albano da Cunha.* Elle, abarrotando de novissima consideração publica, levava a cara, um tanto atrapalhada e surpreza, de um gato a fazer caca...

Não vingo classificar os sentimentos e os pensamentos que durante um quarto d'hora trabalharam *em mim*, para dar o resultado que vão ver. Lembrei-me do *tal caso*, em que se firmara o casamento do *Jagodes*, mais dos commentarios amargos que o caso despertára entre aquelles cortezãos de ultima hora, mais de uns homens que eu tenho visto, na minha travessia, agonisar, morrer e apodrecer no en-

tulho da dignidade propria e do desdem alheio — e resolvi . . .

*

* *

. . . Ainda agora, por volta do meio dia, encontrei-o na Arcada do Terreiro do Paço. Dirigia-se a mim, de mão estendida. Eu parei e disse, batendo deliciosamente as syllabas:

— «Eu não o conheço, nem quero conhecel-o.»

E virei-lhe costas. Arre!

XVI

Escreve-me, de uma cidade do Minho, um amigo meu da mocidade: era elle sargento e é, hoje general reformado. Eu conservo-me em activo serviço, mas não sou general. Ha apenas entre nós, esta approximação: — a da velhice, com a da saudade.

*

* *

Diz-me elle:

— «Tenho seguido as tuas *vociferações* contra a Guerra. Não tens base, — a não ser devaneio de philosophos; e, ainda assim, cita-me os teus autores!»

E eu respondo-lhe:

— A denominação *philosophos*, adoptada por um militar partidario da Guerra, vem alli, entende-se, como *declamadores*, *pataratas*, coisa assim. Ora, eu cito ao meu velho amigo o parecer de um homem que foi na arte militar alguma coisa mais do que... nada de allusões aggressivas! Falo de Napoleão.

Ainda nos primeiros tempos da sua carreira, em plena actividade e em plenas illusões, conhecido ainda por — o general Bonaparte, ao serviço da Republica Franceza, escreveu elle (11 germinal, anno V) ao archiduque Carlos, o famoso general austriaco, seu adversario:

— «Os militares bravos fazem a guerra e desejam a paz. Porventura não matámos ainda bastante gente, nem fizemos á triste humanidade bastante mal? Vamos começar uma sexta campanha e matar mais alguns milhares de homens?

«Se da proposta pacifica, que eu tenho a honra de apresentar-lhe, sr. general em chefe, pudesse resultar a conservação da vida de um unico homem, eu dar-me-hia por mais feliz com a corôa civica resultante do facto do que com a triste gloria dos successos militares.»

... Ninguem dirá que Bonaparte, victorioso e quasi certo de continuar a sel-o, escrevia isto — por motivo de prudencia.

*

* *

Ouça o meu amigo, porém, a opinião do mesmo homem já no fim da sua carreira, pra-

tico dos homens e dos acontecimentos. E' em Santa Helena que o imperador Napoleão diz:

— «Que de mal a Inglaterra e a França fizeram á humanidade e á civilisação europeia, porque a escola de Pitt predominou! Com a escola de Fox ter-nos-hiamos entendido e fixado o descanço e a prosperidade dos povos. Em guerra, repito que de mal fizemos, em troca do bem possivel!»

*

*   *

N'estes e n'outros pareceres, de *philosophos* e de homens da guerra, apoia Emile de Girardin o seu trabalho *Le désarmement européen*, escripto e publicado em 1856 — muito antes que a Paz fosse apregoada pelo ... Czar Nicolau II.

XVII

A folha ingleza *Daily Express* insere o seguinte.

«Correspondente *Express*—Lisboa, quarta-feira, agosto 17.

O navio inglez *Morec*, que andava pescando na costa de Portugal, levava, propositadamente um piloto portuguez.

«O navio foi immediatamente, rodeado por uma grande quantidade de pescadores, que o atacaram, na intenção de o roubar.

«Felizmente, um navio de guerra, ancorado a algumas milhas de distancia, foi avisado do que succedia e veio logo em seu auxilio, fazendo dispersar os pescadores.

«O *Morec* não soffreu nada, e continuou a sua viagem na maré seguinte.

«Não é já a primeira vez que barcos inglezes teem sido cercados e atacados pelos portuguezes.»

*

* *

Um jornal, que transcreve as infamias supra, limita-se a chamar *imbecil* ao réles borrachão — *ou coisa peior* — que de Lisboa informa os de Londres. E depois explica a situação.

E' facil de explicar. Os piratas bebedos de Inglaterra, que nos tractam como *riffeños*, em suas gazetas, são justamente quem de ha muito vem pescar com rêdes de arrastar, em aguas portuguezas.

Fartos de pedir soccorro, inutilmente ao governo, os pescadores portuguezes, roubados pelos piratas bebedos, foram-lhes ao pello. D'ahi, a colera em gazetas.

Bem fazem os cruzadores russos, continuando a revistar aquelles *suspeitos* — ou peores do que isso !

....

*

* *

Pondéra o *Popular*:

«E' indispensavel que o sr. ministro da marinha tome energicas providencias, mandando policiar a costa por mais algum navio de guerra, em melhores condições que o *Lidador*, que com um andamento reduzido, e quasi desarmado, para pouco serve, de forma a impedir que os barcos estrangeiros venham pescar em aguas portuguezas, roubando o sustento dos nossos pescadores e lançando, ainda por cima, o descredito sobre o paiz, como nos casos a que nos referimos, graças a um correspondente imbecil.»

... E' pouco o *imbecil.* Diga imbecilisado — pelas bebedeiras, se não ha coisa peior São elles — os bons amigos — que roubam, como é de suas manhas, em ponto grande e pequeno,

—e são elles que nos chamam *piratas*. Assombrosos patifes!

Escrevem de Londres a uma folha de Lisboa:

«Os Inglezes applaudem os actuaes *triumphos* do Japão, porque vêem n'elles um modo de *attenuar* o papel que elles fizeram na guerra com os Boers.»

... Não se cancem! Não ha *pendant* na Historia para aquelles que os Boers pontapearam durante tres annos — na razão de *dez* Inglezes contra *um* Boer. E os Inglezes só *venceram*, atacando as mulheres e as creanças.

Os Russos, quando deixarem de ser *um* contra *tres* Japonezes, hão de vencer — sem tocarem nas mulheres, nem nas creanças. Não se cancem os pontapeados pelos Boers! Não ha outros!

XVIII

O *Diario de Noticias*, de Lisboa, protege, contra a Russia, o Japão. E a proposito me préga sustos de entupir, todos os dias que Deus envia ao mundo. Ora temos uma batalha imminente, que promette ser o *final* dos Russos; ora consta que os Japonezes chamaram a Porto-Arthur *um figo*.

Nem figo, nem tomate, nem final!

*

*   *

Esta é da protecção de hoje:

«O Japão fabrica actualmente em maior ou menor quantidade tudo que ha na Europa e na America, com emendas, porque o genio d'aquelle povo leva-o a crer que nada poderá existir perfeito se a sua intelligencia o não completar com ampliações ou correcções.»

... Por exemplo, mandam ir botas da Europa e da America, deitam-lhes logo sólas e tacões; e chamam a isso perfeição. Diabo de macacos amarellos!

E quando deixarão elles de ser tão feios,—por amor da perfeição supra?!

*

* *

A proposito. Ha uns annos fez em Lisboa muitos versos o sr. Jayme de Séguier, que depois se lançou nos consulados. Um dia publicou elle, havendo guerra entre os Russos e os Turcos:

Um mar de sangue e de luto
Envolve as margens do Neva,
E n'isto o Czar pede um phosphoro,
Para accender o seu *breva*.

Mas, disseram ao sr. Séguier que a campanha da Russia contra a Turquia não tinha *effeitos* nas margens do tal Neva. Era como se uma guerra na Galliza ensanguentasse as margens do Tejo

E o sr. Séguier emendou:

Um mar de sangue e de luto
Envolve as margens do Bosphoro,
E n'isto o Czar pede um phosphoro
Para accender o charuto.

Não houve novidade no Bosphoro... a coisa passou-se nos Balkans e na Turquia da Asia; era como se uma lucta em Traz-os-Montes e em Angola ensanguentasse Lisboa.

Mas bem sabia o sr. Séguier o que dizia!

*

* *

Afinal, os Russos teem inimigos de mil dia-

bos! E como havia de accender o charuto o Alexandre da Russia senão com o auxilio de um phosphoro, ou coisa parecida? Com phosphoro russo, já se deixa vêr; que de Portugal ia-se uma caixa toda.

XIX

Conversavamos hontem, eu e outro *martyr da Independencia* ácerca dos costumes da vida publica, quando o meu companheiro de desabafos me perguntou:

— V. conhece a historia dos *tres contos e seiscentos do Arrobas*?

— Não sei o que é.

— Pois é um documento de pezo. Eu lhe conto.

E assim contou:

. . . .

*

* *

— «Como v. sabe, eu tinha influencia em jornal, haverá uns vinte annos, ao travar-se uma lucta eleitoral em Lisboa. Era o Arrobas o governador civil, e o C. . ., politicão de marca, dirigia a opposição eleitoral. Fizemos alliança o C. . ., e os da tal gazeta, contra o governo, e o C. . . recommendou-me mais de vinte vezes:

« — Não se esqueçam de perguntar ao Arrobas, todos os dias, pelos *tres contos e seiscentos!*

« — Mas que historia é essa? perguntava eu. intrigado.

« — Eu lhe contarei, tranquilisava o C. . .

*

* *

«Meu amigo. Feriu-se a lucta eleitoral. Não

me lembra, nem importa, quem ganhou. E logo no dia immediato, eu procurei o C . . . para lhe perguntar:

« — E aquillo dos *tres contos e seiscentos*?

«O C . . . desatou a rir.

« — Não é nada. Apenas, quando se ataca um homem publico, é conveniente atirar-lhe uma d'aquellas. O Arrobas não deu importancia á historia, porque é matreiro, mas o effeito na tola opinião é seguro.»

XX

Dizia-me uma vez João Chagas:

— «Uma prova de que v. se não sente *livre* é que escreve, com abuso, *liberdades de sua lavra.*»

Percebi e concordei: mas pergunto a mim proprio e áquelle meu camarada e amigo:

— Como diabo se concllia isto: — Sente-se a falta de *liberdade legal*; mas não ha meio de

realisar um agrupamento de *protestantes*, sem o perigo certo de *uma traição*.

E' talvez que a *raça* já não póde descer mais. Está chafurdando.

Indignados, como S. Polycarpo, os jornaes inglezes accusam os Russos de empregarem na guerra as terriveis balas *dun-dun*. Já os Russos haviam denunciado á Humanidade os Inglezes — de haverem, na guerra do Transvaal, feito uso de taes balas terriveis.

O que tudo prova que cada um chega a brasa ás suas *dun-dun*, nos seus apertos.

Mas se o mundo é assim!

*

* *

Ja nós lá vamos! Ainda o desfecho da guerra do Extremo Oriente é duvidoso — e já os

Japonezes accusam a raça branca — de *cheirar mal!* E' para que saibam, civilizados e civilizadores de hontem!

Um Monsieur de Parville tenta salvaguardar nos seguintes termos, o amor proprio das nossas pelles. E' claro que me não refiro aos *mulatos*:

Os individuos que se alimentam quasi exclusivamente de carne exhalam um cheiro mais forte do que os vegetarianos, sob a influencia da fermentação das secreções cutaneas. O corpo inteiro deixa passar pela pelle substancias, algumas das quaes toxicas, teem um cheiro accentuado. Quantas vezes se poderia dizer que esta pessoa é acida e aquella outra basica!... Os experientes em ethnographia sabem muito bem que existem cheiros provinciaes. O cheiro da Saboia não é o mesmo da Normandia; o da Touraine não é o da Flandres; etc.

... A que diabo cheirarão os que morrem de fome — nas ruas de Lisboa?

N'um jornal do Brazil:

«Foi preso o dr. Saturnino de Mattos, accusado como auctor do desapparecimento d'um caixote contendo 805 contos, da estação central da Estrada de Ferro Central. A prisão estava sendo muito discutida».

... Deduz-se que, lá como cá, quem furta 800 contos não deve ser preso — como qualquer canalha que furta um tostão.

Está certo.

XXI

O *Popular* regista o seguinte:

«Acha o *Dia* que o novo contracto dos tabacos é um contracto moralmente nullo, e compara a noite em que elle foi assignado á de Saint-Barthélemy, da matança dos huguenotes.

Safa!»

....

*

* *

Estou-me lembrando de um caso de ha vinte annos, ao tempo em que eu, muito preoccupado na Mulher, pedia opiniões sobre este assumpto a todos os meus auctores, principalmente ao padre-mestre Balzac.

E, como eu tivesse ao meu serviço um vélhote, militar reformado, muito estupido e muito *corrido* pela mulher, de quem vivia separado, aconteceu, um dia, que o pobre diabo me forneceu o seguinte depoimento — que eu lhe não pedira.

Perguntei-lhe eu, vendo-o triste, se lhe succedera coisa de maior, e o vélhote, estacando, encarou-me, entre feroz e grutesco, e disse-me:

— «Sabe V. o que é a mulher?»

— Eu não, homem de Deus: e você que me diz da sujeita? Você deve saber.

— «Sei. E' um *monte de esterco*!...

Tal affirmou o meu creado José Bento, e eu lembrei-me hoje da originalidade.

*

* *

Com que então, produz-se um facto historico como a *Saint-Barthélemy*, que os escriptores calvinistas e os seus adherentes consideram uma atrocidade e que a grande Catharina de Medicis julgava *um acto insufficiente*, e apparece alli no *Dia* um patusco que declara a terrivel noite parecida com a da assignatura do contracto dos tabacos?! E' o caso de não achar differença entre uma cabeça com miolos e uma cabeça d'alhos, chôcha — e jornalistica!

———

Viram, decerto, a noticia do combate entre um tigre e um toiro, em Hespanha, para regalorio da alta e da baixa d'aquella terra, e vi-

ram que houve um desastre com perigo de muitas vidas perdidas, o que não impedirá repetição do espectaculo.

Era eu pequeno e li: — «A Hespanha tem sempre marchado na vanguarda da civilisação.» Ainda me lembro: foi na *Maria Hespanhola, ou a victima de um frade...*

No *Seculo*, de hontem, 24:

«Continuamos a registar a opinião dos nossos collegas sobre esta momentosa questão, que ao contrario do que se pretendia ter obtido com o accordo celebrado entre o governo e a Companhia dos Tabacos, está muito longe de uma solução em que fiquem acautelados, de hoje, para o futuro, todos os interesses do Estado, que até aqui teem sido ignominiosamente defraudados por aquelles proprios que estamos ameaçados de vêr por mais sessenta annos explorando em seu proveito, d'uma fór-

ma altamente criminosa e sob a mais revoltante impunidade, a melhor fonte das nossas receitas publicas, de cujo sabio aproveitamento tanto havia a esperar para nos libertarmos das precarias circumstancias financeiras em que nos debatemos.»

... Este naco de prosa foi preconcebido pelo grande Camillo Castello Branco. Vem no *Euzebio Macario* e é de um brinde do pharmaceutico.

XXII

Triumpharam os Tabacos sobre os Phosphoros sem cabeça; e, palavra d'honra, ainda não ouvi senão phrases de troça — para os patriotas dos Phosphoros. Bem feito! Por mim, tão contente me sinto, que nunca mais largarei biscatas á narigueta do nosso Turgot da escripturação bacalhoeira.

Bem sei que Turgot Periquito entrou n'aquillo como Pilatos no Credo; para tal servem

os financeiros para rir. Mas, emfim, podia ter protestado, *embêté*. Fez o que se lhe mandou, pode andar a narigueta!

O *Seculo* diz assim, — para a gente morrer a rir:

«A resolução tomada deve causar profunda estranhesa e desanimo em todo o paiz, que seguia esta questão com o mais vivo interesse e que esperaria tudo, menos que o governo deixasse de aproveitar este ensejo tão favoravel para praticar um acto da mais elevada significação moral e administrativa, transigindo por esta fórma com aquelles que exercem sobre a nação portugueza o despotico jugo financeiro a que uma nação póde estar vergada, com abdicação de todos os seus brios, de todas as suas regalias, de todos os seus recursos economicos.»

*
*   *

... *Todo o paiz cheio de tristeza e desanimo!* Ora, incluindo os que se riem por instincto de justiça, a maior parte dos nosos compatriotas ignora o que o governo fez e que tanto faz bramar os da Companhia dos Phosphoros e os seus defensores. E' o caso, que á ultima hora, o governo assignou um contracto com a Companhia dos Tabacos e varios estabelecimentos financeiros importantes. Esse contracto abrange a conversão das obrigações dos Tabacos (envolvendo um emprestimo de 300 milhões de francos, tomado firme) e a prelongação do exclusivo, tudo dependente, já se sabe, da approvação das côrtes.

Ora, a gente da Companhia dos Posphoros, a quem se deve phosphoros sem cabeça e caixas sem phosphoros e assaltos dos honrados guardas ás populações provincianas, etc., que-

ria em nome do patriotismo tomar conta da mamadeira. E *protestam em nome do paiz.*

Carregue-lhe o paiz no summo da uva e rebole-se á vontade: olhe que raras vezes terá occasião de rir com igual razão!

*

* *

Nota do *Apocalypse*:

— «Fóra d'aqui os cães, e os que dão veneno, e os impudicos, e os homicidas, e os idolatras, e todo o que ama e obra a mentira.» *(Versiculo XV do cap. XXII).*

Muito bem apparecido o bom portuguez que transmitte a proposito das eleições, a sua mágua crescente, aggravada pelo *riso d'uns trocistas!* Vem no momento em que eu releio a pag. 7 do livro de Bazilio Telles—*Carestia de vida nos campos.* Diz o benemerito publicista

« . . . Riem-se ? Pois deixe-os rir ; algum dia chorarão. Dia virá em que os graciosos engulirão as chalaças com a saliva, quando o inglez repetindo a historia de ha cem annos, nos obrigue a morrer por elle nos campos de batalha da Peninsula ; quando esses domadores, de olho azul e glacial, voltem de novo a destruir-nos searas e moinhos, a aniquilar-nos industria e commercio, a impôr-nos aboletamentos e tributos, a empilhar-nos brutalmente nas cidades, como se faz ás ovelhas nos curraes, ao approximar-se a tempestade. . .

«Ao rir satisfeito e alvar responda v. com o sorriso melancolico dos que nenhuma culpa se reconhecem no desastre, — que dariam a vida para o evitar á sua patria, — que a darão sem hesitar ámanhã, no minuto previsto em que haja de resgatar-se a subserviencia de um povo escravo com alguns actos dignos de cidadão e de homens livres.»

XXIII

Trata-se nas seguintes notas, reproduzidas das minhas *Cartas de Lisboa* á *Voz Publica* do Porto, de uma questão conhecida por *Caminho de ferro de Valença a Monsão e Melgaço*, no qual eu fui, mais uma vez, roubado — e escouceado ainda por cima. O que eu reproduzo são uns meus esboços de castigo...

Varios homens, ameaçados na bolsa, tentaram um ultimo esforço de defeza. No *Diario de Noticias* de Lisboa, vem o seguinte telegramma:

«MONSÃO, 23.—A velha concessionaria da linha ferrea americana de Valença a Melgaço, promoveu de surpreza, hontem, n'esta villa, uma reunião de accionistas, para pedir ao sr.

ministro das obras publicas mantenha a construcção de via reduzida de Valença a Melgaço.

«Tendo a população conhecimento do caso, protestou contra o que se pretendia fazer, e no meio da sua indignação queria apedrejar os individuos que faziam parte da assembléa. — *Correspondente)*».

A reunião promovida *de surpreza* destôa dos velhos habitos da *indignada gente* que *quer atirar pedradas*, mas que se limita a atirar coices... ás estrellas. O *Diario de Noticias* fecha assim as suas informações:

«Segundo nos consta, o sr. ministro das obras publicas telegraphou hontem mesmo para Monsão, declarando que não julga conveniente a modificação pedida.»

Admittindo que o *segundo nos consta* não veiu de Monsão, mas foi levado do ministerio

das obras publicas á redacção, por algum intrigante subalterno, quer dizer que o sr. *conde de Paçô Vieira, ministro das obras publicas*, toma a responsabilidade da condemnação da *via reduzida*, em favor de... *outra coisa.*

E' temivel a resolução de *um sujeito que tem medo*. Mas não está aqui a *moralidade da comedia*. Existe antes, no que, a proposito do assumpto, me dizia hontem um homem publico, vinhamos nós no comboio de Caxias, para Lisboa:

—«N'este paiz cada um faz o que quer, dentro da sua respectiva esphera de acção.»

Está certo, e seja qual fôr o desfecho da estirada peça, que deixa desmascarada muita *gente boa*, eu contarei um caso que presenciei ha bons quatorze annos. Foi isto:

*

* *

Reunida em sessão a camara mnnicipal de Lisboa, entrou em questão uma negociata que

todos os vereadores, menos um, apoiavam. O dissidente era o illustre e insubstituivel José Elias Garcia. Proferiu elle um energico discurso de opposição e terminou-o assim: — «Emquanto houver aqui um homem, não deixará de haver resistencia!»

Votos. E a favor da tal medida votaram *todos.*

Todos, incluindo José Elias Garcia.

Espanto geral, e um dos vereadores pergunta a José Elias:

— «Isso é troça?»

Resposta:

— «Não, senhor. E' bom coração. Eu não quero desmanchar prazeres.»

A isto póde chegar o despreso. Mas fallaremos.

———

Exige, mais uma vez, á falta de melhor assumpto (*se o não sonharam*) que eu me refira

ao *caminho de ferro de Valença a Monsão e Melgaço.*

Sobre o caso, o *Seculo*, em contrario do *Diario de Noticias*, que é filho dilecto da Innocencia do Bairro Alto, diz, referindo-se a uns esforços do *padre Luiz José Dias*, para que lhe arranjem *via larga:*

«Consta-nos, porém, que o sr. ministro das obras publicas, tendo já ouvido sobre o assumpto as instancias competentes, está resolvido a ordenar que a nova linha seja de via reduzida, por estar já adoptado esse processo n'outras linhas de caminho de ferro do Alto Minho.»

Assim seja. O *Popular* diz que à *via larga*, a que convém ao padre, *é intuito do governo ;* mas o *Popular* tem muitas vias — e são elasticas.

*

* *

O *Diario* (não o dilecto filho da Innocencia do Bairro Alto) refere-se aos esforços do pa-

dre e dos seus adherentes, nos seguintes termos:

«... Será obvio enaltecer as vantagens da via reduzida sobre a via larga, n'uma região como essa de que se trata. O Estado aão terá encargo algum, a não ser a garantia de juro para a Companhia concessionaria, nas condições em que foi adjudicado o caminho de ferro de Braga a Monsão.

«Se o governo deseja na verdade dotar o alto Minho com a linha férrea, não tem outra solução senão adoptar a via reduzida, como existe na linha de Guimarães, Santa Comba a Vizeu e Foz-Tua a Mirandella. E' o que os povos dos tres conselhos reclamam, o que o bom senso aconselha e o que a economia impõe.

«Temos acompanhado esta questão, e por isso não podemos deixar de pedir ao illustre ministro das obras publicas que de mòdo algum, deixe de attender as reclamações dos povos, não se illudindo com embustes de um grupo

que, visando sómente negocios lucrativos, faz uma campanha insidiosa contra legitimos interesses, tentando annular as aspirações unanimes das regiões que a linha ferrea vae beneficiar, tendo apenas o objectivo da sua vaidade e a satisfação de sentimentos vis.»

*

* *

N'um e n'outro jornal alheios ao assumpto, repete-se a deliciosa patuscada de tornar o partido progressista solidario com as manobras dos de *via larga*. Como se, no partido progressista, não reagissem contra as manobras, sempre, homens da cotação politica de José Frederico Laranjo, Dias Costa, Ressano Garcia, Espregueira, Queiroz Ribeiro, João Monteiro Vieira de Castro, etc. Defensores só em dias de loteria da Misericordia de Lisboa.

E' cá uma coisa.

....

*

* *

Ora, se não entro n'este assumpto, rebento!

Corre, e é certo, que o sr. Paçô Vieira, ministro das obras publicas, *tem medo do padre*, e que por isso desatrema do juizo e da justiça. Eu lhe conto:

Ha tempos, assisti, no tribunal da Boa Hora ao julgamento de um criminoso. Era elle um ephebo, lourinho, catitinha; esfaqueara um homem e matara-o. Parece-me ouvir ainda a maravilhosa defeza do advogado:—«O meu constituinte, senhores jurados, matou o outro *porque tinha medo d'elle. Era um medo invencivel!*» Não faço commentarios inuteis. Apenas digo ao sr. Paçô Vieira que, *se tem medo do padre da via larga*, mate o padre, mas não mate quem lhe não fez mal, nem lhe metteu medo, nem coisissima nenhuma, e quem tem por si o trabalho, os sacrificios e a justiça da sua causa!

O sr. conde de Paçô Vieira, todo entregue ao *medo do padre*, póde julgar-se impune para sempre. Não se fie na Virgem. E consulte o *padre da via larga*, o qual lhe dirá que no outro mundo tudo se liquida. E se elle lhe disser o contrario — é para o comer.

Afinal, — para começar, — o sr. conde de Paçô Vieira, ministro das obras publicas, sempre despachou em favor da *via larga* do padre.

Fez sua a via, e fêl-a cobrir pelo engenheiro Fernando de Souza, outro da familia dos *medrosos*. E' o famoso engenheiro, que teve de sahir do exercito, porque não se quiz bater, antes levar do sr. visconde da Ribeira Brava.

— Que era *catholico* antes de ser soldado! Um typo!

Mas, o ministro fica a descoberto. Ha de ver.

*

* *

Escreve-me um malandrete de Monsão:

— «V. perdeu o seu tempo e quem lhe pagou ficou roubado.»

O meu velho e grande amigo Camillo Castello Branco entendia que ninguem *desce* ao castigar um enxovedo. Ponto está em que a covardia do canalha o não contenha no monturo do anonymo. Limito-me, pois que se dá esse caso, a annotar de passagem a biltraria do digno representante de uma legião.

E assim, direi:

— Eu não perdi o meu tempo, *se me pagaram*, como insinua o estupido. Mas não me pagaram, — porque o resto de maior quantia tinha-a eu collocado na empreza que se desfez. *O roubado fui eu;* mas já estou habituado, n'esta Floresta Negra.

Regosije-se o covarde malandrão, com sua respeitavel familia!

*

* *

De Monsão escrevem ao *Seculo* em 30 do proximo passado, que houve alli manifestação ao padre Luiz José Dias. Acrescenta o pateta da correspondencia: — «A via reduzlda só era desejada pelos accionistas da Companhia dos americanos.»

E menciona o facto de os *manifestantes* haverem provocado a intervenção severa do administrador do concelho. E' que estavam archi-bebados.

E diz o idiota ao *Seculo:* — «Ha grande indignação, por causa das prisões effectuadas.»

A indignação só é manifestada pelos borrachões — de *via larga.*

*

* *

Embora roubado, como é meu fadario, declaro sinceramente que eu muito estimaria a

solução apregoada — da construcção da *via larga* pelo governo. Mas vou jurar:

1.º — Que nunca o governo construirá a linha promettida,

2.º — Que é tudo intrujice, favoravel aos patuscos.

E por aqui, hoje, me fico, affirmando que não se perdeu tudo; em diversas camadas sociaes ficou desmascarada muita gente boa. Quanto aos *festeiros*, mais ou menos ladradores, que vão bugiar!

*

* *

Eu não sabia que um jornal do Porto tinha posto a alcunha de *baci-rabo* a um pequenito que eu cá sei.

Baci-rabo é como quem diz *calhandro*. Ha de servir . .

Não faltam no Alto Minho almas ingenuas, muito crentes em que o medroso sr. Paçô

Vieira tratará de fazer construir o caminho de ferro de *via larga*. Contem com isso! E' claro que eu não me refiro aos bebados das zaragatas, aos quaes apenas dá cuidado a falta ou a abundancia da pinga, nem aos sujos inspiradores, que pagam o vinho, porque esses contam que o governo não fará as obras, o que permittirá a entrada em scena dos particulares de *via larga*. Hão-de vêr.

Dirijo-me aos candidatos e aos maduros que ainda contam com a iniciativa do governo, como se o sr. Paçô Vieira não fosse o mais medroso dos catitas, — com tanto medo de embargar a *via larga* do padre como de metter em danças a *via larga* propria. Foi para socegar as boas almas do Alto Minho que se prometteu obra do governo, e foi para outra coisa. Ouçam o sr. Mariano de Carvalho:

«O argumento não nos commove e apenas nos traz á memoria o conceito que se attribue ao guardião de certo convento. Chamou o abbade, para lhe pedir conselho como a pessoa

douta e arguta, porque a fazenda do convento estava arruinada e nem havia com que dar de comer aos frades.

«O guardião ouviu a exposição e respondeu serenamente: — Metta obras! — Metta obras, como, inquiriu o abbade, se nem ha dinheiro para comer? — Metta obras; em se mettendo obras figura-se de rico, e aos ricos sempre ha quem facilite dinheiro!

«Appliquem o conto».

*

* *

Não é o caminho de ferro do Alto Minho o assumpto que provocou a anecdota do primeiro jornalista portuguez; mas vem ella a talho de foice. A promessa do caminho de ferro *por conta do Estado* pede que lhe appliquem o conto. Fóra o resto.

Por mim, mais uma vez ROUBADO, — ponho aqui ponto final nos commentarios — e cá

augmento a lista dos descarados rapinantes — e dos pulhissimos adherentes.

XXIV

Havendo-me injuriado n'uma papeleta ignobil da provincia um desconhecido, que apenas se me revelou estupido até á nausea, esperei que um acaso me esclarecesse ácerca do nome e das prendas do diffamador. O Destino justiceiro acaba de descobrir-me o seguinte:

— Chama-se *Arthur Anselmo Ribeiro de Castro* o individuo. Rezide em Monsão e é alli geralmente conhecido — como bebedo, faminto, caloteiro, batoteiro, candongueiro, ladrão, falsificador, devasso réles, covardissimo, repositorio de escarros na sujissima cara, calumniador, por cinco tostões, de todos os homens de bem, e o mais desprezivel e infame canalha que deshonra a provincia do Minho.

Em taes condições, só me resta reproduzir

o que do immundo nos diz o honrado jornal *O Alto Minho*, de Monsão, de 27 de maio do corrente anno. Diz assim:

*

* *

«*Quem quizer ser respeitado deve começar por respeitar-se*, e por isso repellimos com a biqueira da bota, lançando-lhe um escarro nas ventas, o reles e indigno escrevinhador que, no papelucho de hontem, publica phrases com que julga manchar a dignidade do illustre administrador do concelho.

Esse escriba, que é a escoria da sociedade, deve ser internado no manicomio ou na Casa de Correcção *(chiça!)* por pertencer á raça mais malandra e louca que a Galliza tem gerado.

Como homem, é um repugnantissimo pulha, dotado d'um caracter pôdre, d'um sentimento corrupto e d'uma alma de gallego safado.

E' o unico homem n'este mundo a quem nós nem a ponta da unha dariamos, porque o desprezamos como a um reles biltre.

Limitamo-nos por isso a fazer publicos os seguintes factos:

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro foi apanhado ha tempos, na companhia d'um amigo e completamente *bebado*, n'uma desordem com um moço de cocheira de alcunha o *Morango*? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro dirigiu uma carta á auctoridade administrativa, declarando-lhe que se promptificava a ser denunciante da *batota*? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro foi surprehendido n'uma taberna, a jogar a *batota* e que, apenas presentiu a auctoridade administrativa, fugiu como um cão e foi-se esconder dentro de uma tinalha? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ri-

beiro de Castro pede por esmola a cocheiros, quando joga a *batota*, uma moeda de cinco tostões, para comer no dia seguinte? E' verdade.

E' ou não verdade que o publico diz que, se a Assembleia Monsanense não tem prestado contas da sua administração, é devido a ter o seu secretario, Arthur Anselmo Ribeiro de Castro, *roubado*, por vezes, dinheiro da gaveta? E' verdade.

E' ou não verdade que no anno passado houve alli um baile de subscripção e que se diz que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro *embolsou* parte da importancia subscripta? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro, quando estudante em Coimbra, escrevia cartas a um commerciante honradissimo, pedindo-lhe por esmola e caridade algum dinheiro para viver, e que, apenas se apanhou n'esta villa, o pretendeu insultar com escriptos na imprensa? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro tem empenhado objectos de ouro — para satisfazer aos seus vicios de devasso e malandro? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro *falsificou documentos*, assignando quantias indevidamente fornecidas pela camara municipal? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro, na qualidade de advogado da mulher de Luiz de Brito de Cambezes, *abusou da sua confiança*, recebendo-lhe a importancia das custas d'uma policia correccional, que reteve em seu poder, do que resultou ter sido aquella citada, para effectuar o pagamento, no cartorio do 3.º officio?! E' verdade.

E' ou não verdade que ninguem em Monsão liga importancia a Arthur Anselmo Ribeiro de Castro, chamando-lhe a maioria da classe artistica — garoto e canalha? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro *passou contrabando* e que de-

pois andou implorando que lhe emprestassem uns mil réis, para pagar a multa que foi no processo applicada? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro é um biltre sem vergonha nem pundonor, capaz de levantar os maiores falsos testemunhos, para accusar os homens honrados com os seus proprios vicios? E' verdade.

E' ou não verdade que Arthur Anselmo Ribeiro de Castro é o maior sem vergonha que tem Monsão? E' verdade.

E' ou não verdade compararem Arthur Anselmo Ribeiro de Castro a um cão ordinario, que ladra, mas não morde? E' verdade.

E até á primeira vez.»

Nota.—Esse escarro petrificado aspira a Delegado do Procurador Regio. Com vista ao Ministerio da Justiça.

XXV

Está-me enchendo de confusão a attitude semi-official que eu vejo accentuar-se contra o *cruzador*.., perdão! contra o *constructor protegido* que de terras de França veio gozar o nosso Arsenal de marinha. O *Diario de Noticias*, que priva com os deuses, diz:

«A divisão naval de Moçambique informou superiormente que, na recente viagem do cruzador «Adamastor», de Lisboa para Lourenço Marques, as machinas d'este navio funccionaram muito irregularmente.

«Este facto é attribuido a que, quando ultimamente este barco recebeu fabrico em Lisboa, substituiram-lhe os tubos do condensador por outros, novos, mas conservaram-lhe as antigas anilhas de ligação, que actualmente se acham estragadas.

«Além d'isto, um dos cylindros tambem não funccionou regularmente.

«O encarregado das machinas do «Adamastor» queixa-se de que por varias vezes reclamou contra o fabrico feito ás mesmas, sem que lograsse ser attendido »

... Só me falta ver o *cruzador* .. perdão! o *constructor protegido* de terras de França exigir uma indemnisação do governo portuguez — por perdas e damnos em sua consideração. O homemsinho já anda em conferencias com o ministro do seu paiz, e, se as potencias derem licença, temos á perna os Gaulezes!

Fóra de chalaça, como o nosso dinheiro desapparece! São os de casa, são os de fóra, e todos elles do diabo que os carregue, — e os *80 a 90* °/₀, a arreganhar a dentuça e a coçar-se na rabadilha! *Bom povo!* — diz quem eu cá sei.

*

* *

Outra coisa, no *Diario de Noticias.* Refiro-me ás suas preoccupações nos armamentos de

Hespanha e ás seguintes palavras da mesma folha sobre o assumpto:

«Dadas as relações affectuosas que ligam os gabinetes de Lisboa e de Madrid, é provavel que entre os dois se hajam trocado, ou venham a trocar explicações amigaveis que esclareçam este singular mysterio.»

Quero eu suppôr que os armamentos teem por fim darem cabo da Inglaterra os hespanhoes, depois de desgraçarem os Estados-Unidos. Cahiu-lhes em desagrado a raça anglo-saxonia, a *pobrecita!*

Mas a referencia do *Diario de Noticias* ás relações affectuosas dos dois governos, como garantia de bem viver, é capaz de fazer rir o cavalleiro de Legião d'Honra *Albano da Cunha.* Ainda a noite passada lia eu na cama, aproveitando insomnia, um livro intitulado *L'Oeuvre de M. de Bismarck*, de J. Vilbort, publicado em 1869. O francez auctor do livro travara, por occasião de Sadowa, relações com aquelle raio do diabo, e, tendo de partir para

Paris, perguntou-lhe, suspeitoso, se a paz entre a França e a Prussia podia julgar-se duravel.

E Bismarck, com muita vivacidade:

— «Paz e amizade eternas, meu caro senhor!»

... Um anno depois — vimos todos nós; os Francezes viram, ouviram, cheiraram, apalparam — e não gostaram.

Não abusemos da ingenuidade!

XXVI

Vou ao encontro das ponderações indignadas d'aquelle fiscal da Coherencia. Diz-me o sujeito — que não é coisa séria a defeza do Czar, da Escravidão, da Siberia, do *knut*, etc., etc. E eu respondo-lhe que apenas defendo os Russos contra os excessos dos amigalhotes que os *amarellos* teem por este mundo. A respeito do Czar e das suas responsabilidades da

guerra de hoje, não contesto uma sombra das accusações; o que eu contesto, e já lhes digo porque, é a defeza patarata que por ahi exalta os intuitos *nobres e elevados* dos patriotas amarellos. Vejam o recente congresso socialista de Amsterdam, ainda este mez realisado.

*

* *

Foi no dia 14 do corrente a primeira sessão. Presidiu o delegado hollandez Van Kole, tendo á sua beira, como vice-presidentes, — Plakenoff, delegado *russo*, e Katriama, delegado *japonez*. Bella e commovedora e eloquentissima escolha!

Fallou o Russo e assim disse:

«Quem provocou e conduziu o exercito á guerra não foi o povo russo, mas o seu maior inimigo: — o governo. O principal vencido será o povo, sendo, porém, as provocações in-

sensatas do gabinete que provocaram a campanha». Fallou das miserias e angustias do povo russo e disse que as dôres do proletariado se communicam através das fronteiras: «por isso a causa operaria é a causa da humanidade.»

Tem a palavra o delegado *japonez*, que offerece surprehendentes novidades, como calmante, aos defensores do sympathico Japão. Oiçam isto:

«... Disse que a guerra actual entre o Japão e a Russia é vergonhosa e fez-se para augmentar a riqueza dos capitalistas. Traçou a historia do socialismo japonez e affirmou que a intervenção dos seus adeptos na vida politica d'aquelle paiz é contrariada, porque ali o suffragio é restricto e o povo não vota. Os acontecimentos que actualmente se desenvolvem na Mandchuria accrescentarão as forças socialistas, porque se apreciam os horrores do sangrento conflicto e odeia-se os que o procuram.»

. . . Dize-me com quem lidas e dir-te-hei as manhas que tens. O progressivo Japão lida com os Inglezes.

*

* *

A *Voz do Operario*, referindo-se ao importante congresso de Amsterdam, produz esta nota final:

«Os dois unicos paizes que brilharam pela sua ausencia foram a Turquia e Portugal.» Está certo.

XXVII

Foi ha dias julgado no tribunal de Lisboa um bombeiro culpado de haver lançado fogo á porta do 2.º andar do predio n.º 62 da rua de D. Pedro V, empregando para isso carqueja, pedaços de isca, phosphoros e petroleo, caso que se deu pelas 2 horas da madrugada

de 20 de março ultimo e que o réo negava, apezar de ter sido visto fugir do local do crime.

Agora, o que vem de chapa nas gazetas:

«Mas, como o Codigo impõe a tal crime a pena de 8 annos de prisão maior cellular, seguidos de 12 de degredo, na alternativa de 25 annos de degredo, não ha jury que pelo seu voto dê ensejo a que ella seja pplicada, *muito mais* quando, como no caso presente, apenas se chamuscaram uma cancella e umas taboas do soalho. E d'ahi a resposta negativa ao quesito, resposta que o digno presidente do tribunal anullou, mandando submetter o réo a novo julgamento.»

... Troquemos em miudos: o tal cavalheiro largou fogo a uma casa, a fim de ganhar o premio *por dar signal de incendio.* Honra a instituição e tranquillisa os moradores de Lisboa, não haja duvida. Merece uma lei de excepção... patusca.

Se, em vez de arder apenas um bocado da porta, o fogo tem pegado a valer e teem mor-

rido duas ou tres familias, sem que ninguem visse escapulir-se o figurão, teria este ganho o premio appetecido e talvez uma condecoração, por actos de heroismo e altruismo. Os indiscretos que o viram e perseguiram transtornaram a combinação do cavalheiro.

E ha-de ser absolvido — o *pobre homem*, porque a lei é cruel para os *bem intencionados que falham*. E quem absolverá a lei, ou os julgadores?

Duas noticias que fazem uma. Acção em Lisboa:

1.ª parte—«Pelas 9 horas da noite de ante-hontem, foi encontrada pela policia, cahida por doença, na rua do Salvador, uma mulher de idade avançada, a qual foi conduzida ao hospital de S. José, sem fala.

«Hontem de manhã, foi a policia alli para

saber a sua identidade, mas foi-lhe declarado que ella havia fallecido sem ter recuperado os sentidos.

«Apurou-se que a desgraçada não tinha morada e dormia por caridade n'uma cocheira na rua de S. Bento.»

2.ª *parte*—«No becco do Monete, 26, loja, reside por caridade n'um pequeno quarto Maria Ignacia, com um filho menor de um anno e meio de edade. Não tem cama onde se deite, nem roupa com que se cubra.

«Já em tempos o sub-delegado de saude respectivo alli foi acompanhado da policia, e vendo que a mulher estava dormindo com a criança em cima de umas aparas de madeira, mandou-lhe abonar uma cama; mas infelizmente até hontem ainda tal cama não lhe tinha sido fornecida pela policia administrativa, apezar de a mulher andar todos os dias pelos corredores do governo civil.

«Informam-nos de que a pobre vae ser despedida do pardieiro onde habita».

Resumindo:—Canalha a morrer de fome e frio. Deixar correr!

XXVIII

Um dia, em 1870, acabava eu de produzir a minha obra inicial — *Questões do Dia*, — quando se me dirigiu Antonio José Duarte Nazareth, director da Alfandega de Lisboa e velha reliquia do partido patuléa, para me dizer, com o seu ar sereno e fundo sincero:

— «Felicito-o, mas tome nota do que hoje lhe digo: Dentro de cem annos haverá Republica na Russia; em Portugal haverá *isto* que hoje temos».

Foi em 1870, — ha 34 annos.

*

* *

E agora me recordo eu do caso, ao ouvir estas palavras de um magistrado intelligente e honesto:

— «Uma nação que se afundou em agua suja póde voltar á tôna, mas uma vez afundada em lama, não ha esforços humanos que possam trazel-a acima. Só a Divina Providencia.»

. . Ora a Divina não tem mãos a medir fóra das prosperidades dos *Albanos da Cunha*. Portanto, ficaremos no fundo. Por signal, féde que tem diabo!

Vejo impresso que a actriz *Italia* admittiu no seu reportorio o *Fr. Luiz de Sousa* de Garrett. No desempenho d'essa obra prima tenho visto baquear o Rossi e o Santos *Pitorra* — com as suas companhias. Só vi aguentar-se os que estão em D. Maria — *no seu genero*. Não esqueça que Napoleão creou a Legião d'Honra —para o *Albano da Cunha*.

Mas a *Italia* tem pilhas de graça, coitadinha!

Vem no cap. XXII, a pag. 124:

«Triumpharam os Tabacos sobre os Phosphoros sem cabeça...»

Posteriormente caiu a *periquitada*, e os Tabacos pôdres cairam — interinamente. Sei o que digo. Em Portugal ninguem cae a valer... senão de fome.

Dizia-me hontem um meu velho amigo, — politico, mas homem de bem:

— «A conclusão mais firme a que eu cheguei é ser a Bondade um attributo superior a todos: ao talento, ao genio inventivo, ao valor, etc. Bom é reunir qualidades diversas, mas *ser bom* é a melhor de todas, e vae-se tornando rara. Qualquer insignificante foge a manifestar bondade, por calculo, quando não seja por inclinação. Ser velhaco, egoista, patarata, de falas doces, — como a *Roza tyranna*, — desleal, traiçoeiro, poltrão, sem escrupulos, videirinho

sem sombra de vergonha, é typo de cotação nas *praças* modernissimas. Mas esses repellentes teem certa a hora do trambolhão grotesco. Só a Bondade subsiste. Que diz você?»

—Acho bem definidos os *pães de ló*... e andando.

Muito devem ter gemido os descendentes do Carneiro—o fallecido ministro do *Commissario de Policia!* Refiro-me ao idiota de quem diz a viuva, na peça de Gervasio Lobato:

—«Meu marido, o Carneiro, tinha tanto merecimento que, oito dias depois de ir a ministro, foi feito ministro de estado *honorario!*»

E como a Providencia Divina, invocada nos discursos da corôa, acóde, por vezes, á chamada, acontece demorar os ridiculos no *Poder*, mais de oito dias.

Para que mais lhes dôa o trambolhão.

E para gaudio dos amadores de entremez.

Ministro de estado *honorario* — com via larga e vivorio dos bebados de Monsão. E o padre — moita!

Ministro do estado *honorario* — o da narigueta, o Necker-Periquito!

Valha-vos o diabo, banaboias!

Reli, a noite passada, o livro de Camillo Castello Branco *Maria da Fonte*, magnificas paginas de humorismo, das quaes resalta a extranha e complexa individualidade do celebre Padre Casimiro. Tive ensejo de recordar-me agora, das ingenuas meditações e objurgatorias politicas do reverendo, ao lêr, no *Diario de Noticias*, uma carta de um patriota expansivo, na qual ha coisas como estas:

«Entendo eu, no meu fraco entender, que o governo devia ser constituido sómente da seguinte fórma:

«Para a fazenda um negociante ou industrial; para a guerra um official do exercito; para a marinha, um official da armada que estivesse bem orientado das colonias; para as obras publicas, um engenheiro; para a justiça, um juiz ou um advogado; para os estrangeiros, um diplomata, e para o reino e presidencia do conselho um capitalista que fosse commerciante, industrial, agricultor ou proprietario, e que estivesse ao par de resolver questões muito complicadas.»

Para as torradas manteiga,
Para o fastio limão!

...E em que se haviam de occupar os Paçô Vieira e outros de *via larga?!*

——

Pergunta-me um litterato a valer:

— «Você esteve no collegio de Campolide, como alumno?

— Estive. Porque?

— «Porque vi no *Brazil-Portugal* a indicação do seu nome, entre os de varios antigos alumnos, e vi no *Jornal do Commercio* uma nota: — que não era você o Silva Pinto em questão.»

*
* *

... Era eu, fui eu — o alumno a quem se refere a revista; e, por signal, foi nos tempos do Rademaker, ahi por 1859. Mas a contestação do jornal supra faz-me recordar do seguinte:

Nos *Mysterios de Paris* de Eugenio Sue, vae o principe Rodolpho alugar um quarto, na rua do Templo, e dirige-se á porteira Pipelet, que lhe diz:

— Alfredo saiu. Tem de esperar por elle.»

— «Pois esperarei. Alfredo é seu filho?»

— «E' meu marido. Tomara eu saber por-

que é que meu marido se não ha-de chamar Alfredo !»

... E eu tomara saber porque não havia de estar no collegio de Campolide !

Que tal está o da rabeca !

XXIX

Na camara dos deputados pediu-se melhoria de vencimentos dos ministros. Está bonito, mas antes d'isso melhorem os dos amanuenses, dos professores e dos carteiros e de tantos outros martyres da Fome. A respeito de ministros, entendo que 3:400$000 réis annuaes devem chegor, se o ministro se deixar de *representações*, confessando que serve um paiz desgraçado e arrazado... pelos esbanjamentos dos ministros. Andem a pé, como o finado Bolama e como o sr. Fuschini; salvo se são ricaços, como o sr. Wenceslau — e em tal caso paguem da sua burra, e não aggravem a mise-

ria do burro. E ha ministros que nem merecem o pão que cómem; e accresce que ninguem os obrigou a ser ministros — como dizem dos funccionarios desgraçados. Ministros pela vaidade ou por amor ao seu paiz — sacrifiquem-se... a trezentos mil réis por mez!

E' engraçadissimo o patarata que na gazeta declara justo o augmento. Pois cotizem-se os que acham justo e levem a offerenda ao governo; o Zé contribuinte está *sufficientemete* esfolado. Justo, hein? Que tal está a pouca vergonha?!

Olhem para os deputados a despedirem raios de eloquencia — gratis! E os vereadores, os da limpeza (pouca!) a trabalhar *de borla!* Vejam aquelle civismo austero e córem pela cubiça nefanda. Mas dinheiro?! Era o que faltava — supprimir eu mais uma fatia de pão, para augmentar o fiambre do sr. Pequito!

....

*

*   *

O sr. Rodrigo Affonso Pequito não passará sem umas notas á margem. Justamente eu estou lembrado de que haverá trinta annos e pico, sendo elle professor de escripturação commercial no Instituto Industrial, deu-se um numeroso grupo de estudantes de outras materias a ir esperal-o todas as noites, á sahida do Instituto, fazendo-lhe uma assuada medonha. Nem policia, nem o diabo, segurava os rapazes. Foi preciso mudar, para de manhã cedo, a aula do sr. Pequito.

Ora, succedeu que, conversando-se, uma noite, a uma meza do *Martinho*, alardeava o sr. Pequito a sua brilhante figura, ao entrar por concurso, para o Instituto; e então, Souza Martins, que estava presente, disse:

— «*Entrar* no Instituto é facil; o que custa é *sair*.»

Muito rimos!

*

*   *

Outra coisa. O *Diario de Noticias* chama ao sr. Pequito — *honestissimo.* Não percebo o superlativo. Bastava chamar-lhe honesto, o que não é difficil quando se tem fortuna. *Honestissimo* impõe uma anecdota para risos; mas o Plutarcho do sr. Pequito não sabe, talvez, o que disse.

*

*   *

Deram agora em chamar ao sr. Pequito *lente de finanças*, quando elle apenas foi *professor de Contabilidade Commercial*, assim uma especie de *lente de taboada.* Tambem lhe chamam *activo socio fundador da Sociedade de Geographia*, — o que faz reflectir em que Luciano Cordeiro não chegou, nem chegaria, a ministro, e o sr. Pequito... Ora bólas!

Vejo nas gazetas que o sr. Pequito tem sido

muito cumprimentado. Deus sabe que rizota vae embrulhada nos cumprimentos! Ainda agora, ouvi n'um grupo de funccionarios: — «Aquelle já nasceu ministro de estado honorario.» Bem mettida! E' como a pescada que já o era, antes de ser pescada.

Adiante!

Esta vem no *Popular*:

«Foi infelicissima a ideia de mandar o sr. Cincinato da Costa tratar da installação da nossa exposição em S. Luiz, Estados-Unidos.

«O sr. Cincinato é um homem intelligente e trabalhador, mas infelizmente é de raça india, e é sabido ser o desprezo dos americanos ainda superior ao dos inglezes e hollandezes contra quem não seja de raça europeia. Se lá descobrem que o sr. Cincinato é filho da India, hão de dar-lhe não pequenos desgostos. São preconceitos, mas existem.

«Uma vez, entrou um indio n'um café em New-York e pediu cerveja. Serviram-lh'a, mas o creado, advertido por outros freguezes, não quiz receber-lhe pagamento, e, pegando no copo de que o indio se servira, atirou-o ao chão para o partir.

«Sem isso perderia a casa toda a clientella de raça branca.»

... Estou agora relendo a *Historia de uma porta* (de Camillo Castello Branco), e n'ella o seguinte:

— « Foi o mulato para Braga tomar ordens, que custaram muitos centos de mil réis, porque n'aquelle tempo sangue de preto não recebia ordens senão a peso de ouro... Agora, pelo que oiço dizer, o estado manda aos mattos buscar pretos, para os fazer padres. A religião está por um cabello. . »

Estão certos — o cabello e a carapinha.

XXX

Olhem para isto:

Em diversos jornaes vem a seguinte noticia-circular, com a epigraphe *Justo e humano.* Tentadora epigraphe, para ser lido o assumpto, — pela raridade! Vamos lá a vêr isso!

Senta-se no banco dos reus uma mulher que bateu n'outra. Julgamento. Fala o noticiarista:

«A accusada, que se apresentou na audiencia levando comsigo tres creanças, a mais nova das quaes ainda de collo, allegava ter sido abandonada pelo marido, pelo pae de seus filhos, o qual fora viver para a companhia de outra mulher, a queixosa no processo.

«Que ella então, não podendo ganhar o sufficiente para matar a fome ás tres creanças e a sua velha mãe, entrevada, com a qual vive, apesar de percorrer, durante o dia todo, as ruas da cidade, vergando ao peso de uma giga,

lembrou-se de ir procurar o marido e de pedir-lhe uma esmola para os filhos, sendo recebida pela *outra*, que ao vêl-a logo a descompôz e aggrediu, pelo que teve de defender-se, agarrando-a pelos cabellos e batendo-lhe tambem.

«Foi tão commovente a fórma como a pobre mulher contou a sua vida e os grandes desgostos soffridos, que o digno julgador, deveras impressionado com o caso, absolveu-a, dirigindo-lhe palavras de conforto.

«O publico acolheu a decisão dos tribunaes com manifesto agrado.»

*

*   *

Parece que fez quanto lhe era licito o juiz, enviando em paz a mulher, com boas palavras; mas, sendo réles a lei que não impõe castigo ao miseravel, pae d'aquellas creanças, — que, de accordo com a *amiga*, arrasta ao

banco dos réus a mãe dos menores abandonados, eu, se fôsse juiz, teria arrancado á infeliz o nome do tratante e dar-lhe-hia a celebridade, por intermedio do noticiario judicial.

Quanto ao publico que recebeu com agrado manifesto a absolvição da infeliz, esqueceu-se de manifestar sympathias menos anodinas, soccorrendo aquelles desventurados com o pão de alguns dias. Mas se aquelle respeitavel publico vae para alli divertir-se, nos intervallos da tasca e de mais immundas coisas!

Que *bello* noticiario judicial a fazer! *Mas se tudo isto é tão pequeno! se nos conhecemos todos!*... Não é assim que se diz?

*

*   *

Eu já vi no tribunal da Boa Hora, aquelle *respeitavel publico effectivo* rir ás gargalhadas porque um menor de 13 annos déra entrada 14 vezes na Casa de Correcção (então nas Mo-

nicas,) como vádio e ladrão. Naturalmente, faziam parte do auditorio risonho o pae e a mãe do menor. São assim aquelles pandegos: tudo os faz rir. Com um verniz de educação patusca, dariam uns *homens publicos* de uma canna.

Mas, a quintessencia da estupidez não é privilegio d'aquella sucia. Ainda ha dias me dizia um cavalheiro pensante: — «O que eu entendo é que uma Casa de Correcção deve dar interesses: a mão d'obra é gratuita», etc.

... E assim estamos: a *missão correccional é fazer dinheiro*. Que corja!

Referindo-se ao deploravel estado da nossa marinha de guerra (!) diz o *Diario de Noticias:*

«Todas as nações que teem interesses politicos ou commerciaes no Extremo Oriente, teem reforçado as suas estações navaes. Portugal seguiu o exemplo e mandou para lá os cruzadores *Adamastor* e *Vasco da Gama.*

«No Tejo havia outros navios de construcção recente; mas um, o *D. Carlos*, diz-se que tem de desempenhar brevemente uma commissão; o cruzador *D. Amelia* carece de grande obra, ao que se diz e escreve; e os cruzadores *S. Raphael* e *S. Gabriel*, ha mais de um anno amarrados, esperam ainda que os dêem por promptos. Agora estão elles no dique.»

... E a isto accrescenta, *á portugueza:*

«Tal é o triste estado da nossa marinha de guerra. *Não attribuimos culpa a ninguem especialmente. A culpa é de muitos e vem de longe. Não nos importa saber de quem é a responsabilidade.*»

*

* *

A' portugueza, hein? A's vezes succede, em minha casa, apparecer partido um objecto qualquer. Eu indago, para lançar responsabilidades, e a minha creada explica, *á portugueza:*

— «Isso já assim está ha muito tempo. Vão lá agora tratar de saber quem foi!»

Mas o *Diario de Noticias*, ampliando, diz:

«E' profundamente triste tudo o que estamos vendo. Não temos navios quando mais necessarios nos são; não temos escolas praticas que eduquem o pessoal, não temos os estimulos que ha em ontras marinhas; tudo nos falta, emfim, e falta por que ha, onde não era licito haver, as mais erradas ideias sobre a nossa força naval, porque ha emfim pouco conhecimento do importante papel que as marinhas teem na defeza de um paiz.

«Se continuarmos assim, aonde chegaremos? Sem pratica, sem instrucção technica apropriada, não viajando nunca, ou viajando pouco, o que virá a ser a nossa corporação de officiaes, o que virá a ser a marinha portugueza? Os galões não bastam para dar os conhecimentos indispensaveis ao moderno official.»

... E, *á portugueza*, continuamos a balbuciar: — «E' profundamente triste tudo isto.» Chega a ser patusco.

XXXI

Nem sempre coisas tristes! Tem a palavra o correspondente do *Popular* em Evora. Diz assim, fallando de um jantar regenerador e a proposito dos discursos:

«Os oradores foram muito victoriados, mas devemos especialisar tambem o dr. Pita Simões e o dr. Pissarra, aquelle do Redondo e este de Reguengos, que, representando a velha guarda regeneradora, receberam tambem uma verdadeira apotheose (!) no fim dos seus discursos.

«O banquete, que terminou perto da uma hora da noite, foi incontestavelmente uma manifestação imponentissima da força e prestigio do partido regenerador n'este districto.

«Na primeira sala tocou uma orchestra dirigida pelo insigne maestro Moraes.»

...Admittido que um jantar alemtejano é uma imponentissima manifestação de força e pres-

tigio, e que Evora se lambe com um insigne maestro chamado *Moraes*, provavel descendencia de *Mozart*, temos alli uma *apotheose* de Pitta Simões, Pissarra e outros, que me inspira cuidados.

Apotheose, segundo o Moraes do *diccionario*, vem do grego *apô* (de) e *Theos* (Deus). E' a acção de pôr algum mortal no numero dos deuses. — Ceremonia de deificação entre os Gregos e os romanos: lhe chama Bluteau.

Já um dia Camillo Castello Branco teve de explicar isto ao pobre Alexandre da Conceição, concluindo que onde este vira *apotheose* houvera apenas *festejo*. E' assim. Em Evora, Pissarra, Pitta Simões e os outros foram festejados pelos companheiros de paparoca, ao som dos hymnos do insigne Moraes, descendente de Mozart.

A contas com o sr. Pequito e com umas manifestações patuscas a esse *Necker de Estado*

honorario, antes de o ser, — diz o *Jornal da Noite:*

«Que o sr. Pequito, entrando para o ministerio, atrapalhou de tal fórma os seus admiradores, que elles não sabem o que fazem nem o que dizem e — o que ainda é mais,—nem o que pensam.

«Que o melhor que todos teem a fazer é esperar que o ministerio caia e manifestarem a sua alegria por o sr. Pequito... ter sahido. Creiam que n'essa manifestação serão acompanhados por todo o paiz e pelo proprio sr. Pequito, que não deixará de dirigir a si proprio uma mensagem de felicitação por ter sido nomeado... ministro de Estado honorario, unica ambição de toda a sua vida.»

... Só falta darem-lhe piparotes no nariz!

Paz á Politica e aos sucios! Vamos á anedocta! Hontem, na *gare* do Rocio, vi entrar um dos nossos *seportmen*, pelintra com apparen-

cias de ricaço. O homem arrumou contra uma parede um velocipede e dirigiu-se a uma bilheteira, ao tempo em que um carregador, observando-o, dizia a um companheiro de trabalho e de pobreza:

— «Estes sujeitos com *massa*, quando pensarem na Morte, sempre lhes ha-de doer muito a cabeça!»

Profundo, hein? E' a quintessencia da mais apurada e penetrante philosophia. Que seria dos grandes e dos pequenos desgraçados, se a Morte não estivesse alli — a chamar *á vez* os felizardos e os patifões *triumphantes*, mais ou menos contrabandistas e negreiros e analphabetos e insolentes?! Dizes bem, triste carregador! hão de sentir *dôres de cabeça* — as cavalgaduras!

*

* *

A proposito:

Hontem, no Chiado, um trocista applicou

esta quadra a um *sportman* que ia passando:

> Atira, mata, é *tennista*,
> Tem um automovel d'aço:
> Eis aqui os requisitos
> P'ra uma besta entrar no Paço.

XXXII

Para Necker-Periquito vêr:

Informa-nos E. Lockroy de que, ha quarenta annos e pico, quando Garibaldi ia acabar de demolir a interessante realeza de Napoles, se deram os seguintes factos interessantissimos:

O rei Francisco II, pretendendo equilibrar-se, com a maromba de um ministerio novo. contra as aspirações revolucionarias do seu povo, desatou a chamar gente para ministros. Tudo desatou a fugir. O rei prohibiu a sahida do reino e ameaçou com forte multa e prisão a quem não acceitasse uma pasta. Todos recusaram com firmeza.

Uma cantata! — como diria o erudito Bernardes de Carvalho. A' mingua de nobres, de militares e de politicos, que acceitassem, o rei, desvairado, chamou um tal Del Re, creado do paço, e nomeou-o ministro do reino. O pateta fez decretar o estado de sitio na capital e perseguir ferozmente os revolucionarios. Mas, era chegada a hora final da pagodeira: desabou o ministerio, mais a realeza... Agora, pergunta o sr. Pequito que tem elle com a historia napolitana.

E eu digo-lhe que ponha os olhos n'aquelles que regeitaram e olhe para si — grande seringador lamuriento, que passou a vida a balbuciar: — «Velho e dedicado!»

E narigudo, Necker de taboada!

Por varios motivos, eu prefiro comprar livros usados a livros novos. Aqui está um dos motivos:

Grande parte dos leitores *annotam* a leitura: uns a lapis, ou a tinta, outros com uma unhada. Não são estes os menos eloquentes.

Foi hoje que eu li n'um dos taes livros usados: — «Para os homens de guerra o assassinio é revoltante coisa.»

Estava annotado com uma simples unhada. Eu tambem annotei, a lapis, com as seguintes palavras de Montaigne, o sarcastico moralista do seculo XVI:

«Toutes disputes sont grammairiennes».

E' possivel que me não entendam todos os da cidade, mas os de Cerva e Mondim perceberam — todos.

Esta manhã encontrei no Chiado um meu antigo camarada, que eu não vejo senão de quatro em quatro annos. Falámos de Litteratura e de litteratos, e eu, por signal, disse ao meu interlocutor:

— Falar do *Encoberto*, de Bruno, á primeira vista, — analysar, pensando n'outra coisa, o trabalho de um pensador — é façanha a que não me atrevo, o que não deixa de humilharme, pois que não falta quem se atreva. Mas, a proposito, me recordo de dois casos que eu lhe digo, e que vem a ser:

Uma vez, pediu-me um burguez, ricaço e ex-contrabandista, um exemplar de um livro meu — *Combates e Criticas*, umas 400 paginas em 8.º grande. O homem nada percebia de taes coisas, mas um exemplar não me fazia falta. Dei-lh'o. Horas depois, encontro o sujeito, que me diz: — «Recebi o seu livro e li-o de uma assentada. E' um bonito pensamento!...»

O amigo ri-se? Mas ouça agora outro caso. Ha trinta annos, sahiu no Porto a 1.ª edição da *Morte de D. João*. Estava alli Guerra Junqueiro, a quem Gaspar Ferreira Baltar disse que já lá estava — no *Primeiro de Janeiro* — noticia do livro, *e de primeira ordem!* Riu-se o grande poeta, ao transmittir-me o annuncio

da coisa. Eu não me ri, porque era então muito crente. Esperei.

Saiu a noticia *de primeira ordem*. Mas, como fosse do norte do paiz o noticiarista, e se houvesse conservado na santa confusão dos *bb* e dos *vv*, escreveu — que «a *Morte de D. João* tinha muita *berbe*. . »

*

* *

A ignorancia é muito atrevida, e a contraprova é que a gente quanto mais aprende menos se afoita.

XXXIII

Pretende-se estabelecer que o augmento de suicidios deriva-se das noticias dos jornaes. E d'ahi, mais uma vez, projectos de accordo geral para abstenção de taes noticias. Suspeito que ha absurdo na costa... Quem por diffi-

culdades crueis e amarguras torturantes *não póde mais*, ou *não está para mais*, importa-se bem pouco com as gazetas. Se algum suicidio se derivou das taes noticias é porque o *suicida* era tolo. Deixal-o ir!

Uma vez dado o accordo para o silencio sobre a morte voluntaria, porque não se ha de estabelecer no tocante aos roubos e aos homicidios? E' possivel que o ladrão e o assassino esperem a *suggestão* das noticias, para proceder. Calem-se ácerca de taes crimes, e verão conservar-se *na alta* o registro da virtude! Ora, eu bem sei que é difficil desenraizar um velho disparate de criterio, e não ha duvida que na opinião do maior numero, os *malditos jornaes* teem a culpa de se matarem tantos desgraçados; mas não seria tempo de dar a palavra ao juizo independente?...

....

Vejo no *Diario de Noticias:*

CONSTANTINOPLA, 2—Os relatorios dos consules da Russia, da França e da Inglaterra sobre os acontecimentos de Sassoun consignam o morticinio de cêrca de 5:000 armenios, homens, mulheres e creanças.

... O *Diario de Noticias* tem lá um collaborador que sabe tanto de geographia como o *clerigo Sileno*, avô dos bebedos e neto de seu avô, sabe de temperança. E' assim que o alludido collaborador escreve no alto d'aquelle telegramma: — *Nos Balkans.*

Ora, a *Armenia* é na Asia, e os *Balkans* são na Europa Mas o do *Noticias* entende que todas as zaragatas turcas são — nos *Balkans*. Era aquillo do Fernando Leal, que eu lhes conto:

Dava-lhe os parabens um quidam — «pela soberba traducção de versos de Victor Hugo,

que o Fernando publicara dois dias antes.

E o Fernando:

— «Vá você para o inferno! Os versos são originaes meus. Porque eu tenho traduzido versos de Victor Hugo, não se segue que eu só produza... traducções dos versos d'elle!»

XXXIV

Ha um sentimento que eu não conheço de perto, mas de que fórmo terrivel ideia — pelas informações. Chama-se *inveja.* Um dia houve em que um parvajola me chamou *invejoso;* e eu tratei de verificar se andava por alli absurdo. Andava.

E' que se me revelou a distancia que vae da *inveja* a um sentimento que me tem impulsionado desde que trabalho, ha perto de quarenta annos, e algo prejudicado. Póde-se definir este sentimento — *a revolta da equidade.*

Eu explico:

Diz algures o Zola, a proposito de um monumento que em Paris erigiram ao velho Alexandre Dumas, estando vivo o poderoso Alexandre Dumas filho: — «Se Balzac regressasse e pudesse ver a estatua do velho Dumas, diria: — «Então elle é que tem a estatua?!» Salvo a redacção.

Todos nós, abaixo de Balzac e dos Dumas e acima de *toda a gente*, temos horas de surprezas e indignações. Se nos revoltassemos contra qualquer homenagem fosse a quem fosse, affirmariamos *inveja*; se, porém, nos revoltamos contra a immerecida consideração obtida pelos nossos inferiores, fala a *equidade indignada*. Se eu reagisse, em absoluto, contra um monumento a Eça de Queiroz, eu seria *um invejoso;* mas eu só protesto relativamenie: porque ainda falta um monumento a Camillo Castello Branco — *o maior de todos*. Protesto pela *equidade*.

*

* *

Ainda esta manhã, á falta de outro assumpto, eu pensava n'esta *pastelada:* — O bibliothecario-mór do nosso paiz é um politiqueiro sem letras, como todos os politiqueiros, chamado *José d'Azevedo Castello Branco*; — para redactor da folha official foi nomeado, entre outros, o *Albano da Cunha*, que é analphabeto; — o mesmo e outros, ainda peiores, recebem a Legião d'Honra: — não ha imbecil, mais ou menos ridiculo, que não seja deputado, — nem aprendiz de bacalhoeiro que, depois do *Periquito*, não pense em ser ministro . Que diabo póde a gente ser, sem rebaixar-se, no terreno das *distincções officiaes e politicas?!*

*

* *

... Ha dias que eu penso em pedir *o habito*

de Christo, que é bonito para um velho e que já ninguem quer; mas ha o perigo de o confundirem com a *Legião de Honra* — que eu tive de rogar a Sarah Bernhardt que me não obtivesse. E' preciso que um homem se respeite, e eu não sou um *peixinho japonez*.

O caso recente foi aquella belleza da canhoneira *Tejo*, nas alturas do cabo Espichel, com as caldeiras apagadas, com avaria nas machinas, sem pharóes para pedir soccorro—de noite, sem bandeiras para de dia o reclamar, sem pão para 100 homens de tripulação famintos. Tudo isto quasi á vista de Lisboa!

Profissionaes e gazetas pedem o apuro de responsabilidades. Historias! *Tudo isto* é já irresponsavel.

Ha quem se ria, quem se revolte e quem encolha os hombros — é a maioria. Eu fico-me a pensar no que seria de nós, em desgraça e em vergonhas, se um dia tivessemos de defender-

nos por mar, ou por terra, de um aggressor medianamente sério.

E não faltam entre nós austeros censores da anarchia administrativa e militar de nações conhecidas.

Deus nos livre de um espirro do Japão!

Telegramma ao *Diario de Noticias*:

Sabugal. — Manuel Paulo Pinto, da Cerdeira, foi hoje julgado pelos dignos jurados d'esta comarca, da Covilhã, e da Guarda, por crime de passagem de 38 notas de 2$500 réis, falsas, sendo condemnado em 50 dias de multa a 100 réis. — *(Correspondente).*

Noventa e cinco mil réis de notas falsas — e cinco mil réis de multa ao passador. É-se bondoso no Sabugal.

Bondoso e suggestivo.

Escrevem da Africa Oriental:

«Devem estar concluidas no fim d'este anno as obras da canalisação do Umbeluzi, para o abastecimenqo das aguas potaveis da cidade de Lourenço Marques.

«O rio Umbeluzi, cujas aguas, além de abundantes, são de grande pureza, dista cerca de 45 kilometros d'aquella cidade africana. Comprehende-se, portanto, o grande dispendio d'esta canalisação, que, segundo nos consta, está orçada em cerca de 20 mil libras.

«E' d'este rio que os navios de guerra e mercantes, surtos no porto de Lourenço Marques, se abastecem d'agua para as suas viagens, agua que, depois de filtrada, póde rivalizar com as melhores da Europa.»

... Nós todos, lisboetas, victimas da horrivel Companhia das Aguas, cá da terra, saudamos — occultando a inveja — os ditosos habitantes de Lourenço Marques.

XXXV

No *Popular* apparece-me um psychologo — que eu suspeito conhecer, pela construcção grammatical. Tracta da infernal maledicencia... dos outros, e produz as seguintes classificações:

«Descendo da vida geral do nosso povo á vida particular, resalta sempre vivinha a constante maledicencia. Nas relações individuaes que nos cercam, ha tres classes distinctas: os *maus*, os *azedos* e os *indifferentes*, todos egualmente affectados da doença endemica.

«Os *maus* são os que, no intuito premeditado de prejudicar os outros, saltando por cima dos dictames da propria consciencia e quiçá dos impulsos humanos de reconhecimento do valor alheio, aproveitam todos os ensejos, deturpando a verdade e pisando a razão, para crear atmospheras deleterias de antipathia aos

....

que não sejam elles, levando-lhes estorvos de diversas especies e embaraços de toda a cathegoria, fazendo-os muita vez sossobrar n'este mar immenso de invejas e de insidias.

«Os *azedos* formam á parte, mas são doentes da mesma enfermidade. Blandicias e fingidos dós para aquelles a quem a sorte collocou em nivel mais baixo, e, no intimo, regosijo sincero pela inferioridade reconhecida. Mas, mercê da mesma sorte ou de merecimentos proprios, succede que os lastimados ascendem na escala social. Ai d'elles! Como é subita e brusca a transformação das blandicias e do dó, de hontem, em inveja e odio de hoje! Agentes da metamorphose são então os chamados *azedos*.

«Os *indifferentes*, cobardes e timidos, receosos de vinganças futuras, acobertados com véu da hypocrisia, a ninguem dirigem louvores, mas a nenhuma pessoa assacam criticas. Mas com que goso vibrante e prazer sentido ouvem as malsinações verrinosas pelos *maus* e pelos *azedos*, sem uma palavra de defeza, ain-

da que a injustiça das accusações appareça illuminada pela luz clara da evidencia!

«São talvez estes os mais hediondamente criminosos.»

*

* *

Ainda bem que, não sendo dos mais desprendidos do espirito de maledicencia — e antes assim do que relaxado, — me não vejo incluido em algum d'aquelles grupos! Não pertenço ao dos *maus*, porque não conheço typos invejaveis; até os patifes me parecem dignos de compaixão — uma vez por outra. Não me filio no grupo dos *azedos*, porque nunca passei do sentimento do dó ao odio: antes pelo contrario. E nada tenho com os taes *indifferentes*, porque nunca temi vinganças, causando-me apenas tédio os meus mais ferozes inimigos, Ainda bem que ólho com independencia para taes Psychologias!

*

* *

O que eu diviso e contemplo, a perder de vista, não são grupos distinctos, mas uma infinita legião de egoistas, com salpicos de malandrões, de *souteneurs*, de invertidos, de pedantes abaixo de mediocres, de burros muito abaixo de camellos, de diffamadores por conta, de videirinhos traiçoeiros e de canalhinhas ao nascer. E, porque os vejo, não levo a mal a corrente de maledicencia nacional, que é apenas um resultado inevitavel da impunidade, filha da relaxação.

E todavia, eu poderia ter sido mais desgraçado: eu podia ter n'este mundo uma filha — herdeira de uma fortuna. E então se daria o caso de a rapariga ser cubiçada, requestada e empalmada — á face da egreja — por aquelle *idiota janota e caçador de casamento rico*, — ou por *aquelle maluco* que só uma tolinha póde julgar *um homem*, — ou por aquelle *in-*

vertido, que é a deshonra das escarradeiras suas irmãs,—ou por aquelle aspirante a *homem publico*, capaz de fazer da fémea uma mulher publica...

Etc. Estive com sorte.

Telegramma n'um jornal de grande tiragem:

Londres 11, ás 5, 20 t.—Quando Eduardo VII regressava das corridas de cavallos em New-Market, a carruagem de sua magestade esbarrou com outro carro. O monarcha, que se fazia acompanhar por lord Farguhar e pelo capitão Holford, soffreu apenas o susto.

...De modo que ainda se passa diploma de poltrão ao rei de Inglaterra e imperador das Indias.

Não ganhou para o susto... como um linheiro das Hortas!

— —

Alli do paiz visinho:

Madrid, *11*, *ás 8*, *30 n.* — Communicam de Sevilha que o rei assistiu esta manhã ás manobras militares, que se realisaram no Prado de San Sebastian.

«Durante as manobras, um tenente atacado de insolação, caiu do cavallo que montava.

«O rei acudiu pressuroso a auxilial-o a levantar-se, sendo n'essa occasião muito acclamado pelo povo.»

... Como quem diz: *pelos 80 a 90 °/₀* ali presentes.

*

*   *

Do mesmo paiz:

«*Madrid*, *11*, *ás 9 n.* O governo nega que

tenha havido qualquer contratempo nas negociações entre a Hespanha e a França, a respeito de Marrocos, affirmando que, ao contrario, continuam rapidamente.»

...Os governos de Affonso XIII nunca deixam de proceder *rapidamente*. Está a gente a lembrar-se da guerra e das negociações com os Estados-Unidos. Foi a vapor!

Cá da patria amada. Informa um jornal:

«A instancias dos Inglezes, que teem a concessão da foz do Chinde, vae ser pedido ao ministerio da marinha o envio de uma draga destinada a servir na barra d'aquelle rio.

«E' tal o desejo que os Inglezes teem em manter alli desimpedida a navegação, que por varias vezes se teem offerecido para fazerem a dragagem da barra por sua conta.»

...A offerta dos inglezes é vergonhosissima para nós. Nem trabalhamos, nem deixamos trabalhar os outros.

Participa a Agencia Havas:

«SEVILHA, 10, meia-noite. — Affonso XIII foi hoje a Trianna (?) fazendo-lhe o povo uma delirante manifestação.»

Delirar (do Lat. *delirare*) é desvariar, ou tresvariar, dizer disparates, por febres ou por doença aguda. Tambem significa: dizer disparates por falta de juizo, de intelligencia, ou por paixão.

Até aqui o *Moraes*; o *Faria* faz esta concessão: — *Delirar*: demonstrações extravagantes do contentamento.

... A' similhança dos macacos no Jardim Zoologico, ou dos gallegos á esquina da rua.

*

* *

E ahi está o que fez o povo hespanhol — o tal do telegramma — ao engraçado *niño*, em cujo reinado a Hespanha fez uma *gentil figura* em Melilla, — perdeu as colonias e a esquadra, estrangulada pelos Estados Unidos — e foi sacudida de Marrocos pelo accordo da Inglaterra e da França. Só lhes resta devorarem-nos, *em compensação*.

O que? não é culpado o *niño*? Mas, por que bullas lhe consagram *disparates* e *manifestações extravagantes de contentamento*?

Ponham isso em zarzuela, cantada pelos *deita gatos!*

——

Leio nos jornaes de Lisboa. Tracta-se dos *Electricos*:

«A Companhia Carris de Ferro de Lisboa

trata de estabelecer uma caixa de pensões e reformas para o seu pessoal!.»

... Pois que se acha em tão humanitarias disposições, veja se estabelece pensões ás familias dos infelizes victimados pela bestialidade de parte do seu pessoal!

A proposito da alliança dos Progressistas com os devotos Pestana & C.ª, diz o *Popular:*

«Sem duvida, o sr. João Franco pretende agora renovar a chronica de Costa Cabral, sahindo do club jacobino dos Camillos para se converter no mais valioso elemento da reacção politica e da oppressão governativa, mas duvidosamente o conseguirá, por lhe ser contraria a época e lhe faltar a larga envergadura intellectual do primeiro conde de Thomar. No momento actual, porém, os Progressistas po-

deriam desculpar-se, allegando darem credito, aliás immerecido, ás phrases do programma franquista. Mostrariam imprevidencia funesta, mas não se collocariam em contradicção aberta com todo o seu passado. A velha democracia do sr. Augusto José da Cunha, companheiro de Elias Garcia, para não fallar de outros, lograria servir com as promessas liberaes, embora fementidas, do franquismo. Mas nem chega a comprehender-se o mesmo sr. Augusto José da Cunha, sempre sem fallar de outros, a commungar na mesma pia com o sr. conde de Samodães e com o sr. Manoel Pestana.»

... E haver um tempo na vida em que se tóma *tudo* isto a sério!

———

Morreu o Rosalino — no hospital. Toda a gente o conhecia, pelo feitio excentrico do litterato e pela honestidade de caracter do excellente homem.

Não escrevia bem; mas ahi está o *Albano da Cunha*, que ainda escreve peior, e que custa mais ao Thesouro do que tres homens de valor.

Este mundo é aquillo que cheira mal.

XXXVI

Um dia d'estes, vi precipitar-se do alto do ascensor de Santa Justa para a rua do Ouro um homem, que depois me informaram erradamente ser um lojista em vesperas de fallencia. Eu fechei os olhos ao vêl-o vir do alto, mas, se não o vi cair, ouvi a quéda. Receio que por largo tempo se me conserve nos ouvidos aquelle horrivel som!

Muita gente correndo. Commentarios. Foi o caso do dia; e não faltou quem na Arcada sentenciasse:—«A promptidão com que estes sujeitos se matam! Se os outros soubessem acudiam, mas ninguem adivinha...» Horrendissimos patifes!

Precisamente, eu acabára, ao sair de casa, de annotar cinco linhas do livro novo *A Farça*, de Raul Brandão. Rezam assim as taes cinco linhas d'esse admiravel livro — escripto com um talento macabro, que dá realce grutesco aos *talentos* alforrecas da interminavel sucia:

«O mundo indifferente continuou a mourejar:—a mesma banalidade, as mesmas dôres, e risos, identicos habitos, e o eterno borborinho sem fito sobre a cabeça dos que adormeceram para sempre no seio da terra.»

*

* *

A proposito recebo a seguinte carta:

... «Tinha curiosidade em saber a opinião do philosopho Tiberio com respeito á fórma como a *bondosa* reportagem noticia os casos de suicidio, de crimes, etc.

«Ainda ante-hontem um jornal da noite, fazendo a descripção do caso do suicidio occor-

rido no elevador de Santa Justa, foi estendendo a massa, até que lhe appeteceu de repente escrever em typo muito maior e saliente «NEURASTHENIA FATAL.»—Ora, ha já alguns annos que as auctoridades entenderam, para defender a velharia do *Segredo profissional*, prohibir que no Obituario que vem a um canto dos jornaes, e que quasi ninguem lê, se publicassem as doenças causadoras dos obitos.

«Isto, não como respeito por um sentimento humano, mas sim para respeitar um dever puramente convencional.

«V., Sr. João Braz, que é um nervoso, supponha agora o que terá sentido os milhares de doentes a quem os medicos teem dito que padecem de Neurasthenia, depois de lerem aquella prosa animadora n'um jornal de bastante tiragem. Naturalmente, todos, ou quasi todos, terão visto defronte de si o phantasma do suicidio, como resultado mais proximo ou mais remoto da sua doença.

«Ora, como aquellas duas palavras, enci-

mando a prosa descriptiva, não puderam servir, nem para augmento de venda do jornal, nem para elevar á gloria de genio quem as escreveu, pelo seu excepcional merito litterario, quer de fórma, quer de conceito, o seu amigo Tiberio não achará n'este caso, como em muitos outros, um symptoma da Maldade inconsciente, que é apanagio da especie humana?...

«*Ninguem*».

*

* *

Tiberio não responde, porque está em Porto-Arthur: *vêr e crêr*. Respondo eu por nós ambos:

— Não tomemos isto muito a sério, para não endoidecermos.

XXXVII

Na minha mocidade, ia eu todas as noites ao theatro da Trindade, regalar-me vendo e ouvindo o *Barba Azul*. E recordo-me d'este dialogo do *rei Bobeche* (Izidoro) com o *conde Oscar* (Joaquim d'Almeida):

«*O conde.* — «Mas é que o senhor de Barba Azul tem peças de artilheria e vossa magestade não tem uma só, com que se benza!

O rei. — Que é isso? Eu não tenho uma peça?!

O conde. — Nem uma, para amostra.

O rei. — E que destino deu o inspector do arsenal ao dinheiro que lhe entreguei?

O conde. — Gastou-o em comes e bebes.

O rei. — Ao menos devia ter-me convidado.

O conde. — A mim convidou-me.

O rei. — Bom proveito, guloso! O peior é que sou eu quem paga.»

*

*   *

Não era tal o rei quem pagava. Era a besta contribuinte. Mas, eu trago isto a proposito de a administração militar na Russia ter gasto em comes e bebes o dinheiro destinado a artilheria e coisas. E parece que é moda em quasi todos os paizes da Terra. O anno passado, a Turquia teve de pagar uns cobres á França, porque se achou, em vespera do conflicto, com *um vaso de guerra* para amostra, figurando no *Almanack de Gotha* com uma grande esquadra. A Hespanha estava fresca na lucta contra os Americanos. A França foi o que se viu em 1870; e se nós .. Ora, *nós é coisa atada!* Diz bem Zé-burro.

Ponham os olhos n'este amor de telegramma. Assim se escreve a Historia :

. . . .

«OS INGLEZES NO THIBET.

«LONDRES, 7 t. — Uns 700 thibetanos atacaram no dia 5 o acampamento da missão ingleza em Grang-tse, mas foram repellidos depois de duas horas de combate e abandonaram no campo 250 mortos ou feridos. Os inglezes tiveram 2 feridos. — (*Havas*)».

Duas horas de combate, que deve ter sido encarniçado, pois que os indigenas do Thibet perderam 250 homens, — e os Inglezes tiveram apenas dois feridos!

Vão os meus amigos da Grã-Bretanha mentir para casa do diabo! A não ser — diria o alfaiate José Clemente — que elles usem no Thibet *os famosos gabões de Aveiro.*

—

Um d'estes cavalheiros, que se julgam felizes quando suppõem que nos podem ser des-

agradaveis, participa-me que me tem dito *coisas de entupir* um pateta do Norte.

Não tenho visto, nem decerto verei; mas quero contar uma historia — pela decima setima vez. E' a seguinte:

Um bello dia, haverá trinta annos, tendo Amorim Vianna atacado n'um jornal as casas de jogo, foi *atracado* no largo da Batalha por D. Marcos Arguelles, dono do famoso *Gremio* — casa de jogo extincta. Ao vêr abeirar-se-lhe o jogador, Amorim Vianna desatou a fugir. Exclamação de D. Marcos.

— «Você foge, seu covardão?!»

E o sabio:

— «Não é medo: é vergonha de que me vejam estar a fallar com você!»

... Pela decima setima vez, — ó de lá de riba!

Noticiando um *beneficio* da sr.ª Lucinda Simões, diz um meu collega:

«Lucinda, *a maior de todas*, como diria Silva Pinto».

...Quando fallasse de Sarah Bernhardt, bem entendido.

Da *Voz do Operario*:

«Inventou-se ahi, para o pagamento do trabalho typographico, uma theoria verdadeiramente extraordinaria, que não apparece em nenhum tratado de Sociologia: — a de que o trabalho deve ser pago em conformidade com os lucros do industrial. E' rica e prospera a empreza que explora o trabalho typographico? N'esse caso os salarios podem ser elevados. E' rachitica e enfezada essa empreza? Então, os operarios que trabalhem por salarios que mal lhes cheguem para comer! Extranha theoria esta, que pela primeira vez vemos defender, e que nunca vimos applicar a qualquer outra classe ou ramo de industria!»

... Ha de perdoar, mas eu já um dia pedi á Empreza, de que sou empregado, augmento de salario, e o ministro respondeu-me — que o estado do orçamento era desgraçado, e que eu bem o sabia.

Eu bem sabia; mas *como não tinha sido eu*...

XXXVIII

N'um comicio ha pouco realizado em Coimbra:

Dr. Malva da Veiga:

— «Sou um medico livre n'uma aldeia, e na minha clinica da ultima semana observei, entre outros, os seguintes doentes:

«Manoel Cardoso, de 70 annos de edade, natural e residente na Castanheira, freguezia de S. Silvestre, pae de 5 filhos. Passou por ter sido o maior trabalhador da freguezia.

«Diagnostico — fome!

« — José Varella, de 30 annos de edade, na-

tural e residente na mesma freguezia, com 3 filhos. E' um bom trabalhador.

«Diagnostico — fome!

«— Uma criança, de 18 dias de edade, de nome José, natural de S. Martinho de Arvore. A mãe tem sempre criado os outros filhos, com abundancia de leite. Agora mesmo tinha muito quando a criança nasceu; foi diminuindo pouco a pouco, até que de todo seccou.

«Diagnostico — fome!

«O filho, ao cabo de 8 dias alimentava-se de esmolas; aos 18, morreu.

«Diagnostico — fome!»

... Vejo, pela noticia, que, de quando em quando, o commissario de policia interrompia o orador. Entende-se. Morrer de fome não é *coisa que se diga.*

*

* *

A proposito de tal inconveniencia, todos po-

dem vêr outra identica no *Diario de Noticias*. E' o que se vae lêr:

«Um grupo de aspirantes da contabilidade publica escreve-nos, sollicitando a nossa attenção para o estado em que se encontra um seu infeliz collega.

«Dizem-nos que este desgraçado tem 15$000 réis mensaes, dos quaes só recebe 8$025, depois dos descontos que por lei soffre.

«Que tem a mulher ha muito tisica, soffrendo horrivelmente, e tres creanças muito doentes do peito, a irmã quasi cega, padecendo d'uma atroz doença.

«Que perdeu ha pouco a mãe, viuva d'um official do exercito.

«Que, emquanto teve para vender ou empenhar, vendeu e empenhou.

«Que actualmente todos passam fome, não podendo as creanças ir á escola, por não terem que vestir, e se elle ainda vae á repartição é porque lhe emprestam um casaco.»

... O *Diario de Noticias* accrescenta de sua casa:

«Em favor d'este infeliz, imploramos dos nossos assignantes e leitores uma collocação, para ganhar alguns vintens depois das 4 da tarde, a fim de se não dizer que em Lisboa se morre de fome.

«Os aspirantes da 6.ª repartição de contabilidade dão todas as informações que sejam requeridas.

«Sabemos tambem que este desgraçado, que é intelligente e instruido, tem habilitado varios alumnos em instrucção primaria, os quaes sempre teem sido approvados, podendo assim ser utilisado para leccionar.

«Móra na rua de Martim Vaz, 33, 1.º»

... Não deve passar em claro aquelle dizer do auctor da noticia: — *A fim de se não dizer que em Lisboa se morre de fome.*

Pois, decerto, apenas acudirem áquelle func-

cionario e á familia, deixa de existir a fome em Lisboa. Toda a *canalha de depenados* passa a rebentar de fartura!

Vamos andando.

XXXIX

Um jornal de Lisboa, registrando certos factos do jornalismo francez, commenta:

«A chronica, o artigo de fundo estão em decadencia. Agora querem-se documentos, *interviews*. As opiniões de um homem, mesmo de grande talento, já não seduzem o publico.»

Eis-nos no circulo vicioso em que se discute se a primeira gallinha nasceu antes ou depois do primeiro ovo. Quer-se saber se o culpado do rebaixamento de tal publico foi este Telemaco, ou foi Mentor.

Em vez da chronica ou do artigo de fundo escriptos por homens *mesmo de grande talento*,

prefere certo publico—louvado Deus, não é todo—os *documentos* e as *interviews*. E acode accrescentar: — *Mesmo sem talento nenhum?*

Dizia-me, é certo, ha tempos o proprietario de um grande jornal:

— «Para um numero consideravel de leitores a parte superior do jornal—quero dizer a que é redigida com talento, com ideias, com principios e com elevação — é dispensavel, o que depõe deploravelmente ácerca da evolução dos espiritos. Taes espiritos preferem a noticia, embora mal redigida, das facadas do fadista na amante, com minudencias ácerca dos dois typos e dos parentes de ambos e dos custumes de todos. Espanta-se você de que eu não imponha a similhantes leitores o trabalho dos Intellectuaes; mas se a *repugnancia* dos taes leitores vem da falta de intelligencia? Devo eu arriscar, por amor da Arte, a minha empreza?»

*

* *

A' luz da *empreza* tem razão homem; mas não soffre duvida que a tal preferencia dos *documentos* constitue um documento eloquentissimo, inilludivel e muito applaudido pelos adversarios do Phosphoro. Rezumindo: chama-se Decadencia a situação. Não sei se me faço perceber.

*

* *

Vejo n'um jornal que um actor de 10.ª classe dissera: — «Compro todos os jornalistas por um bilhete de entrada, ou por uma traducção». Nem todos, homemsinho; mas isso não é commigo—já sei.

Cito o caso, lembrando-me de que, ha perto de 30 annos, no Porto, o director da Alfandega—Bento de Freitas Soares—disse em conse-

lho de verificadores:—«A imprensa! Jornal que eu não compre por uma libra compro-o por dez.»

Pareceu-me que era commigo. Deu-me trabalho, mas saiu-lhe cara a festa. Não falta quem se lembre no Porto.

Bons tempos!

... Japão e coisas, e eis que se desata a louvar a actual imperatriz, que, pelos modos, é uma *Sada Yacco* de arromba.

Vejo n'uma gazeta cá dą terra — que a mulhersinha chama-se Haru-Ko. Está no seu direito. E que é a primeira imperatriz do Japão, conselheira do imperador, que se interessa pela vida dos seus subditos. E é por isso que elles caem aos milhares debaixo dos regimentos de cossacos.

Já a formosa imperatriz Eugenia, a mulher de Napoleão III, chamava á guerra franco-

prussiana — *a minha guerra.* A japoneza Haru-Ko tambem tem a *sua guerra.*

Não esquecerá notar que a dona dos japonezes interessa-se muito pela saude do seu povo. Creou uma escola de enfermeiros, e está um anjo da caridade... amarello, que parece branco.

Este mundo é um pagode chinez.

Bem lhes dissera eu que o successor de Leão XIII era assim um *Frei José dos Qurações.* A proposito do protesto que o gallegito Merry del Val, successor de Rampolla, fez assignar ao Summo Pontifice e Summo Pobre d'espirito, contra a visita de Loubet á Roma de Victor Manuel, temos ahi o seguinte telegramma:

Paris, 21, ás 6 t. — A imprensa commenta a ruptura imminente das relações com o Vati-

cano, a qual, no dizer de alguns, não terá resultados sérios. Os jornaes de Austria, Inglaterra, Allemnnha e Italia são unanimes em dizer que o Summo Pontifice é bondoso e simples e o cardeal Merry del Val joven e inexperiente.

Que euphemismos tão patuscos!

Um critico alli de baixo pondera razoavelmente, vamos lá com Deus:

«Leão XIII, que, nas vesperas da sua morte, assistiu a essa obra que demoustrou um pulso audacioso e ferreo, absteve-se sempre de formular qualquer ruidoso protesto. Limitou-se a instar, particularmente, por que cessasse o que os catholicos denominam perseguição. O cardeal Rampolla, cujas sympathias pela França eram eguaes ás do Pontifice, se não ainda mais intensas, forcejou sempre por evitar que se

. . . .

rompessem as relações da Santa Sé com o governo da nação que o papa classificava amorosamente de «filha mais velha da Egreja.»

Assim foi. Mas o Mal de hoje pode ser o Bem, na phrase de Milton, da França dos nossos dias. Quem sabe se de um rompimento da *velha mãe* com a *filha mais velha* pode sair a *separação da Egreja e do Estado* — esse velho ideal de salvação?

Vê-se no *Dia*, orgão progressista:

«É preciso que a esta quadra doentia que a administração publica atravessa, outra succeda, vigorosa e forte, appoiada na vontade de grande parte do paiz, affirmada nos nossos *centros* provincianos, dando aos que governam a força necessaria para exercerem o poder, de modo que, sendo um ministerio retinctamente partidario, que a todos os seus partidarios considere e defenda, seja ao mesmo tempo um reformador energico da nossa vida politica, com-

pensando assim as perdas d'actividade d'este triste periodo em que nos encontramos.»

... Ora, ha talvez vinte annos, aconteceu-me pedir a um ministro progressista — ministro a valer — que não perseguisse um funccionario regenerador que o guerreava nas eleições. E o ministro disse-me:

— «Pela minha parte, estaria o homemsinho livre de cuidados, mas você *não imagina o que são os centros de provincia!...*»

Em Evora deu-se, ha dias, um banquete. A coisa foi entre amigos politicos do governo. Parece que não seria grande coisa, porque um correspondente do *Popular* diz a esta folha:

«O jantar foi servido pelo Hotel Eborense e agradou.»

Registro a frieza das expressões. Mas, logo no dia seguinte, escreve o correspondente ao *Popular*:

Evora, *11*. — O assumpto de todas as con-

....

versações é o banquete de hontem e a sua imponencia.

Entre as hostes opposicionistas, especialmente entre os francaceos, vae grande desanimo.»

Já não creio na *imponencia do banquete;* mas creio no *desanimo* das hostes opposicionistas. Bem ou mal, os governantes sempre comeram, e as *hostes* ficaram em jejum. É sempre para desanimar.

Conta o *Jornal da Noite* esta coisa historica: — que a princeza de Lamballe tinha desmaios, que lhe passavam quando lhe cortavam os cordões do espartilho.

Outra coisa historica, que o *Jornal da Noite* não diz:

— Os desmaios da princeza terminaram quando lhe cortaram a cabeça.

A uns cem passos de minha casa fica o jardim da Patriarchal, recinto ajardinado e aberto, onde tomam o sol, durante o dia, diversos sujeitos idosos e de bom porte, e onde, do anoitecer em diante, fazem *amor* varios typos de má nota Eu sou dos velhos friorentos, que vão de dia a dia rareando. Ultimamente vi desapparecer tres antigos passeantes: — o Antonio Pereira de Carvalho, o jogador Marcellino e, ante-hontem, o actor Simões.

Ouço uma trombeta. Está-me chamando a postos? Não percebo.

*

*   *

Já todos sabem — porque se lembram, ou por informação, — que teve carreira artistica fertil em applausos e em lucros o actor Simões. Para esplendido remate de uma longa vida, conseguiu vêr no palco, indiscutidas e glorificadas, Lucinda e Lucilia Simões — a filha e a

neta do consagrado artista. Vi-o ha dias, pela ultima vez, no carro electrico, e, tendo-lhe falado na neta e de varios papeis recentes de Lucilia, sentia-me satisfeito, ao vêr aquelle homem feliz. Lembro-me de lhe ouvir, ao despedirmo-nos: — «Creio bem que a pequena tem um brilhante futuro; mas, muito obrigado! Quem meus filhos beija...»

*

*   *

Ainda agora encontrei no jardim da Patriarchal os velhos amigos do bom sol—os do costume, menos o velho Simões. Não conversavam; iam assim com ar de *assombrados*. Eu tambem me sinto na corrente dos *proximos do fim*, mas só experimento assombro quando, ao romper da manhã, acórdo n'este planeta, — com o *fim* em causticante adiamento.

Emfim, creio que foi um homem feliz o nosso actor Simões. Abençoada originalidade!

XL

Chove furiosamente desde madrugàda, e eu escrevo-lhes ao meio dia, retido na minha alcova, fulo porque tenho que lidar por este mundo—e não posso expôr-me ao mau tempo.

Nada mais reles!

É a autonomia perdida.

Perder a autonomia: suggestiva phrase em espirito de Portuguez!

*

* *

Mas alli estão outros, mais considerados do que nós,—os de Fashoda—que me não parecem assaz autónomos. Olhem para este telegramma:

PARIS, 23, ás 4,27, t.—O grupo da direita e o grupo da União republicana affirmaram por unanimidade a sua fidelidade e sympathia

para com a Russia, e votaram 500:000 francos para os feridos russos.»

... *Fidelidade* dos grupos republicanos francezes *á Russia*. Está certo.

Um dia d'estes o Nicolau, — que póde contar com a *fidelidade* dos outros — passou em revista umas tropas que vão morrer á Asia, sem saber porque. O Nicolau ia com as senhoras da familia, e, para divertir a mesma, assim falou ás tropas:

«— Sinto-me feliz, irmãos, por vos vêr a todos, antes de partirdes e por vos poder desejar uma feliz viagem. É minha forte convicção que vós mantereis a honra do vosso velho regimento e que sabereis arriscar a vida pela nossa querida Patria. Lembrae-vos de que o vosso inimigo é bravo, corajoso e subtil. Desejo-vos de todo o coração a victoria e o triumpho sobre o vosso adversario. Com a imagem do divino Seraphim, abençôo-vos, ir-

mãos, e abençôo em vós o meu glorioso 1.º regimento de caçadores da Siberia oriental. Que o Seraphim véle por vós e vos não desampare durante o caminho! Agradeço aos officiaes o terem voluntariamente tomado os seus postos. Mais uma vez, obrigado, irmãos, de toda a minha alma! Deus vos abençôe!»

Em seguida o batalhão desfilou, e o Czar gritou outra vez ás tropas:

«— Adeus, irmãos!»

... Commentario de uma gazeta:

«Foi um momento de delirio commovente e heroico.»

... Commentario meu:

— Emquanto a Humanidade estiver assim *besta*, não irá mal ás *feras.*

Aconteceu-me lêr no *Popular*, vindo eu no comboio, de Caxias para Lisboa, — que estão em ruinas varias estradas que se acham *a cargo do Estado*, e que as *municipaes* se acham em bom estado de conservação.

Precisamente, acabava eu de contemplar os horrores *municipaes* que se desenrolam aos olhos do transeunte, desde o Caes do Sodré até Belem — em plena capital. São centenares de covas que ha annos o rico *municipio* abriu para arborisação e que mandou aterrar, com empedramento em redor—e sem arvores, nem sombra d'ellas; são centenares de metros quadrados de terreno, de espaço em espaço, convertidos em vasadouro; são os vestigios dos jardins improvisados quando aqui veiu o Affonso XIII de Hespanha; são pedregulhos e ortigas e esterco, aos montes, a *embellezar* um dos principaes pontos da cidade. E tudo *municipal.*

Ao Estado o que é do Estado — em relaxação e responsabilidades; mas esta *Camara Municipal de Lisboa* é o mais desaforado escandalo que o sol cobre em terras portuguezas — e pelo visto, é incorrigivel!

Da *Camara* ao *Arsenal da marinha* vão alguns metros de distancia. Diz o alludido *Popular*:

«Vamos perdendo as esperanças de obter explicação sobre os estupendos acontecimentos do Arsenal de Marinha, aquella deliciosa e lucrativa mina descoberta pelo sr. Croneau e ajudantes.

«Não ha meio de saber para que fim altamente superior, se importou da França, 6:000 kilos de borracha, gastando-se por anno a média de 50 a 60; nem tambem conseguimos descobrir quem inventou as *empreitadas* que n'aquella santa estão vigorando.

«Sobre o enterro mysterioso das cavernas do *D. Amelia* egualmente ficamos em jejum.

«Talvez que o sr. ministro da marinha, que é engenheiro, podesse elucidar todos estes casos.»

... Talvez; mas o que está elucidado é isto:

o *cruzador*... perdão! o *constructor protegido* ficou.

Discute-se na imprensa de Lisboa se o marquez de Pombal arcou com o poder real.

Supponho que nenhum jornal francez apresentaria como adversarios do poder real Luiz XI, Catharina de Medicis e o cardeal de Richelieu; mas a ignorancia é um direito civico.

Informa o *Popular*:

«O sr. tenente Gaspar, commandante militar do Zumbe, conseguiu prender o famigerado Antonio Kanhemba, filho do grande potentado Kanhemba.

«Este potentado tem andado sempre em rebeldia contra o governo portuguez, recusando-se a pagar o mussoco e não consentindo que os outros o pagassem.

. . . .

«Chegava a tal ponto o seu atrevimento que armava a sua gente para ir ao caminho atacar as escoltas que conduziam os presos enviados para Tete.»

Cada palavra é um conceito. Temos, pelos modos, no illustre Gaspar um imitador de Mousinho — a caçar potentados; mas o Gaspar só caça os filhos dos potentados e vae chamando *famigerados* a esses filhos.

Verdade, verdade: é preciso que aquelles pretos sejam muito... pretos, para ainda nos pagarem o mussoco. Elles aprenderão a viver...

Satisfaço o desejo manifestado pelo auctor de um opusculo de reivindicação social — *A Canalha* — publicado agora no Porto: desejo de que lhe emitta o meu parecer. E' velho como o meu pensamento e como o meu sentimento. Ora, deixe-me reproduzir do folheto estas linhas:

«Segundo uma estatistica official, na Republica Yankee, onde se lyncha e electrocuta, republica modelo, existem fortunas pasmosas de 300 mil a 800 mil contos, rendas de 35, 40, 50 contos por dia, e ao lado abysmos de miseria, **milhões** de indigentes! Em 1887, segundo Kropotkine, havia na Europa e America do Norte **70 milhões** de indigentes, sendo 50 milhões só de camponezes.

«Deduzindo uns 12 milhões, assistidos pelos Estados, restam 58 milhões condemnados a morrer de fome; todavia, aquelles 12 milhões de mortaes obnoxios, submettidos ao regimen verdadeiramente penal ou penitenciario das *work houses*, não são mais felizes.

«No Alemtejo ha lavrador—Barahona, José Maria dos Santos, etc.—possuindo dezenas de leguas quadradas de terreno, e o povo nem um palmo de sólo! Os grandes criminosos no Capitolio, e os innocentes precipitados da rocha Tarpeia!

«O rico explorando e véxando impune-

mente o pobre! Cada palacete, cada *flas-house*.

«As nações poderosas trucidando e saqueando as fracas! Os filhos do Povo conduzidos á guerra, a matar e a morrer pela plutocracia insaciavel!»

. . . Quero eu dizer, a quem isso escreve,— que, emquanto tudo isso fôr verdade e pão nosso cada dia, *a consolação* unica consiste em crêr na *expiação*. Crêr implica a ideia de trabalhar. Não ha que discutir;—assignalar apenas e constantemente.

Não haverá um dia de paz na face da Terra!

Ácerca dos menores *deita-gatos*, explorados por varios ladrões *estabelecidos* na capital, informa, referindo-se a um d'estes, o *Diario de Noticias*:

«A casa do Alto dos Sete Moinhos é uma

espelunca infecta, contraria a todas as condições hygienicas, um chiqueiro, com nome de vivenda para humanos.

«Doze rapazes, além do explorador, ali dormem.

«A cama é uma enxerga, a cobertura os farrapos que cada desgraçadinho enverga.

«Alimento para cada um dos explorados: 10 réis de caldo pela manhã e outros 10 réis á noite. Pão o que elles conseguem haver da caridade. Para sobremesa uma data de sopapos, quando não trabalhe a correia, se não adquirem pelo trabalho ou pela «pedincha» o dinheiro que o explorador lhes pede.

«Precisamos dizer que tudo isto é passado n'esta terra, que tem as suas prosapias de civilisada e tambem de policiada; e tambem bom é que digamos que, tendo ha semanas posto em relevo as façanhas do explorador, elle tem continuado no exercicio da sua «industria» sem, ao menos, em compensação dos seus feitos, ter ido parar com os ossos á cadeia.»

*

* *

Já lhes não fallo da indifferença do consul de Hespanha, protector official dos pobres galleguitos. A esta hora, como subdito de Affonso XIII, o sr. consul pensa em bombardear *outra vez* os portos dos Estados-Unidos. E' mania, tenaz e inoffensiva; mas imaginemos que os menores martyrisados eram filhos da Inglaterra... Adiante!

É claro que, se os famintos e miseraveis pequenos, apertados pelo terror, furtarem para comer, ou para o *patrão*, lá está o Limoeiro, para lhes ensinar a regra e as vantagens da vida honrada. E o grande ladrão continúa impune.

E jogam por ahi chufas a Marrocos — estes fructos pôdres de uma civilisação grutesca. Nem coração, nem criterio, nem vergonha!

Em 1776, a opinião publica, em França, indicou a Luiz XVI o sabio economista Turgot, para ministro das finanças e salvador d'ellas. Puzeram-se de accordo o rei e o ministro, mas as reformas de Turgot levantaram a opposição dos *grandes*, que viviam dos abusos, e Luiz XVI teve de demittir o honrado e energico ministro.

Lia eu, a noite passada, estas indicações de Thiers, na sua *Historia da Revolução Franceza* e conclui:

— Ahi está uma lição eloquente para a austera narigueta do *Periquito!*

Inaugurado o tributo á memoria do marechal Saldanha, pelo lançamento da *primeira pedra*, eis que o *Diario de Noticias* produz as seguintes lamentações:

«O aspecto da praça era caracteristico, mas o calor verdadeiramente africano, asphyxian-

te, afugentou, decerto, a grande massa do publico, que compareceu em pequena quantidade áquella festa, que devia ser de todos, mas que foi votada pelo povo a um indifferentismo deveras triste.»

... Acode ponderar que se abstiveram de lá ir:

1.º—Os *80 a 90 p. c.*, a quem se não ensinou o que Saldanha fez;

2.º—Os que conhecem a *historia constitucional* da nossa terra, e só podem, portanto, deplorar os sacrificios *d'aquelles luctadores.*

3.º—Os pandegos que vão a todas as festas como iriam a um auto de fé, e que não foram lá, porque ás duas horas da tarde, n'um descampado, debaixo de sol, não é caso para pagodeira.

Ora, nada d'isto é *triste.* É outra coisa.

XLI

Esta é portugueza e de Ferreira do Alemtejo. Vem no *Diario de Noticias:*

«Por iniciativa do illustre deputado por este circulo, sr. João de Sousa Tavares, vae a camara municipal d'este concelho montar no seu edificio uma bibliotheca, para o que já tem muitos livros, grande numero dos quaes offerecidos pelo mesmo illustre deputado.

«Infelizmente, esta sympathica e alevantada ideia, que encontrou echo generoso no espirito da illustrada edilidade, sobretudo do seu illustre presidente, não corresponde ao fim a que se destina: — Ensinamento e instrucção popular.

«— E porque? Perguntará algum leitor mais curioso.

«— Porque aqui, como de resto em toda

esta região do sul, o analphabetismo é o pão nosso de cada dia.»

... De modo que são inuteis os livros, pois que o povo não sabe lêr. Pois, rico alemtejano, ali está o meu querido *Raul*, que aprendeu a lêr em quatro mezes — para saber o que diziam os livros.

Escola, escola, gente do sul, — que parece do norte!

No parlamento, o sr. Francisco José Machado ao sr. ministro da Fazenda (Teixeira de Sousa):

— «O que quer v. ex.ª que o povo faça, depois de se ter mantido durante longos mezes com a maior cordura e correcção? É preciso que se compadeçam da fome d'essa gente.»

... Ahi tem o Alemtejo um resultado da falta de escolas: — o povo, que tudo paga e tudo atura, é capaz de agradecer aos que

o tratam por faminto digno de compaixão.

Se a gente duvidasse de *um dia de justiça*, seria infame — vivendo.

——

Ainda agora (era meio dia; escrevo ás 4 da tarde) entrei no *Tavares*, (café-restaurante, rua de S. Roque), a vêr se comeria alguma coisa, — pois que já me não aguento na marcha.

Estava alli Columbano, a vêr se algnma coisa comia. Palestrámos ambos, desilludidos em coisas de appetite.

O grande pintor, resignado, conseguiu levar de vencida um *macarroni* Eu pedi, amaldiçoei, paguei e não provei, sequer, uma costelleta de porco.

Dizia-me Columbano, carinhosamente:

— «Faça diligencia! Falta ahi uma rodella de limão. E vá pouco a pouco; um bocadinho de pão... E não vale irritar-se. Porque e com

quem? Porque está doente? Com a doença? Toca a resistir!»

E eu, fulo:

— Tomara que me levasse o diabo! À prova é que já não quero almoçar. Acabou-se. E diga-me uma coisa: — o senhor interessa-se por aquillo do Japão?

E Columbano:

— «Eu lhe digo: Tão pouco sympathicos acho uns como outros. Parece que os taes europeus feitos á pressa teem levado vantagem sobre os Russos. Ainda não medi as vantagens de tal coisa para a civilisação geral . »

E aconselhando, em tom compadecido:

— «Talvez lhe fizesse bem um desenjoativo: uns espinafres...»

— Se d'elles dependesse eu assistir ao desastre do Japão, comeria espinafres, bróculos e couve-flôr. D'esta vez não me accusarão de fazer politica ingleza. O que eu odeio, principalmente, nos japonezes é *trabalharem por conta da Inglaterra.* Abaixo d'aquillo...

E Columbano, atalhando:

— «Só os que não trabalham por conta dos outros, nem por conta propria.»

—Justo! Justo!

...Pagámos e sahimos, sem eu ter comido.

E sempre com uma impressão de pavor, levado ao cumulo, que eu admitto a hypothese de nós virmos a ter uma guerra maritima — sem que ao cóllo nos pegue a Inglaterra. Imagine-se um dos nossos vasos de guerra a apanhar dois balasios, fóra do Carnaval, disparados por um vaso da Patagonia *(se o não sonharam!)*: é claro que o nosso, contundido na coirama e offendido na dignidade, ia para o fundo. Que obnoxios telegrammas!

Vejam o que, a proposito do nosso arsenal de marinha, refere a *Epoca:*

«Diz-se que voltou a ser prorogado o con-

tracto com o sr. Croneau. É um escandalo, e tanto basta para que tenha visos de verdade. É um escandalo, a nosso juizo, não porque aquelle senhor seja francez, mas porque são patentes e irreparaveis as provas da sua incompetencia. Gastamos rios de dinheiro para termos ahi uns barcos que são a prova do que é esse arsenal sob a direcção d'esse mestre.»

E o *Popular*, que tem maritimo de casa, accrescenta:

«Não é só isso. E os fornecimentos de borracha que póde chegar para 50 ou 60 annos? E o bronze do helice do *D. Amelia*, a desfazer-se?»

*

* *

Pretendi eu, ha tempos, collocar no Arsenal de marinha, na effectividade, um aprendiz de serralheiro interino. Para isso me dirigi ao mi-

nistro da marinha, o qual ponderou, depois de ouvir-me:

— «Não me parece excellente *negocio*, nem para o estabelecimento, nem para o operario, mas, emfim, mais *extraordinario* do que já é esse arsenal não é possivel que venha a sel-o. Póde entrar o rapaz.»

Certo é que *toda a gente* considera aquillo uma coisa extraordinaria — pelo que custa, pelo que deve fazer e pelo que não faz Mas não ha, desde o ministro até mais abaixo, ou mais acima, quem olhe com olhos de Providencia. Se nós tivessemos de luctar . com a Patagonia!

XLII

Ainda agora tive occasião de ouvir umas referencia de *politicos* a essa coisa que, pelos modos, é *politica*: — um rapaz nosso conhecido guindado a chefe do partido regenerador... n'um concelho do Minho. Dar-me-hia

o caso, talvez, uma noção de inveja, se eu não fosse já, de ha muito, o chefe do *meu partido* — cá na minha rua. E achei-me eleito, por unanimidade e sem mexericos de influencias.

*

* *

Subindo em espirito: haverá uns vinte annos, dizia-me, em S. Miguel de Seide, Camillo Castello Branco:

— «Eu bem sei que tratam de me apear — como elles dizem — e de me reduzir á expressão mais simples; mas escusam de fatigar-se esses bebedos. Emquanto eu viver hei de ser *o primeiro romancista de S. Miguel de Seide.*»

E' certo que bem parece e mal não sabe, isto de ser o primeiro vulto de uma collectividade. Ou chefe dos regeneraderes no concelho, ou primeiro romancista de aldeia, ou dirigente de um partido mysterioso n'uma ruasinha lisboeta, — ha ahi que farte a vaidade humana. Mas

tudo tem espinhos — como ides vêr, pequenos da Terra!

*

* *

Da ultima vez que esteve em Lisboa, vindo da Suecia, contou-me Antonio Feijó — que, andando aterradissimo um nosso collega, á conta de vir a ser devorado pelos vermes, elle—Feijó—dera a ultima enxadada n'aquelle terror, affirmando ao outro o que realmente sabia por estudo em escripto e por exame directo. E vinha a ser:

Ha duas qualidades de vermes: uns para os individuos inferiores — inferiores em collocação social, ou inferiores em intelligencia; e ha outros vermes, para os superiores. Os bichos para os cavalheiros subalternos são magros e de typo insignificante; comem, dos cadaveres, o que se lhes depára. Os bicharocos para superiores são gordos e de terrivel catadura: parecem bois caraças. Dos corpos em

decomposição escolhem os bons bocados. E o Feijó sustentara ao nosso desolado collega — que, por sua intelligencia, devia contar — elle, desolado — com vermes de grande raça.

Como chefe de um partido politico, na minha rua e como director de um estabelecimento penal, já sei que me esperam vermes de horrendo aspecto. A mesma sorte terá *Albano da Cunha*, mas esse é pela superioridade de talento.

Ai dos superiores!

XLIII

Dizia um theorico e pratico — que ao morrermos cá ficará o mundo tão tão mau e tolo como o encontrámos á data do nosso nascimento. Deve ser assim. Péga a gente n'um livro de Historia, e, confrontando velhos documentos com documentos novos, sente-se confrangido ao notar que a *selvageria* prevaleceu

e promette não ter fim, nem modificação. Por exemplo:

*

* *

Referindo-se aos combates realizados em fins do proximo passado mez, junto a Porto-Arthur, assim diz um dos jornaes que melhor tratam estes assumptos. Leia-se com attenção:

«São verdadeiramente horrorosos os pormenores dos sangrentos combates dos ultimos dias de julho em Porto-Arthur, e relatados pelos chinezes fugitivos d'aquella praça.

«Quando os japonezes conseguiram occupar as posições da Collina do Lobo, situada ao sul das linhas de defeza de Porto-Arthur, os fugitivos foram testemunhas d'um espectaculo medonho.

«No sopé da collina estendia-se um terreno semeado, não já de cadaveres, mas de montões de carne humana, no meio de lagos de sangue.

«As entranhas dos soldados confundiam-se com as dos cavallos.

«No terceiro dia, todas aquellas massas humanas estavam putrefactas, sob a acção d'um sol tropical.

«Os restos mortaes, cheios de vermes, ou invadidos por enxames de moscas, exhalavam um cheiro pestilencial.

«O numero de coveiros era tão diminuto, que lhes fôra impossivel abrir sepulturas para todas as victimas dos ferozes combates.

«Referem os prisioneiros japonezes que a metralha das baterias russas, lançada sobre uma aldeia chineza, causou tantas victimas, que uma estreita rua ficou cheia de mortos, moribundos e feridos, amontoados em horrorosa confusão.

«Os russos arrojavam enormes pedras que trituravam os grupos dos assaltantes japonezes, e essas pedras causaram maior numero de baixas que os projecteis e balas dos canhões e espingardas.

«Quando anoiteceu, os soldados combatiam havia 48 horas, tendo bebido pouca agua e tomado pouco alimento.

«Foram depois rendidos pelas reservas, que vieram precedidas de musicas tocando o hymno nacional.

«Terminado o hymno, as tropas ergueram vivas ao Czar.»

*

* *

Agora veja-se isto:

«S. PETERSBURGO, 12, ás 5 t.—A imperatriz Alexandra deu hoje á luz um filho varão. A noticia, anciosamente esperada, foi acolhida com jubilo. O recemnascido tomou o nome de Aleixo. A cidade vê-se adornada de bandeiras e flammulas, e para esta noite projectam-se brilhantes illuminações.»

Tal succedia ha milhares de annos; e fez-se

a Historia, e aprendeu-se n'ella e nos soffrimentos proprios e nos que se presenciaram,— e, milhares de annos volvidos, os *grandes intrujões* são veneraveis á face do Eterno—e as *bestas* são incorrigiveis.

Noticia-circular em gazetas:

«Respondeu hontem no 2.º districto, em audiencia presidida pelo sr. dr. Miguel Horta e Costa, o pharmaceutico sr. F..., que em 7 de maio ultimo, por uma inconsideração de que elle foi talvez o menos culpado, causou a morte a um individuo de nome Augusto de Mattos Costa, victima de intoxicação produzida pelo arseniato de soda.

«Foi condemnado em 3 mezes de cadeia, com egual tempo de multa a 500 réis por dia, cultas e sellos do processo, ficando a execução da sentença suspensa por espaço de 2 annos, attendendo ao grande numero de circumstan-

cias atenuantes que militavam a seu favor, sendo uma das principaes os esforços empregados por elle para evitar as tristes consequencias do engano, de que só teve a responsabilidade moral».

... Está bemfeitinho. Deduz-se que, tendo sido o pharmaceutico *o menos culpado* — e tendo elle empregado esforços *para evitar as conseqnencias do engano,* — o verdadeiro digno de castigo foi o sujeito envenenado.

Morreu. Enterrou-se. Está direito.

Cebo!

Em vesperas de sair a barra de Lisboa, com pretensão de ir á Africa e á India, o cruzador *S. Gabriel* deixou cair ao Tejo uma metralhadora.

Que não deixará elle cair, por esses mares em fóra? Até o que lhe estiver agarrado!

Nota. — Não tem havido meio de descobrir

a metralhadora, por mais que os mergulhadores mergulhem. Tudo á altura!

Corre mundo que um frade hespanhol, da ordem dos Agostinhos, o padre Felix, já conhecido pelos seus vastos conhecimentos das sciencias physicas, acaba de levar a cabo um prodigioso invento, de capital importancia e de applicações infinitas. Tornou pratico um processo de telegraphia, mediante o qual a informação telegraphica da imprensa póde ser rapida e amplissima, por ser ao mesmo tempo economica. O seu descobrimento tem o nome de «Telegraphia Phonographica»—pela combinação que ha de telegrapho e phonographo, para se obter por exemplo um discurso de 30:000 lettras em 3 minutos.

Em boa logica, o frade que assim presta um culto pratico á Sciencia deveria ser castigado pela Egreja, — a não lançar em conta de Milagre os seus feitos scientificos.

Mas, agora vejo que elle vae partir para os Estados Unidos, *a fim de ultimar em socego os seus trabalhos.*

Não, que a Hespanha ainda é capaz de queimar *bruxos!*

XLIV

Traz o *Popular* um retrato do sr. Pequito, com apontamentos de gloriosa biographia. Não vale a pena contestar coisa alguma; não desmanchemos prazeres! Mas não deixarei de citar esta observação do *Popular*:

«E' o sr. Pequito pessoa finamente educada, o que não é indifferente para quem tem de tratar com homens.»

Já no *Diario de Noticias*, em um artigo «Planos financeiros», se dizia, ha tempos, — «que sendo o fisco bem educado, o contribuinte se deixaria esfolar, sem protesto». A

opinião do philosopho Tiberio é que só o sr. Pequito seria capaz d'uma d'estas. Deduz-se que o extraordinario ministro tem o culto da boa educação. Tiberio crê que a observação supra, no *Popular*, é tambem do sr. Pequito.

Mas vejam isto agora. Vem no *Popular* supra:

«Por curiosa contamos a seguinte anecdota, que nos acabam de referir:

«Ha tempo, n'uma noite de S. Carlos, entrou n'um camarote de 1.ª ordem uma familia em que se notava a presença de duas *demoiselles* bastante feias, e que tinham vindo da Russia para Lisboa passar uma temporada.

«Alguem perguntou a uma senhora muito eapirituosa quem eram as duas recem-chegadas tão pouco contempladas pela Natureza.

— São dois coiros da Russia, foi a resposta textual.»

... Ora, tenho uma ideia de eu haver lido, ha muitos annos, n'um almanach lisboeta:

Não ha nada mais bonito
Do que a boa educação;
Nas senhoras, sobretudo,
Brilha ella até mais não.

E hão de concordar em que o espirito da tal *senhora* é de *coiro da Ribeira!*

Que dirá o financeiro Pequito — esse bem educado?

A interessante canhoneira *Tejo* foi até ao Algarve e regressou a Lisboa sem desaforos de maior: *apenas* desarranjo nas ventoinhas e uma coisa de que um noticiarista diz: — «O

navio funccionou com o leme electrico e com certa regularidade.»

Lembro me de Rodrigues de Freitas me haver dito de um jornalista... ainda vivo actualmente:

— «Tem certa habilidade, o que está muito longe de habilidade certa.»

Deus conserve a canhoneira — amarrada á boia!

O sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, presidente da camara municipal de Cascaes, tem, como tal, prestado bons serviços. E' trabalhador e é carola; mas não devia escrever para o publico.

Hoje escreve elle n'uma gazeta:

«A construcção do grande hotel deve ser feita nos terrenos do baluarte que, a meu pedido, os meus bons amigos Policarpo Anjos, Victorino Vaz Junior e Julio Nunes, verdadei-

ros benemeritos dos progressos de Cascaes, adquiriram, e mandaram elaborar a planta do hotel pelo distincto architecto Ventura Terra. Já se tentou edificar um hotel formando uma Companbia por meio de acções, mas, apesar do negocio ser lucrativo, como demonstra o relatorio que acompanha o projecto, não appareceram subscriptores!»

... Parece um discurso do pharmaceutico *Eusebio Macario*. Peior, só o *illustre marquez d'Avila*, que fez municipalhadas em Lisboa. Este ratão ousou até *fazer* um discurso, ao inaugurar-se o monumento a Eça de Queiroz, — citando, como um grande estilysta, o grande romancista Stendhal, que foi o maior inimigo do estylo. Parece que lhe assopraram a asneira, — ao tal marquez, — para o enterrarem de todo.

Pois amigo Jayme Arthur, — trabalho e poucas letras!

Andam com o fogo na via larga as princezas europêas. Adulterios e patifarias de tremer!

Vae, a proposito, isto da *Filha do regicida*, do grande Camillo Castello Branco. Fala D. João IV, dirigindo-se ao seu alcaiote-mór — Antonio de Cavide:

— «E, que monta ser rei, quando se é fragil como qualquer homem?!»

E o outro, tão patife e menos tolo do que o Bragança:

— «Estou pensando, real senhor! Vossa magestade, n'essas poucas expressões, compendiou um livro: *E que monta ser rei, quando se é fragil como qualquer homem?!* Puro Seneca e Platão!»

Que sucia!

A camara municipal de Lisboa trata de regularisar a *venda das carnes em Lisboa*. Muita

léria, mas não nos diz *quem bebe o sangue* que falta nas alludidas carnes.

Nem é preciso. Já cá sabemos. Chiça!

Vae ser inaugurada em Paris a estatua de George Sand, coincidindo o facto com o centenario da immortal escriptora.

Os decadentes não deixam de resmungar desdens na sombra de George Sand. Falo dos internacionaes da côr de burro quando foge, — mas na propria França não falta d'isto: — um diccionarista que, referindo-se a Balzac, escreveu e publicou agora: — «Romancista, com defeitos de estylo,» etc. Que não dirá da George Sand, o gaiato?!

Mas tudo isso é a *harmonia da natureza*...

Um revisteiro da guerra do Extremo-Oriente escreve hoje, em Lisboa:

«Não nos parece que se possa prolongar este estado de coisas.»

...Oiço dizer isso ha perto de cincoenta annos, em referencia a Portugal. E continuar-se-ha.

O Japão civilisando-se:

«TOKIO, 28, tarde. — O preço da emissão do novo emprestimo interior de 80 milhões de yens será de 92.»

...Está na conta!

XLV

Apresento á meditação dos patriotas puros um documento comprovativo do progresso do Civismo em terras de Portugal. O que em seguida se lê é a estatistica eleitoral de Louren-

ço Marques nos annos de 1900, 1901 e 1904. Vê-se que a nossa Africa vae no coice da metropole — em civilisação. Olhem para isto :

1900 :

Eleitores recenseados	1465
Listas entradas	505
Augusto de Castilho	305

1901 :

Eleitores recenseados	1564
Listas entradas	228
Augusto de Castilho	199
Carlos Marianno de Carvalho	28
Listas inutilisadas (em branco)	1

1904 :

Eleitores recenseados	2173
Listas entradas	135
João Bello	112
Bernardino Machado	8
Carlos Marianno de Carvalho	4

Augusto de Castilho.	—
Joaquim José Machado.	1
Diversos (listas facetas)	5
Listas inutilisadas.	5

E' certo que lá appareceram, este anno, como protesto, 8 votos ao sr. Bernardino Machado; *mas*, *compensando*, as abstenções, que no anno de 1900 foram 960, no anno de 1901 subiram a 1:276, e no anno de 1904 chegaram a 1:988. Como se vê, o fervor civico está em cachão, a não ser que tudo aquillo seja um logico producto dos *80 a 90 p. c.*

*

*   *

Verdade, verdade: Toda a gente considera o direito sagrado de julgar, como membro do *jury*, uma grande espiga, e fogem todos que pódem ao goso de tal direito, e pouco sériamente o exercem quasi todos os que não vin-

gam esquivar-se. E *caso* igual se dá com o direito de eleger representantes. Só vão votar á força os que formam a maioria dos *eleitores* — e que votação, que choldra, que mixordia indecentissima!

E desenganem-se: tal será até subita extincção — como logico producto dos *80 a 90 p. c.* Distribuir direitos ao criterio e abafal-o é de marotos, e só violentamente, pelos modos, se destruirá o circulo vicioso!

Dá-se a gente a pensar, naturalmente, que desde 1832 até ha pouco foram ministros da fazenda em Portugal, Mousinho da Silveira, Silva Carvalho, Tojal, Avila, Fontes, Casal Ribeiro, Valbom, Dias Ferreira, Marianno de Carvalho, Oliveira Martins, Fuschini, Anselmo d'Andrade, etc.

E viémos parar ao sr. Pequito!...

*

* *

Creio que foi n'um prefacio de Letourneau a um livro de Lombroso, que eu li estas considerações de um velho *hospede* de uma Penitenciaria:

—«Com algum juizo e paciencia, a vida aqui dentro é razoavel e até mesmo agradavel.»

Com *juizo* e *paciencia* — a vida chega a ser agradavel. E' a opinião de Tiberio.

*

* *

Houve alli na politica, no jornalismo e no poder um homem de grande envergadura, chamado Antonio Rodrigues Sampaio, que muito prezava e estimava José Thomaz de Souza Martins. Um dia, eu tive ensejo de pedir ao grande medico que obtivesse do grande jornalista, então ministro do reino, a nomeação

de um plumitivo para um cargo insignificante. Tenho aqui a resposta de Souza Martins:

«— Não me sinto humilhado, porque vi confuso o ministro, *entalado* pelas praxes. Nada obtive, a não ser a certeza de que o mais indigno sarrafaçal dispondo de trinta votos — de que eu não disponho — será immediatamente preferido pelo ministro do reino. Meu caro Silva Pinto, eu não deixarei de ser amigo do Sampaio, mas juro que nunca terei relações com a politica, — nem sequer de cortezia.»

... Isto foi escripto em 1877. Viveu ainda uns vinte annos Souza Martins. Cumpriu á risca o juramento.

XLVI

Está muito contente o Silvela, estadista alli vizinho, pelos motivos adiante, que faz publicar no *Figaro*:

«A Allemanha não interveio em nada n'esta questão de Marrocos, e a Hespanha não recebeu d'ella nenhum conselho, nenhuma indicação — nem, de resto, de nenhum governo. E se essa intervenção se desse, não teria sido o que se crê. A Allemanha, com effeito, instigou-nos sempre a aproximarmo-nos da França. Tenho razão para dizer e para pensar que ella veria mesmo com bons olhos uma alliança entre os dois paizes.»

... Bom *hermano!* E' que a Allemanha viu que a alliança hespanhola não valia para a França dois caracóes.

*

* *

Mais, de Hespanha:

«SEVILHA. — Os estudantes sevilhanos foram ao Alcazar, dar pesames ao rei por fazer

um mez que falleceu sua avó a rainha Izabel.
Como o rei se tinha já recolhido ao seu aposento, limitaram-se a inscrever os seus nomes no registo e retiraram se dando vivas.

«Um magote de populares apupou-os, armando-se então grande barulho e trocando-se bengaladas».

. . . Já os interessantes meninos da Andaluzia não podem tratar do seu futuro — coitadinhos d'elles!

O *Diario de Noticias*, referindo-se ao famoso Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, diz:

«E aos 63 annos de edade, desenganado já do mundo e saciado de glorias e porventura de dissabores, tomou o habito de donato, indo viver a vida socegada do claustro n'essa mesma casa que fizera edificar».

. . Tal o fim provavel de *Necker Periquito* — mais da sua narigueta.

XLVII

Vejo n'um jornal de Lisboa um agradecimento do sr. governador civil do Porto, ou antes a *transmissão* de um agradecimento do conselho districtal de agricultura, firmada por aquella auctoridade, como presidente do mesmo conselho. Agradece-se ao jornal lisbonense os seus artigos ácerca da policia rural. Até aqui muito bem. Os agradecimentos nada teem com a gratidão, e assim o devêra entender o jornal brindado com a prosa do sr. Adolpho Pimentel.

*

* *

Mas o jornal faz-se desentendido, e, tomando á parte commovente a mera formalidade, remexe com furia no grave assumpto — *a falta de policia rural* — e produz o que eu tenho de transcrever e mais ainda:

I

«Que impressão indescriptivel nos causa vêr no meio dos descampados varas altas espetadas, de longe em longe, na terra e tendo a fluctuar-lhe na ponta superior, em guiza de bandeirola, um pequeno farrapo de panno como signal de que a propriedade tem dono e está guardada! Guardada por quem?! Como confrange saber que nem ao menos esse derradeiro appello do misero lavrador á solidariedade humana, essa ingenua invocação dos seus direitos de proprietario é respeitada, não tardando a vara a desapparecer e a terra a ser talada de um extremo ao outro!

II

«E' por isso *(oiçam! oiçam!)* que não ha asseio, nem alegria, nem amor á vida nos casaes e nas aldeias da nossa malfadada terra. Os campos, de onde tudo havia de brotar, es-

tão á mercê do vandalismo, abandonados inteiramente pelos poderes publicos que só sabem da sua existencia para os carregar de impostos.»

... Está bem mettida. Não ha alegria entre o povo dos campos — porque ha falta de policia rural. Não é porque os impostos esfolam os trabalhadores. Se houver policia, renascerá a alegria nos casaes, porque os campos darão margem a impostos novos. Está direito e certo.

Mais do organista:

III

«No meio de tamanho infortunio, nem no credito agricola o lavrador portuguez encontra meio de reconstituir a sua propriedade e de desenvolver as suas culturas ...»

Sim, senhor; mas isso é velho e já esclarecido e sabido. Os factos elucidaram as victi-

mas e mau será mexer no assumpto, ainda mesmo brincando. Eu aposto que o sr. Adolpho Pimentel é incapaz de mandar agradecimentos.

*

* *

... Adeus! Desejem-me as melhoras!

XLVIII

Já eu mettera o bedelho na urgencia da *policia rural*, quando se me deparou no *Popular* a belleza que ides ver e que esclarece tudo... e o resto:

«O *Seculo* publicava hontem mais um extenso artigo ácerca da policia rural e concluia duvidando do exito da campanha. E nós tambem.

«Ninguem nega a necessidade da policia rural, mas, em vez de a quererem organisada

sensatamente e com a gerencia e elementos locaes, pretendem um grande corpo militar, com estado maior por ahi além e colossal despeza. Com taes e tão excessivas pretensões nunca se fará nada, mas, se querem, continuem.

«O reino tem 4 mil freguezias. Com um dos taes policias para duas freguezias, e pouco seria, haveria necessidade de 2:000 homens. Só estes a 400 réis por dia custariam 292 contos por anno, afóra praças graduadas e estado maior.»

...Visto isso e os autos, é de crêr que a *policia rural* se arranje — para restituir a alegria aos trabalhadores do campo. E o sr. Adolpho Pimentel poderá agradecer outra vez.

Pobres *80 a 90 %!*

Porque não os espatifam por uma vez? Ao menos, para artefactos de osso.

Intimado me sinto por um meu concidadão

a protestar contra a invasão de ultima hora de uns *sordidos gallegos que por ahi vendem rendas prejudicando o commercio licito* (?) *e nacional.*

Eu lhe conto.

Haverá uns sete annos, foi dar com o physico ás Monicas (casa de Correcção dos menores) um galleguito de seus 12 annos, condemnado a quinze dias de prisão, pelo crime de espancamento. Como sub-director, que eu então era, d'aquella casa, dei-me a observar o rapazito *em transito,* e obtive d'elle os seguintes documentos interessantes:

—«Não importa. Os quinze dias de prisão não me desacreditam. Não roubei, nem fiz por isso. Logo que sair da cadeia, vou-me até Elvas, para começar o trabalho das ceifas. Depois, quando voltar, não levarei menos de duzentas pezetas (uns 40 mil réis) a minha mãe. E os meus dois irmãos não levarão menos, cada um. E assim é que arranjaremos casa e descanço para a velha.»

*

* *

Tenho encontrado mais alguns menores assim. Quasi sempre gallegos. E quer o *outro* que eu proteste, etc... Bólas!

XLIX

No *Liberal*, o sr. Carneiro de Moura apresenta a seguinte lista de deputados novos que vêem agora ao parlamento: Antonio da Motta, Luiz Pimentel Pinto, dr. José Lemos Junior, Visconde de Alverca, dr. José Lopes de Vasconcellos, dr. Amadeu Infante, José Bello, Sabino de Souza, Eduardo Schwalback, João de Mello Barreto, dr. José Teixeira d'Azevedo, dr. Graça Zagallo, Antonio Borges de Medeiros, João de Vasconcellos e Emygdio Lino da Silva.

E diz assim:

«Facil é de ver que muitos outros quereriam egual consideração do seu partido, mas logares de deputados não se solicitam, e quem os solicitar prova por tal facto que os não merece...

«Todos os nomes indicados, e que são os dos novos que foram escolhidos pelo partido para lhe dar novo alento e novo sangue, todos elles são capazes de dar impulso valioso ao seu partido e de bem servir os interesses publicos.

«Todos elles são estudiosos, illustrados, conhecedores dos assumptos da administração publica e capazes de honrar pela sua palavra facil e brilhante o parlamento portuguez.

«Entre os novos deputados propostos estão os srs. E. Schwalbach e Mello Barreto, dois distinctos jornalistas: e o partido regenerador, apresentando ao suffragio popular estes trabalhadores das lettras, mostra que sabe reconhecer o merito dos que valem e trabalham.»

....

...Tal diz. E eu sempre disse que o sr. Carneiro de Moura tem carradas de espirito.

Realisou-se o julgamento do cabo da guarda municipal que assassinou dois officiaes. A defeza lançou em conta, como atenuante dos crimes, o temperamento nervoso do réu. Quem viu o processo de Marinho da Cruz já conhece o valor pratico de taes allegações, embora apoiadas na Sciencia,

Não deixou de sustentar-se que a vida de um honrado official, etc., não póde estar dependente dos *nervosismos* do soldado. Concordo, se admittem que a vida do homem do povo não deve estar subordinado ás *contingencias* da vida militar. Mas isso perde-se nos dominios da alta critica. Já ahi sustentou um jornal — que a extincção dos exercitos e das guerras nos faria retroceder até á idade de pedra. Por isso o Czar fuzila todos os que não querem ir morrer como soldados.

O que me parece ao alcance de todos os raciocinios é que, não se admittindo um aleijado no exercito, tambem se não deve admittir alli um epileptico larvado, como o Marinho da Cruz, ou um nevrotico desequilibrado, como o cabo 115. A admittil-os, vêr-se-ha este duplo resultado: — a pratica dos homicidios pelos irresponsaveis e o *castigo* dos irresponsaveis nos tribunaes. Deploraveis coisas!

*

*   *

A impransa, no decorrer dos *debates*, recebeu admoestações e conselhos — para que se abstenha de influir, pelos abusos de publicidade, no desnorteamento do publico. Tambem foi alvejada com censura a *psychologia das multidões*, a que se compraz em subscrever a favor da familia do criminoso. Como jornalista profissional e como velho observador das multidões, commentarei, a meu turno.

Nas relações da imprensa com o grande publico, temos nós o problema do ovo e da gallinha: — Qual foi a gallinha que pôz o *primeiro ovo*? E de que ovo sahiu essa gallinha? Ora, o leitor exige do jornal, sob pena de abandonal-o, determinada leitura, — por vezes *desorientadora*. Quem é o culpado: o jornal, que *desorienta* o publico, ou o publico que *orienta* o jornal?

Mas ha jornaes accomodaticios. Agora vejo eu no *Diario de Noticias* a insinuação de que uma syncope do reu condemnado poderia ser comedia. Isto baseado na circumstancia de o 115 haver pouco antes comido o rancho — symptoma de despreoccupação. Sabe pouco o jornalista, para o que é indispensavel, e não é muito. Durante o *martyrio* de Luiz XVI, aquelle Bourbon nunca perdeu o appetite, chegando a véxar com suas manifestações publicas de gula a impressionavel Maria Antonieta. Ora, até hoje, nenhum historiador chamou áquillo despreoccupação. Se algo me prende aos Bour-

bons e ao 115, é isto: nas horas mais afflictivas da vida não me esqueço de comer. Temperamento.

*
* *

A *psychologia das multidões* póde errar em criterio, uma vez por outra, mas em regra é de uma logica irreductivel. A especie de *absolvição* do 115 e a subscripção para a familia d'elle constituem um protesto contra o *serviço militar obrigatorio* e suas possiveis consequencias de cada dia. Ainda ha pouco ouvi um official do exercito sustentar que, n'outro paiz, o *caso* não ficaria assim: que as redacções seriam atacadas. E' confusão da obra jornalistica com o protesto da consciencia humana. Mas é certo que *n'outros paizes* ha outras coisas. Por exemplo, na Servia, vão de noite assaltar o palacio real e assassinar os monarchas; na Allemanha chegam á tortura dos soldados — como n'um livro recente alli se divulgou com escandalo;

na Russia os estão fuzilando aos centeuares, porque elles não querem ir morrer na Mandchuria, mas a Inglaterra offerece este *exemplo:* — apezar de o seu exercito de *voluntarios* haver mostrado deficiencias na guerra de Africa do Sul, não admitte o *serviço militar obrigatorio.* E' a psychologia das multidões influindo no criterio dos governantes. Entenderam?

A'cerca da Companhia dos Phosphoros — essa benemerita, — diz uma folha da manhã:

«O procedimento da Companhia dos Phosphoros não é apenas honesto, por se ter recusado a bandear-se com os estrangeiros que estendiam as garras sedentas para o thesouro portuguez, mantendo a sua proposta; não é apenas corajoso, por acceitar uma lucta devéras grave, como a que se vae travar certamente; é mais do que isso: é patriotico, pela li-

ção que acaba de dar aos que de além Pyreneus suppõem que em Portugal todos sacrificam, sem escrupulos alguns os interesses do Estado aos seus proprios, ou aos de syndicatos exploradores.»

... Lá isso é que não soffre duvida: — Os estrangeiros fartam-se de calumniar este alfobre de virtudes; mas, emquanto houver companhias de phosphoros *(sem cabeça, os patifes!)*, a calumnia estrangeira hade mastigar em sêcco. Para dar ao dente, ainda tem filhos este honrado paiz!

A respeito de recentes eleições:

Na freguezia de minha residencia (Mercês) havia, para os eleitores de uma só fé, vinho *portuguezissimo, de portuguezes e para portuguezes.* Era mesmo defronte da porta da sacristia. Com estes que a terra ha de comer, vi

eu dois sucios que discutiam a alguns passos da *venda*, e ouvi-lhes o seguinte:

—«Beber bebo, mas não voto. E' contra os meus principios!»

—«Mas o vinho é bom, e um homem tem consciencia!»

E lá foram beber e votar, como leaes portuguezes.

L

Não será novidade para muitos que o *perigo amarello* é muito menos grave do que o *perigo negro.* Ainda ha pouco, Balfour, primeiro ministro da Inglaterra, dizia: — «Os negros augmentam em numero, mais depressa do que os brancos. O problema das raças no sul africano apresentará extraordinarias difficuldades. Não invejo a sorte d'aquelles que o tiveram de resolver.»

Vem, a proposito, no *Popular*, um artigo frisando as responsabilidades que um dia pezarão sobre os Europeus; as conclusões, que eu reproduzo, é que se me afiguram erradas. Vejam:

«Mas que isto não assuste ninguem, pois, apesar de caminhar rapidamente, ainda levará algumas gerações. E como a par d'isso a civilisação avança por toda a parte, a Europa tambem comprehenderá que o seu papel se deve restringir a ser o guia que, com o pharol civilisador levantado, mostra o caminho da independencia a todos os povos e lhes indica a verdadeira felicidade no modo de viver, e, despindo-se do egoismo exaggerado que a tem revestido até agora, reconhecerá bem que o mundo é de todos e para todos.»

... Esta hypothese — de a Europa, convertida, indicar ao Continente Africano a verdadeira felicidade, foi prevista, quando ha annos

n'um combate ferido entre Portuguezes e indigenas pretos, na Africa Oriental, os negros, em meio de fogo, berravam em termos de muita simplicidade, mas de boa logica:

— *Vão-se embora, que estas terras não são suas!*

*

* *

Parece-me difficil, dado que entre no possivel, encontrar formula mais eloquente para resumir uma situação como esta: — Em nome da Religião e da Civilisação, vindes ás nossas terras vender-nos, espatifar-nos, expoliar-nos, tractar-nos como não tratarieis as bestas na vossa Europa; fazeis da nossa casa o vasadouro dos vossos condemnados, e lançaes sobre nós, a reclamar impostos, um bando de farroupilhas e de pelintrões, que para cá vem fazer fortuna. E declaraes-nos rebeldes e não ha galucho que, ao despedir-se dos parentes e dos amigalhotes, ao partir em expedição para

a Africa, não prometta levar-lhes, no regresso, orelhas de negros... *Vão-se embora, que estas terras não são suas!* Bem resumido.

*

* *

Eu já fui, em Lisboa, consul do estado livre da Liberia, cargo que abandonei para entrar ao serviço do meu paiz. Recordo-me de haver lido durante annos, na mensagem do presidente ao Congresso, a promessa de estudar a conveniencia em chamar os brancos á administração do Estado. Nunca se estudou, ou nunca se julgou conveniente, mas eu achava interessantes aquellas negaças annuaes á raça branca. E, um dia, li um bello livro de um preto da Liberia, ministro d'aquelle estado em Londres, — livro que se intitulava: *A Africa para os Africanos.* Como quem diz:

Vão-se embora, que estas terras não são suas! Concludentissimo

*
* *

Quando, ha poucos annos, os Inglezes andaram aos pontapés dos Boers, não faltou quem me perguntasse: — «Afinal, v. é pelos Boers ou pelos Inglezes? E eu respondia sempre: — Eu sou pelos Negros, — como entre os Japonezes e os Russos sou pelos Chinezes. E tenho aqui na minha pobre *galeria de retratos* o retrato de Menelick, desde que o famoso Négus da Abyssinia sacudiu, bem sovados, os Italianos de Baratieri. *Vão-se embora, que estas terras não são suas!* De entupir!

LI

Pergunta-me um *amigo dos Japonezes* se, porventura, se não impõe á admiração geral o procedimento dos Japonezes prisioneiros que se suicidam para não soffrerem a ignominia do

captiveiro e se mais e melhor fizeram os Regulus e os Curtius. Eu lhe digo :

O *supplicio voluntario* de Regulus e o sacrificio de Curtius representam o culto e amor da patria, attingindo um heroismo sobre-humano. E, pelo que toca ao suicidio de um prisioneiro de guerra, se constitue um caso sporadico, só temos a registar uma excitação nervosa, attingindo a loucura. Dado, porém, que o suicidio seja pelos Japonezes considerado um recurso extremo para fugir áquella ignominia (!) soffre grande abalo e quebra o prestigio do Japão civilisado. Ser prisioneiro de guerra, depois de haver combatido, é razoavel e póde até ser nobre. Veja Francisco I, de França, aprisionado em Pavia, depois de *tudo perdido, menos a honra.*

Outra coisa é Napoleão III aprisionado em Sédan.

*

*   *

Quanto aos Japonezes, que, mais *adiantados* do que os Russos, não se teem batido melhor do que elles, e só teem *vencido* na razão de *tres* contra um, não soffre duvida, teem revelado valor militar até ao desprezo da vida; portanto nunca será *ignominioso* o caso possivel de aprisionamento de taes combatentes. O que o suicidio póde representar, em taes circumstancias, repito, é o desespero louco de um ou outro homem, e representaria o atrazo mental d'aquelle povo, se tal recurso fosse pela maioria considerado acceitavel.

Estamos muito longe dos heroes romanos citados.

LII

A proposito da guerra:

Escrevia, ha uns trinta annos, o erudito Gra-

ça Barreto, quando Castilho traduziu e traiu o *Fausto* de Goethe: «Do trabalho do sr. Castilho se originou os merceeiros de Lisboa surprehenderem os marçanos — consagrados, em horas de trabalho, á investigação dos *mysterios* de Goethe, desprezando a arrumação dos queijos flamengos e misturando a herva doce com os cominhos. D'ahi, muito sopapo nos garotetes e um berreiro dos investigadores, que confrangia os corações das senhoras vizinhas.»

E' assim agora. A vertiginosa subida dos *amarellos* ás cristas da Civilisação tem desnorteado todas as classes *suciaes*. O que eu tenho recebido em epistolas de pretenciosos parvoeirões — desde capitalistas a engraxadores — accuzando-me de faltar ao respeito aos *amarellos*, é phenomenal. Ora, a agglomeração de 3:850 ilhas, ilhotas e rochedos, situados entre os 24⁰, 16' e 50'', de latitude septemtrionai e os 123⁰, 23' e 150⁰, 50' de longitude oriental, não constituem para mim um velho problema desorientador. Conheço ha muitos annos a his-

toria do Japão, — sem consultar o Larousse — desde a tradição local do Jin-Mu até aos combatentes de hoje. A evolução perturbadora dos parvoeirões que me aggridem, esquecendo as suas obrigações, — evolução realmente não vulgar, só a explico eu — comparando o Japão a um recem-nascido de tres cabeças. Assombra, mas está condemnado a um final proximo.

Não me ageito, porém, ao officio de Cassandra. Talvez, no livro dos Destinos, aquella gente esteja incumbida de *refazer a Asia.* E, sendo asssim, não ha porque applaudam os Europeus, — fóra da Imbecilidade absoluta.

Ainda ha uns tres annos me dizia Sarah Bernhardt: — «O que me custará muito será o advento dos *amarellos*, antes de eu morrer.»

Tambem a mim. Parece-me degradante...

Digo ao *Curioso* que o *Japão vencido* já não perderia a gloria da lucta contra a Russia,

embora de *tres contra um*, e que a *Russia vencida* deixaria na Historia a defeza de Port-Arthur — o bastante para a sua gloria.

Quanto aos *Italianos* fazendo caricaturas a deprimir os Russos... pelo que se vê, já puzeram fundilhos sobre os vestigios da ultima roda de pontapés — a dos Abyssinios!

LIII

Está replecta de *tragedia* a chamada *Ironia do Destino*. Vem isto sobre uma pagina de conclusões que eu releio agora, volvidos annos após a primeira leitura. Falo de um livro intitulado *L'Œuvre de M. de Bismarck*. Escreveu-o e publicou-o o publicista francez J. Vilbort, tres annos depois de Sadowa — *e um anno antes de Sédan.*

Estava longe o auctor de imaginar a hypothese da campanha franco-prussiana, e assim escrevia:

«Uma guerra entre a França e a Prussia

produziria apenas o regresso da Europa á barbaria da Edade Média e o immenso jubilo do irreconciliavel inimigo da Revolução, — a Russia, esse colossal e selvagem imperio da Asia, que ha duzentos annos só trata da conquista do mundo civilisado, copiando apenas d'este os melhores inventos de destruição e de morte.»

*

*   *

E, todavia, fez-se a guerra entre a França e a Prussia, — e não resultou a queda da Europa na barbaria da Edade Média e apenas a queda do tragi-burlesco imperio francez e da preponderancia militar da França, — e foi a Russia quem salvou de uma nova investida da Allemanha, em 1876, a Republica franceza, — e foi na Russia *selvagem, etc.*, que a alludida republica encontrou o alliado, — e não consta que o *imperio selvagem* tenha, desde o Congresso de Vienna, em 1815, collaborado em

tranquibernias e em violencias europeias, como, por exemplo, as da Austria e da Prussia contra a Dinamarca, — e tem-se visto, agora, no Extremo Oriente, que não foi a Russia quem mais estudou e apurou os inventos de morte e de destruição.

*

* *

Mas, não saio do terreno d'estas reflexões — a tal *Ironia do Destino* — conservando-me no Extremo Oriente, pois que n'elle falei. Tenho aqui um minucioso estudo do viajante francez Moerhot — *Voyage dans les royaumes de Siam, de Cambodge, etc. 1858*, e d'elle separo as seguintes linhas:

«É facil de reconhecer os Siamezes: pela physionomia servil, pelo olhar estupido, pela bocca em extremo fendida: e, collectivamente, não existe sociedade mais inclinada á baixeza e á escravidão.» Mas, logo em seguida, o viajante francez declara — que tal povo está

destinado a um bom futuro, se o contacto dos Europeus vier um dia a esclarecel-o e a civilisal-o. É sabido como os europeus civilisam e esclarecem as *victimas do seu contacto* fóra da Europa; e, pelo visto, os miseraveis de Sião, como os de Cambodge, como os da China, lá teem na Asia um visinho que se habilita a seu protector e reformador. Verdade inteira: quando, em 1854, os Estados Unidos enviaram ao Shogun, como presente e em preliminar de um tratado de commercio e de amizade com o Japão, um telegrapho electrico e uma locomotiva, que muito divertiram os japonezes, longe estaria o presidente americano Fillmore de suppôr que meio seculo bastaria para que taes *innocentes* extrahissem do fructo prohibido, que então morderam, assumpto para os assombros de hoje.

*

*   *

E não virá a desproposito aconselhar uns

pretenciosos parvoeirões, que muito se espantam, que muito se esfalfam em mentirolas inuteis e ridiculas, para exaltar e para deprimir, — a que se orientem ácêrca dos processos pelos quaes se refaz um povo, lendo com honestidade critica os *apontamentos* que ha meio seculo veem tomando e publicando os observadores intelligentes. É lêr o bello livro de Samuel Mossmam *The New Japon, The land of rising Sun; The History of Japon*, de Francisco O. Adams; e a obra de vulgarisação de Maupertius sobre os Estados do Extremo Oriente. Sem pedantismos, e no proposito de oppôr esclarecimentos a deslumbramentos, nobilita-se o espirito dos homens que escrevem e dos homens que só leem. Assim aos *brancos* fosse concedida a instrucção que aos *amarellos* permittiu distinguirem-se e assombrar os palurdios!

LIV

4 de outubro.

Anda em publicação no *Popular* uma série de artigos ácerca de Coisas militares em Portugal. Está o auctor d'esses artigos, provavelmente um official do exercito, na logica da sua posição; mas não é meu intuito convertel-o, nem convencel-o, nem discutir-lhe os principios. Apenas annotações.

*

*   *

Tem o articulista militar a sinceridade de escrever:

«Arrancar o homem do conchego do seu lar, trazel-o até aos campos de manobras, onde tem de soffrer fadigas e algumas vezes privações, sempre naturaes em taes casos, por melhores disposições que se tomem, para depois lêrem

ou ouvirem lêr, em lettra redonda — que tudo aquillo que se lhe está exigindo é mau e se não devia fazer — póde-se imaginar em que disposições d'espirito ficará esse homem para acatar ordens e supportar trabalhos.»

. . . A isto chamei eu *sinceridade* e mantenho a classificação. Não creio que tal se escreva sem uma sinceridade que attinge o fanatismo, — a não ser por mistificação, ou por excessiva debilidade mental, hypotheses inadmissiveis no caso de hoje.

Accentuar o facto de ao lar domestico (e ao trabalho, que é o pão da familia) se arrancar um homem, para o transportar aos campos de manobras, com privações e tudo, e condemnar como acto odioso o protesto em nome da humanidade — é de um fanatismo de sectario, pois que não é troça rematada, nem demonstração de estupidez.

Mas, veja-se isto :

«E é a imprensa, cuja missão é civilisar que

assim origina a desordem. E origina-a d'uma forma revoltante, pois que, ao mesmo tempo que eiva de principios falsos aquelles cerebros apoucados, achincalha os officiaes, desprestigia os proprios generaes aos olhos do soldado.»

Naturalmente, quando tal se escreve, cáe-se no que se vae lêr;

«Isto não póde continuar assim. Urge pôr termo a um tal estado de cousas, que está abalando tão fortemente os alicerces em que assenta o unico sustentaculo que uma nação tem para poder viver — o exercito.»

... A seu turno, brada alli o articulista clerical: — que o sustentaculo d'uma nação é a sacristia. E tambem lhe parece que isto não póde continuar assim.

E eu tambem o creio. Mais dia menos dia, o Creador dá um pontapé no planeta — e ahi vae pelos espaços em fóra a desorientada creação. Já não vae sem tempo.

5 de outubro.

Mal pensava eu, ao bordar hontem — annotações n'um *artigo militarista* — que os factos dolorosissimos occorridos em Africa, e hoje conhecidos pelo paiz, dariam um *post-scriptum* eloquente e irrespondivel a essas annotações.

O desastre, que custou a vida a perto de trezentos homens, é insignificante se o compararmos com as hecatombes da guerra Russo-Japoneza; mas não pódem consolar-nos dos nossos males os superiores infortunios alheios. O que eu digo ao articulista militar é que — arrancar homens ao seu lar domestico e ao seu trabalho, que é o pão de suas familias, para os arrastar ao campo de manobras é odioso, mas que arrastal-os á morte é monstruoso; que a imprensa ao combater esse medonho Codigo, que néga e embarga toda a Civilisação, cumpre um dever de dignidade humana, de intelligencia e de coração, e que a réplica conclu-

dente ás ponderações da rhetorica militarista está nos soluços das familias dos militares mortos.

Mortos por quê? E por quem?

Ouço d'aqui os negros: — «Vão-se embora, que estas terras não são suas!...»

7 de outubro.

O desastre d'Africa, no Parlamento:

Por occasião do *ultimatum* Salisbury, — grato aos negociantes de manteiga e a outros patriotas, — era nosso ministro da marinha o sr. Ressano Garcia. Espalhou-se, com a noticia do *ultimatum*, outra noticia: que uma esquadra ingleza demandava a barra de Lisboa, e a população foi-se a vêr navios para o alto de Santa Catharina e outros pontos elevados da cidade.

A' noite, trabalhava eu na redacção do *Diario Popular*, e entrou alli o sr. Ressano Garcia, ministro da marinha, que ia um bocadinho

á *batota*, como o outro. Interpellou-o o sr. Marianno de Carvalho, nos seguintes termos:

—«Olhe lá! Já tomou providencias?»

—«?!»

—«Sim, se já procedeu a obras de defeza na barra, de modo que ao menos se salve a honra.»

—«Ora, adeus! Vamos nós a principiar a *festa*?

Tal respondeu o ministro da marinha. E foi-se á *festa*, que vinha a ser o jogo. Isto na hora em que a bêsta britannica preparava o coice contra nós. Não veio esquadra; mas, se tivesse vindo, o tal ministro não interromperia a *festa*.

E querem que o patusco d'aquelle dia terrivel tome hoje a sério as nossas actuaes desgraças? Justiça! Justiça!

. . . .

A proposito do *militarismo*, etc., recorto isto do *Diario de Noticias*:

«Cintra. — Foi hoje o primeiro dia da inspecção dos mancebos recenseados para o serviço militar no corrente anno, sendo chamados os das freguezias de Almargem do Bispo e Santa Maria de Cintra.

«Dos 29 mancebos recenseados pela freguezia de Almargem do Bispo, foram apurados 7 para artilharia, 4 para infantaria, 1 para a companhia de equipagens e 2 para infantaria, nos termos do art. 79.º do regulamento; foram apurados para a 2.ª reserva, por falta de altura, 3; foram isentos temporariamente 3, e definitivamente 9.

«Dos 13 mancebos recenseados pela freguezia de Santa Maria de Cintra, foram apenas 3 para artilharia, 1 para infantaria, 1 para a companhia de equipagens, e 2 para infantaria, nos termos do art. 79.º do regulamento; foi apurado para a 2.ª reserva, por falta de altura, 1;

foram isentos definitivamente 3, e temporariamente 1.

«O contingente pedido á freguezia de Almargem do Bispo é de 7 para o exercito, e á freguezia de Santa Maria de 3 para o exercito e 1 para a armada. A'manhã devem ser inspeccionados os mancebos da freguezia de Bellas, cujo contingente é de 7 recrutas para o exercito.»

... E que robustos rapagões arrancados á familia e aos trabalhos agricolas — para os campos de manobras e para a morte!

LV

Do *Popular* ao devoto ministro da marinha:

«Não tivemos a honra de ser contemplados pelo ministerio da marinha com a lista dos cabos e soldados mortos no desastre de Cunene, o que nos priva do prazer de mostrar a nossa gratidão ao sr. ministro da marinha.

«Vista a abstenção que resolvemos por ora guardar ácerca d'este doloroso caso, a falta de amabilidade do sr. ministro não nos obriga a perguntar-lhe porque foi que, só depois de organisada a expedição e de estar em marcha, se lembrou de perguntar qual era a situação e quaes as forças dos cuanhamas, cuamatas, etc. Parece que seria necessario sabel-o antes, mas não insistimos».

... Mas foi perguntando e despertou a attenção geral. Mas talvez não perguntasse, se o devoto não houvesse sido *falto de amabilidade*, ou vingativo como um bom servo de Deus.

Mas oxalá que se não prolongue a abstenção do *Popular* sobre o doloroso caso. É elle ainda quem diz melhor, salvo quando prefere dizer peior.

*

* *

Muito a proposito :

O pae de um official de marinha que escapou ao morticinio mostra-me uma carta do filho, escripta dias antes do desastre, na qual todos os horrores são considerados provaveis, attendendo-se á espantosa relaxação que presidiu aos trabalhos expedicionarios. O que se deduz das informações leva a conjecturas desgraçadas sobre o nosso proximo futuro colonial, — emquanto forem nomeados, *quand même*, uns governadores que para *lá* vão conquistar ou reconstituir fortuna.

*

* *

No *Diario de Noticias* vem a seguinte referencia ao nosso recente desastre em Africa:

«As tropas europeias da columna, constituidas apenas pelas forças de artilharia que guarneciam as 6 peças, por 80 praças da companhia de infantaria europeia pouco antes idas

da metropole, entre as quaes predominavam as praças da 2.ª reserva, e pelos restos da força do batalhão disciplinar que, como se sabe, é formado pelos peiores elementos mandados da metropole por castigo e de vadios, e já gastos pela longa permanencia em Africa, e mal refeitos de destacamentos no interior, e da columna expedicionaria ao Bimbe, em que tomaram parte, foram impotentes para manter nos seus logares as 4 ou 5 companhias de infantaria de indigenas accommettidas pelo terror.»

... Quer dizer: *a vadiagem á disposição do governo*, sem energia phisica, nem moral, foi encarregada, em grande parte, de defender a causa e a bandeira nacional.

E o mesmissimo *Diario de Noticias* dizia hontem:

«Segundo nos consta, a missão que vae ser confiada ao sr. Eduardo Costa na Africa Occidental, não é, como se tem dito, ao menos

por emquanto, a de substituir o sr. conselheiro Custodio Borja no governo geral de Angola.

«Nas estações officiaes não se attribue a este official da nossa armada nenhuma culpabilidade no desastre succedido á expedição contra os cuanhamas, visto que os elementos que a deviam compor foram anteriormente combinados entre o sr. Eduardo Costa, governador de Benguella, e o chefe da columna expedicionaria, o sr. capitão Aguiar.

O sr. Custodio Borja em tal assumpto tratou apenas de satisfazer, tanto quanto pôde, as requisições de material de guerra, munições e forças que lhe foram requisitadas pelo chefe da columna, segundo um plano anteriormente assente e combinado.

«O sr. Custodio Borja é que julgou insufficiente a força que devia constituir a expedição e augmentou-a com mais duas companhias de guerra convenientemente armadas e equipadas.

«D'aqui, portanto, o julgar-se que não ha

motivo para a deposição do sr. Custodio Borja, do cargo de governador geral de Angola.»

... Quer isto dizer que ao sr. Custodio Borja ainda convém mais uma temporada de governo.

Está certo.

LVI

Conta o *Seculo*:

«Segundo consta, os proprietarios das roças de S. Thomé telegrapharam para Paris ao sr. conde de Valflor, pedindo-lhe que interceda junto do governo para continuar governando a provincia de Angola o sr. Custodio Borja »

... Fica, não soffre duvida, o bom *Custodio das roças*.

O sr. Marianno de Carvalho elucida, no *Popular*, o *Zé Pagante*, nos seguintes termos:

«Celebra-se a franca e leal dedicação com que a Companhia proponente (a dos Phosphoros) declara que dentro de seis mezes ou mais apresentará uma proposta d'emprestimo. Esta é que é a grave difficuldade. Se a Companhia dos Phosphoros tem hoje a certeza de poder fazer o emprestimo; porque não o propõe já? Se não tem, como é que póde saber ao certo que poderá fazel-o d'aqui a seis mezes? Supponhamos que a despeito dos desejos da Companhia d'aqui a seis mezes não podia realisar o emprestimo? Perderia ella com isso, muito mais perderia o Estado e só ganharia a Companhia dos Tabacos. Este é que é o grande perigo e contra elle não prevalecem nem declamações, nem proposta, nem a magica influencia do sr. Ressano Garcia. A questão é ter os 38 mil contos em ouro precisos ou apresentar quem responda por elles.»

. . . .

*

*   *

O grandiosissimo caso está em apanhar os 38 mil contos em ouro, e o paiz não quer outra coisa. Rico paiz, que serve para trinta opiniões! Nem o bacalhau dá tantos pratos.

A proposito, me dizia ainda agora um graduado conselheiro progressista, no comboio de Cascaes a Lisboa:

— «O paiz está farto, meu amigo! Quer você apostar que o governo cae esta semana?

Eu não quiz apostar, porque sou pobre. Mas tudo é possivel, n'este paiz; ponto é *que pareça impossivel.*

— «Mas, quem ha de vir depois? perguntei.

— «O *Pereira de Miranda, indicado pelo José Luciano.*

Tomemos nota.

(*16 d'outubro*).

———

Esta é do *Mundo*:

«O sr. ministro das Obras Publicas declarou ha dias no Parlamento em resposta ao sr. Rodrigues Nogueira, que «se andava de automovel era em serviço do Estado, e pagava do seu bolso a gazolina gasta».

«O anno passado, e já no corrente anno, o gentil ministro dava, quasi diariamente, passeio a Cintra, hospedando-se no bello hotel Lawrence (aliás velho) donde sahia em frequentes passeios no automovel, pelos mais poeticos sitios d'aquella formosa villa.

«Por varias vezes, o sr. conde de Paçô Vieira, comprou, pessoalmente, nos estabelecimentos dos srs. Lino Antonio da Costa, e Abel Pinto Tavares, d'aquella villa, gazolina para o seu automovel.

«E' certo que pagou do *seu bolso* a importancia da gazolina, mas tambem é certo que *mandou passar recibo*, em teor similhante a este:

— «Declaro ter recebido a quantia de... réis, de gazolina que forneci ao Ministerio das Obras Publicas».

«Sem duvida, tal recibo era para a regular escripturação particular da sua casa».

...Vae attenuada a transcripção, para não atafulhar a *via larga*.

....

18 de outubro.

Cahido o ministerio, houve coisa que me fez sorrir. Foi um convite do sr. Hintze aos *seus amigos politicos* — para se reunirem, etc.

Cahido, ha de ter *muitos amigos*, etc.

Mas olhem se eu aposto com o outro!...

Mas o catitinha da *via larga*: é capaz de entrar no Porto, ás escondidas!...

E o Necker Periquito? Chiça!

*

* *

Em gazetas:

«Consta que o sr. conselheiro Custodio Borja

pediu para ser exonerado de governador geral de Angola.»

Tóma, *Custodio!*

LVII

A noticia do desastre soffrido pelas nossas armas na Africa Occidental em outubro do corrente anno (1904) coincidiu com a publicação de outras, ácerca de gravissimos abusos commettidos, ordinariamente, pelos europeus no continente africano. É evidente que não podiam as referencias de justa censura attingir os infelizes Portuguezes trucidados na deploravel campanha contra os Cuanhamas. O desastre deu-se quando já formuladas as censuras — em geral mais que merecidas.

Aqui se reproduz do *Primeiro de Janeiro*, do Porto, uma eloquente chronica remettida d'Africa Occidental em setembro do corrente anno.

*

* *

«Em meados de 1897 a peste bovina, que devastava o centro da Africa, appareceu inesperadamente no limite do sul de Angola, para além do rio Cunene. Constituindo o gado bovino a unica riqueza do planalto e sendo o Humbe, com os seus 9:600 kilometros quadrados, a região pastora por excellencia, facil é calcular o alvoroço e o desanimo que se apoderou dos povos e das auctoridades do districto, tanto mais que a insufficiencia de tropas para a organisação de um cordão efficaz era manifesta e a reluctancia do gentio rebelde á vaccinação havia de influir desfavoravelmente nas medidas a tomar para debellarem o mal.

No receio ainda de os hottentotes passarem o rio e procurarem compensar-se, nos nossos territorios, das perdas soffridas e de irem os nossos colonos e indigenas adquirir gado aos logares infectados, resolveu o intendente do

planalto, o fallecido coronel Arthur de Paiva, do quadro occidental, requisitar para o Humbe o esquadrão de dragões, então sob o commando do capitão de cavallaria José Eugenio da Silva, que foi encarregado de alli prestar auxilio ás auctoridades e apoio ao delegado de saude.

A 22 de outubro de 1897 chegavam á Chibia, vindos do Lubango, os dragões, na força total de 155 homens, tendo já para alli partido de Mossamedes a ala esquerda de caçadores n.º 4.

A 11 de novembro, estando já os dragões no Humbe e sendo impossivel enviar-lhes para alli o rancho, por se ter já manifestado a peste nos Gambos e na Huilla, foi o serviço d'elles dispensado.

Desavinha-se o commandante dos dragões com as auctoridades locaes, insubordinava-se o esquadrão, e este era mandado retirar do Humbe, pela intendencia, em 26, por pelotões, devendo esperar uns pelos outros, afim de se

soccorrerem mutuamente, para supprir a falta de meios de transporte.

O capitão, que, ao tempo, o governo geral já havia mandado substituir pelo capitão de cavallaria, ao serviço da Lunda, Balthasar de Brito, retirou, mas sem esperarem os pelotões uns pelos outros; na frente, a 6 de dezembro, o 4.°, commandado pelo 1.° sargento Silveira; a 7, o 2.° e 3.°, sob o commando do capitão; e a 11, o 1.°, composto de doentes e convalescentes, sob o commando do tenente conde de Almoster.

Esta despreoccupação no completo fraccionamento dos pelotões e a ordem da retirada d'elles mostra claramente que nada havia a recear do gentio, mas a verdade é que este, como depois se apurou, ardia em sêde de vingança e esperava, de arma engatilhada, a occasião propicia para unir-se e tirar um desforço dos muitos vexames soffridos.

Os dragões, desde a sua partida para o Humbe, praticaram toda a sorte de extorsões,

invadindo os arimos (plantações) e as libatas do gentio, roubando gallinhas e mantimentos, violentando as mulheres e rasgando, por fim, os quimbundos, o que pôz, tanto o gentio como os brancos e os pretos livres, em completo sobresalto, sendo a região do Humbe aquella que mais soffreu pela demora d'elles alli.

A peste extinguia rapidamente os bois, chegando o gentio a manifestar-se adverso á vaccina, a despeito da qual via desapparecer a sua unica riqueza, predispondo-o para aventuras guerreiras, com o que mais tinha a lucrar do que a perder. E esta série de circumstancias explica os factos, e foi assim que o pelotão que marchava na frente, ao regressar do Humbe, teve de arranjar carregadores á força e de apoderar-se de mantimentos, na ausencia do gentio esquivo, fundado na fama de que vinham precedidos os dragões. Tres praças do 2.º e 3.º pelotões, quando na manhã do dia 9 chegavam ao Tchipalongo e se dirigiam para uma libata, afim de obterem mantimentos, fo-

ram recebidos a tiro, não se chegando a apurar logo alli a culpabilidade dos soldados.

Deprehende-se d'aqui que o gentio começava a manifestar-se no sentido de repellir a força.

A estes dois pelotões seguiu-se o do conde de Almoster, mais fraco, com quatro dias de intervallo, dando tempo ao gentio para se prevenir das correrias dos dragões.

Tendo pernoitado no Cataquero, acampou ao nascer do sol do dia 12, no Tchituba, entre aquelle logar e Jamba Camufate, perto da libata de Muene Decango (seculo), onde o gentio de todas as libatas proximas, em numero superior a mil, celebrava ritos funerarios.

Sendo destacados dois soldados e um carregador, em busca de agua, encontraram uma preta a quem quizeram comprar mantimentos, o que ella se negou a fazer, pretextando a ausencia dos pretos para o batuque.

Indignados pela resposta, quizeram violental-a, mas ella, que não ignorava a fama dos

dragões, fugiu para a cubata *batendo a cua.*

Um dos soldados deu-lhe então um tiro, e o gentio, ouvindo-o, correu em massa; prevenido como estava para a defeza dos seus haveres, confiou no seu numero e respondeu com tiros aos soldados, um dos quaes feriu, e perseguiu-os até ao acampamento.

O massacre

Os dragões, sobresaltados, recebem o gentio a tiro e trava-se assim, imprevista e precipitadaménte, o combate em condições bastante desfavoraveis para elles, emquanto que os carregadores abandonam as cargas e se internam no matto.

O tiroteio continua de parte a parte e o gentio, protegido pela densa matta que orla o caminho, consegue atirar sem ser visto, o que decide o conde a continuar a marcha por conselho do 1.° sargento Pio, mas esta continua debaixo de fogo; é ferido o 2.° sargento

Rocha, e o conde cede-lhe o seu cavallo para ir receber curativo e avisar o capitão, que a quatro dias de marcha nenhum soccorro poderá prestar-lhe.

A's 2 horas da tarde, sendo já muitos os feridos e tendo-se exgotado as munições, o conde manda formar um pequeno quadrado, mas o gentio não avança e continua a arremessar azagaias e a fazer fogo, até que, restando 4 dragões e estando o conde já ferido no ventre e n'uma perna, estes tentam refugiar-se no matto, em Cambuco, onde são trucidados.

Além do conde de Almoster, pereceu o 1.º sargento Pio e 19 praças, conseguindo duas escapar milagrosamente, fugindo, e sendo outra morta n'uma libata onde fôra acolher-se.

Se em vez de avançar, o pelotão tivesse retrocedido, viria encontrar auxilio no Cataquero, onde os serviçaes de José Lopes, bons atiradores, que ouviram o tiroteio, os ajudariam a resistir vantajosamente, se até alli tivessem a coragem de os perseguir; mas estava escri-

pto que o pelotão do desventurado official, que era neto do grande Saldanha, havia de expiar os desmandos da companhia nas suas marchas de incrivel desbarate...

LVIII

Dizia-me Luciano Cordeiro, quando eu lhe fallava da Morte, como de uma pechincha, felizmente certa:

— «Pois eu estimaria viver sempre, por *curiosidade*. Este mundo é inexgotavel em surprezas».

Não soffre duvida.

*

* *

Agora vejo eu, no *Popular*, a proposito de um bello artigo do sr. D. Luiz de Castro sobre o negregado abastecimento de carnes:

«A camara de Lisboa não tem que proteger a creação de gado contra o arrematante, nem de proteger este contra aquella. Não.

«Tem deveres a cumprir, e honradamente ha de fazel-o. Não carece de conselhos, nem os acceita».

Isto, quando a paciencia d'este povo lisboeta assume feição de *retorcida*, — deixando-se depauperar esta pobre gente, a roêr a infame carne *argentina!*

Tem deveres a cumprir, a excellentissima, e ha de fazel-o .. Miseravel garantia encontra no *passado* esta visão de *futuro!* Não desconhece o paiz inteiro as especiaes tradições da *camara municipal de Lisboa*, e a má sorte dos cidadãos de Lisboa tem visto prevalecer a sustentação de taes tradições contra as boas qualidades de um ou outro individuo.

Não carece de conselhos, nem os acceita. Tambem já aquillo toma a precipua responsabilidade! Não carece de conselhos, mas de

uma sova diaria na rabadilha — para não pôr a tres quartos a sua inepcia.

Adiante!

Um emprestimo de 350 milhões de francos, ou seja de *setenta mil contos de réis*, para tapar buracos e dar alento ao relaxadão extenuado do Occidente: já todos os lusos conhecem a medida salvadora, sem referencia aos *lusos* de Necker-Periquito.

E já suspeitam os lusos — que não chegará a entrar no thesouro metade d'aquella quantia, — que os buracos ficarão escancarados, como até agora, que o relaxadão do Occidente deitará de fóra mais um palmo de lingua — e que dentro d'um anno haverá buracos novos.

Aquelle Necker-Periquito cahiu do beiral d'um telhado, mas parece ter cahido do céu, para que o ridiculo abafasse o odioso. E que me dizem aos *lusos* e aos respectivos *centesimos!* E' uma especie de revolução, mas nin-

guem abre os olhos. Parece que todos os Lusos se alimentam com as carnes da *camara municipal de Lisboa!*

No paiz visinho augmenta diariamente a emigração. Só de Vigo embarcaram ha dias dois mil individuos para a America do Sul.

Sabe-se que é a falta de trabalho — de pão — a determinante do facto. No congresso, convidado o governo a acudir aos desgraçados reduzidos áquelle extremo, declarou que já providenciára. Como? *Ordenando aos governadores civis que prohibam ás emprezas maritimas os embarques clandestinos no alto mar.*

Não ha, como se vê, processo mais efficaz para acudir aos famintos em busca de trabalho fóra da patria. O processo consiste em segural-os no patrio torrão, quanto possivel. E' por amor da decencia e do decoro do paiz e para que não falte *quem applauda com delirio* o *joven Affonso XIII — em passeio.*

A sr.ª *Caïel*, que de Madrid escreve chronicas para Lisboa, ufana-se, pela Hespanha, de que os Pyrenéos livram esse paiz de epidemias universaes. E' a proposito dos escriptores *immoraes* que infectam a França, etc. Pena é que os *immoraes* sejam, em regra, condemnados por quem não sabe escrever.

Mas a sr.ª *Caïel* pensa erradamente, além de escrever mal, suppondo que os Pyrenéos servirão para *separar completamente* a Hespanha das outras nações. Sempre se ha de vêr e admirar o que por lá vae.

As taes medidas protectoras do povo faminto são devéras admiraveis!

A proposito dos recentes desastres e difficuldades dos Allemães e dos Portuguezes em Africa e dos perigos que tambem ameaçam os nossos amigos Inglezes, diz-nos um jornal que

em dezembro devem encontrar-se em Inglaterra, com Eduardo VII, o imperador da Allemanha e o rei de Portugal.

Os officiaes e os soldados espatifados em Africa *encontram-se* em outro mundo antes de novembro.

As manas . . .

Communicam de Torres Vedras ao *Mundo* uma curiosa façanha de um dos beatificos estafermos ao serviço do hospital. Eis o caso:

«Uma pobre mulher foi consultar ao hospital um medico, sobre um abcesso de que estava soffrendo um filhinho de 16 mezes de idade. O medico não chegára ainda e a mulher esperou.

«Alli se conservou, com o filhinho nos braços, chorando desesperadamente a creança.

«Passou na occasião um gato pertencente ás *santas madres* e a mãe do infeliz paciente cha-

mou-o, fazendo-lhe festas *bichinha-gata*, passando-lhe a mão cariciosamente pelo dorso, para assim conter o animal por mais tempo ao pé de si, para lhe destrair o filho.

«O' diabo, que tal fizeste!

«Tanto bastou para que uma das *santas* por forma insultuosa, se dirigisse á pobre mãe, dizendo-lhe que se puzesse no meio da rua, que alli não era *casa para brincar com gatos!*»

... Que coração de besta féra o d'aquella besta simples! E Deus sabe com que *ellas* brincam!

Russia contra Inglaterra:

O velho moscovita Tolstoi, palestrando com um francez, boa pessoa, diz-lhe o seguiute, que o outro publica em livro:

«Digo a verdade, e nada mais. Digo o que

toda a gente seria capaz de dizer, se reflectisse um pouco e quizesse ter uma opinião séria.

«Ha porventura nada mais extraordinario, nada mais paradoxal do que este «ruido» feito em volta de Shakespeare, em volta do «genio» de Shakespeare? O «genio» de Shakespeare é uma d'estas opiniões feitas de antemão, que ninguem procura verificar, que as gerações acolhem sem protesto, e que cada um vae propagando sem o sentir. Attenda bem; veja as coisas de perto, e comprehenderá que se encontra em presença d'uma conjuração de loucura. A verdade é que, em Shakespeare, não ha nada.»

Lembra a *demolição* de Gœthe e a de Diderot, pelo maluco Barbey d'Aurevilly!

Para o fim de purificar o meu espirito, depois de haver lido aquella porcaria, releio dez paginas de Victor Hugo, no seu livro *William Shakspeare*, e releio as cem paginas de Taine, sobre Shakspeare, na sua *Historia da Littera-*

tura Ingleza, — e receito para a molestia do Russo umas *fricções japonezas.*

Mais coisas russas:

«S. Petersburgo, 27 — Uma ordem do tzar manda incorporar na armada, com a qualidade de cruzadores, os vapores voluntarios «Smolensk» e «Petersburgo» sob os nomes de «Rion» e «Dnieper».

...Lembra Frei Gorenflot, do velho Dumas, o qual frade, quando em dias de jejum queria comer um naco de *gallinha*, convertia a ave em peixe — baptisando-a *carpa!*

Taes são os vapores voluntarios convertidos em cruzadores.

Dizem telegrammas de Londres que ali cau-

sou indignação a noticia de o czar ter ido á caça, ao discutir-se o caso do Hull.

E a Victoria não ia ao vinho do Porto, como um catita, quando os Boers malhavam nos Inglezes?!

Pois se quem leva e paga é o paiz, porque não hão de **elles** caçar e embebedar-se?!

«*Falsificadores de sellos.* — Foram ha dias presos em Berlim, uns falsificadores de sellos brazileiros, que ali trabalhavam por conta de uma importante casa do commercio do Rio de Janeiro.»

...A qual casa, cujo nome se não diz, continuará a ser *importante e respeitavel*, quer falsifique sellos, quer chouriços.

Nome em letras gordas e biographia — é bom para o grandissimo bandido que rouba 15 tostões.

Pórca vida!

Vae á proxima assignatura régia a exoneração do sr. Custodio Borja. [1]

Até outra vez.

E quem morreu — morreu.

LIX

Vem no *Diario de Noticias*:

«Foram ha dias chamados a responder no 1.º districto, em audiencia presidida pelo sr. conselheiro Amaral Cirne, dois rapazitos, de nome João Gomes e José Maria Gomes, cujas edades variavam entre 12 e 14 annos, os quaes haviam sido presos na estação de Braço de Prata, por transitarem no comboio, sem estarem munidos dos competentes bilhetes.

«O juiz, dirigindo-se ao mais velho:

— «D'onde vinham vocês?

---

[1] Jornaes de 30 d'outubro de 1904.

— «De Villa Nova de Ourem, onde tomámos bilhetes para o Entroncamento, com o unico dinheiro que tinhamos, tencionando vir depois a pé até Lisboa, mendigando pelo caminho. Mas, como a fome apertasse comnosco, adormecemos e não nos apeámos onde deviamos, pelo que fômos presos.

— «E porque sahiram da sua terra?

«O mais novo, com lagrimas na voz: — A nossa mãe prantou-nos fóra de casa...

«E em seguida explicaram que a mãe, por imposição do homem a quem se ligára depois de viuva, puzera-os fóra, vendo-se ambos obrigados a procurar trabalho. Assim viveram durante dois annos, á mercê do acaso, até que, por ultimo, faltando-lhes os meios de subsistencia, resolveram partir para Lisboa.

— «Que vinham cá fazer?

— «Procurar o nosso padrinho, para elle nos arranjar trabalho.

«Valeu a essas creanças o bom criterio do digno magistrado, o qual, a pretexto de que

não tinham o necessario discernimento, as absolveu e mandou em liberdade, poupando-as assim a uma condemnação, que só serviria para crear-lhes difficuldades no futuro!»

*

* *

Este commentario elogioso ao bom criterio do juiz vale quanto pesa. A Justiça (do tribunal) a lavar as mãos, como Pilatos, — ao lançar ao abandono e ao crime os dois desventurados rapazes, merece uma commenda do *lagarto*, em relação ao merito artistico. E, d'ahi, talvez o juiz ignore que os artigos 1.º, 2.º, 3.º e 4.º do Regulamento Geral da Casa de Detenção e Correcção de Lisboa (está ali em Caxias o estabelecimento) estão reclamando, para os livrar dos imminentes horrores da situação, os dois desgraçadinhos — *generosamente mandados em liberdade*.

Precisamente, quando o juiz — a pretexto

da falta de discernimento dos menores, (como diz a elogiosa noticia) os mandou... pentear macacos, atropellou o citado art. 3.º, que diz ácêrca dos individuos do sexo masculino, menores, que na Casa de Correcção devem ser recolhidos:

«Art.º 3.º — Isento, nos termos da mesma lei (penal), da responsabilidade criminal, em razão da idade, ou de falta de discernimento e que não sejam entregues a seus paes e tutores.»

Ora, dos *paes* d'aquelles infelizes já se sabe. Do *padrinho* nada consta. Portanto...

*

* *

Seria talvez exigir demasiado, se o Regulamento supra fosse um documento secreto, privativo da Casa de Correcção, que o juiz o conhecesse; mas é um decreto, de 10 de setem-

bro de 1901, publicado opportunamente na folha official, e tão vinculado ás funcções judiciaes e administrativas, por si proprio, mais pelo Cod. Civil e pelo Cod. Penal, que brada aos céos o provado desconhecimento.

Emfim, é de esperar que um dia, breve, o poder judicial tenha de condemnar dois criminosos, que elle tornou agora ricos de liberdade, mas sem trabalho, sem abrigo, sem pão e sem a menor manifestação intelligente de carinho e de interesse — que se dispensa aos cães. N'esse dia, reccommende-os especialmrnte ao Ministerio da Justiça, pedindo-lhe que lhes abrevie a sua passagem pelo Limoeiro. Creia que será attendido, e terá *merecidos* louvores.

Do Popular:

«Conforme dissemos, os srs. Francisco da Silveira Vianna e Luiz Strauss reclamaram no

ministerio das Obras Publicas contra o facto das côrtes não terem discutido o contracto provisorio a respeito das obras do porto de Lisboa. Como n'este assumpto estão envolvidos interesses estrangeiros, queira Deus não tenhamos ainda que pagar alguma indemnisação, pela falta de cuidado dos governos no cumprimento exacto dos contractos que assignam.»

...Foi alli o da *vía larga*. Aquillo foi *susto* que lhe metteram — e dos taludos, — susto de padre minhoto! Agora o *Popular* pretende assustar os actuaes ministros, como se elles fossem de *via larga!*

*

* *

E a respeito do *caminho de ferro de Valença a Monsão e Melgaço*, corre que o Estado vae já, já, já, — como dizia o Rozalino,

— pôr mãos á obra. Para mais brevidade porá o assento n'um automovel — como o outro.

Ahi vae o caminho de ferro, ó das zaragatas e das pingoletas! E' de *via larga*, e tão larga que nem as ventas de um frade-bôrra!

Brevemente, a publicar-se um poema, de que vae amostra. Olhem para isto:

Já se inflammam os póvos, em disputa
Sobre qual das duas vias é perfeita;
E, entre o vivo calor da accesa lucta,
Este opina que a *larga*, alguns que a estreita.
Salta d'alli o conde de Araruta,
Dando *via* p'ra a esquerda e p'ra a direita;
Logo o *padre* a clamar no ardor da festa:
— Das almas grandes a nobreza é esta!

FIM

CRITICAS

CRITICAS [1]

Por este mundo

De Candido de Figueiredo, no *Diario de Noticias:*

Por este mundo. — Em uma nota bibliographica, estampada na capa d'este livro, vê-se que elle é a quinquagessima publicação de Silva Pinto.

---

[1] No meu livro *Por este mundo* vem um artigo critico, a proposito de outro meu livro — *No Mar Morto*. Não traz indicação do auctor, nem do jornal de que foi reproduzido. Um desastre de impressão. O artigo é de João Chagas e publicado no *Primeiro de Janeiro*, do Porto.

Fazer cincoenta livros em Portugal, onde pouco mais haverá de cincoenta leitores de boa litteratura, é facto que já devia ter sugerido as mais ponderadas observações do philosopho Tiberio, muito conhecido d'aquelle escriptor.

A nós sugere-nos o facto duas considerações diversas: uma alegre, e triste a outra. Esta cifra se em que o misero, que chega a escrever cincoenta volumes, pouco mais terá feito em sua vida, e, se não tem herdades, chalets e cupões, deve ter muitas vezes invejado a boçal ignorancia do refegado vidraceiro e do mercieiro obeso, que afagam os matacões e os ádipes, na satisfeita contemplação dos saldos do mez.

Em compensação, apraz-nos ponderar que, quando ha editores para o quinquagessimo livro de um auctor, demonstrado fica que este conta no seu *Haver* numerosos leitores; e, quando um escriptor sabe que é muito lido, conclue logicamente, — se a logica não é uma

convenção, — que é devéras apreciado. Ora, mórmente depois de um frugal almoço, a consciencia do proprio valor e a certeza do apreço publico valem bem, para o litterato e para o artista, a encebada dinheirama do homem dos matacões.

Silva Pinto, o infatigavel auctor do *Por este mundo*, logra a ventura ao menos de saber que é lido, porque sabe fazer-se lêr, o que não é predicado de escriptores vulgares.

D'aqui a sua meritória insistencia em brindar amiude o nosso publico ledor com as suas cogitações diarias ácêrca da comédia humana.

Cada uma das suas paginas é uma scena d'essa comédia, scena em que não entram cachinadas de riso alvar, mas um bom humôr, camiliano, adubado de um riso caustico e revulsivo, que consegue, melhor que as môscas-de-milão, excitar a epiderme coriácea do supracitado mercieiro.

Obra de um espectador sereno dos ridiculos sociaes e das miserias humanas, o *Por este*

mundo é, como outros livros do mesmo autor, um registo de efemérides, que muito póde elucidar os Heródotos do futuro sobre a curiosa historia do nosso tempo.»

*

* *

De Justino de Montalvão, no *Primeiro de Janeiro*:

Por este mundo, — Silva Pinto, o grando pamfletario que faz da sua penna um latego de fogo e de luz com que fulmina os vicios e os ridiculos da epoca, acaba de juntar á sua vasta obra de combatente mais um livro admiravel, em que, por entre os sarcasmos de commentador implacavel, muitas vezes se cristalisam, em brilhantes, as lagrimas dolorosas do romantico.

Ler este volume é evocar e ver desfilar n'uma farandola, a um tempo grutesca e triste

toda a vida decadente d'um paiz que parece estrebuxar n'um carnaval incessante

Este escriptor illustre, a quem o tedio de viver n'um meio de corrupção impenitente tornou sceptico (mas do scepticismo sem maldade, das almas superiores) contempla, do seu isolamento, a comedia do presente, e refugia-se na saudade d'esse passado já lendario, cheio de bellos impetos e de nobres aspirações, em que a sua mocidade ergueu um cantico enthusiastico á Vida, — que lhe mentiu, como sempre mente áquelles que trazem para esta lucta sem treguas um ideal que não quebra e um caracter que não transige.

Cada pagina d'este novo livro é um sorriso amargo — ou um soluço de piedade, como por exemplo as commovidas e intensas paginas consagradas á memoria de Manuel Cardia, uma das mais radiosas esperanças do jornalismo e das letras — e que tão cedo se perdeu nas escuridões misteriosas onde se apagam todas as esperanças.

Silva Pinto é um dos nossos maiores escriptores, por esse poder de emoção que sabe communicar a tudo o que faz vibrar os seus nervos d'uma sensibilidade quasi morbida, e o seu livro d'agora vem confirmar que elle é ainda entre os velhos um dos mais novos.

*

* *

De Carneiro de Moura, no *Liberal*:

«*Por este mundo* é o livro d'uma alma que tem vivido e soffrido muito. Silva Pinto póde simular desdens e ironias, que o seu espirito apparece-nos sempre como o d'um macerado batalhador que quer a sociedade melhor, contra a sociedade que é má, hypocrita e mentirosa. Não é sufficiente ter talento para escrever os muitos livros com que Silva Pinto nos delicia e instrue. E' necessario tambem ter experimentado os golpes rudes da vida para ter

aquella intuição, a um tempo pessimista e meiga, com que o auctor do novo livro caracterisa os ridiculos do nosso tempo.

Os nossos cumprimentos a Silva Pinto, por continuar a ser um dos raros luctadores que ainda no nosso meio se esforçam por destruir os ridiculos e os preconceitos que nos trazem atrelados a esta indifferença marroquina em que vivemos.»

*
*   *

Por este mundo. — De Raul Brandão, no *Dia*:

«Mais um livro de Silva Pinto — *Por este mundo*: e com este ultimo devem ser cincoenta volumes. O que isto representa do tenacidade, d'esforço e de desespero — que tão bem se exprime a pittoresca phrase «frigir os miolos» — não o avaliam os que lêem despreoccupadamente as paginas inconfundiveis do il-

lustre escriptor. Nem tambem se aquilata o que alli está de nervos, de cerebro e de dôr. Porque ha homens de lettras assim: só escrevem com o proprio soffrimento. Não conservam deante do papel gelido e branco a serenidade inabalavel e olympica, que não consome nem gasta: na tinta misturam sempre soffrimento. As paginas são gritos, traduzem desespero. E' o seu proprio ser que anda na baila: não narram—narram se. Eis o que succede com este illustre escriptor, cujos livros ficarão inconfundiveis na nossa litteratura. Misturem-n'os com muitos outros: logo os d'elle resaltam entre paginas e paginas ennegrecidas a tinta inerte e morta,—como seres vivos. Saltam-nos, mexem-nos com os nervos: vão acordar-nos fibras adormecidas, tiram-nos do socego, sobresaltam-nos.

E' que a sua curiosa obra é a sua propria vida. Silva Pinto confessa-se quasi sempre: nos seus livros, nos artigos dispersos, na critica, elle não attende nem ao mundo que o

rodeia nem aos espectadores que o escutam. É um drama — com um unico actor, um homem que tem deixado pela vida fóra pedaços da sua alma.

Vêl-o, apegado á bengala, com os cabellos já brancos, e agitados, e sempre furioso com tudo e com todos, n'uma perpetua irritação com os homens e as cousas — é adivinhal-o logo. A's primeiras palavras apprehende-se a sua alma, sempre inquieta, magoada e ferida por os mil nadas estupidos da existencia:

— «Este homem está sempre cheio de fel!» — dizem com espanto.

De amargura é que é. A vida enche todas as grandes almas, que não procuram a serenidade no desprezo, d'amargura e colera. São as contrariedades, os amigos, a hypocrisia, o que nos rodeia de infame, de estupido e de inerte...

Ou a gente se mascára e sécca o coração, ou nol-o despedaçam logo. E' uma chaga re-

volvida a todos os instantes. Se ha homens que nasçam com esta sina: — soffrer, Silva Pinto é um d'esses. As paginas vivas dos seus livros teem-lhe custado — elle que o diga — soffrimento sobre soffrimento. E' um romantico. Tomou sempre a vida a sério — e mesmo quando gargalha ha no fundo do seu riso resaibos de tristeza ou de colera. A sua vida no Porto, em moço, é uma perpetua agitação. O que se escrevia n'esse tempo sustentava-se, se tanto fosse necessario, á ponta de punhal. Os rapazes d'hoje, praticos e cheios de methodo, seccos como a seccura, videiros como o Diabo, não comprehenderão facilmente o que era essa mocidade impetuosa, com ideaes e loucuras, preferindo a algida pobresa á mais pequena transigencia. Não desapparecera ainda o echo da épocha anterior nem a memoria do grupo que Camillo capitaneava — e esse punhado de homens, batia-se com tudo e com todos, capazes das maiores audacias para sustentar — o que ninguem hoje sequer comprehende

— um ideal d'arte, de piedade ou de justiça...

A vida por fim amorfanha-nos, mirra-nos, couraça-nos: vem uma edade em que se transige, outra em que já, por fim, pelo cansaço, pelo desprezo, se acquiesce. Mas com Silva Pinto dá-se este caso singular: a cada nova contrariedade, os seus nervos — sempre álerta — vibram, a sua energia ferrea não se gasta — e, tropego, agarrado á bengala, agitando a cabelleira branca, protesta, grita barafusta!

— «Este homem está cheio de fel!» — dizem os outros com espanto.

O que este homem resiste! Como elle renova o coração e os nervos! Aonde vae elle buscar essa mocidade e esse impeto, que nem o *assalto perpetuo da quadrilha*, nem o vasto panorama da existencia, a que elle vem assistindo, nem as lagrimas que a occultas terá chorado, quebrantam — e ensinam a saber viver?...

Tem cincoenta volumes publicados. — podia ter cincoenta contos n'um cofre á prova

do fogo e dos ladrões, se, quando escreveu a primeira linha, aos vinte annos, se tivesse lembrado de abrir um balcão de mercearia. E poupava-se a luctas, a contrariedades infinitas. Tinha engordado. Não morria pobre nem gasto por um extenuante trabalho, onde cada qual põe o que tem de melhor e mais intimo no seu ser. Era decerto um grande escriptor a menos — mas talvez um homem feliz a mais...»

Por este mundo

De Lourenço Cayolla, no *Jornal da Manhã:*

«Mais umas trezentas e tantas adoraveis paginas de Silva Pinto, sempre cheias da mesma ironia mordaz e triste, que é a caracteristica do seu temperamento inconfundivel.

E por todas essas paginas de sarcastico pessimismo levanta-se sempre a mesma figura de

apostolo bom e descrente, a mesma penna que tem incançavelmente, ha trinta annos, defendido ingenuamente, ardentemente, a moral dos bons e salutares ideaes.

E tem sido este o traço riginal e unico, gravativo da personalidade litterarie, e tão intensa, de Silva Pinto. Para elle nunca houve um desanimo, como nunca houve uma emenda. A sua ironia é um latego que fere, mas que sabe ferir. A sua alegria entreabre-se por vezes, como o panno de um scenario, e entremostra-nos então cousas tenebrosas e horriveis, lagrimas para pensar, e que são um ensinamento e um exemplo. Algumas anecdotas são o prologo de miserias dolorosas e profundas, que se presentem e adivinham, mas que o auctor resignadamente encobre sob a mascara do seu sorriso.

Eu não conheço hoje na vida litteraria portugueza uma figura de escriptor que tão profundamente transpareça na sua obra. Através as gerações successivas, cuja fórma evolutiva

vae tendendo, cada vez mais, para a impersonalidade do auctor, como technica de perfeição litteraria, Silva Pinto conserva inalteravelmente a velha feição. E' elle sempre, e em todas as suas paginas elle transparece e se revela.

Porque? a razão é simples.

Porque a necessidade moral de dar á obra litteraria um fim social e educativo, um fim que não seja exclusivamente passionai, vae de cada vez enraizando-se mais no nosso meio.

Não basta commover e fazer chcrar. Não basta rir e zombar. E' preciso encadear a ironia como a emoção para um intuito util: educar, purificar, regenerar pelo sentimento e pela verdade, prégar o bem na corrupção, como a verdade na vida.

O homem de lettras é um apostolo. E é na verdade tão difficil, para alguns temperamentos viciados, fazer corresponder uma vida honesta e impoluta á grandeza apaixonada de um ideal defendido! Por isso poucos fallam de si. Silva Pinto fala muito.

E ahi está a sua grandeza — e o seu triumpho. Quando todos fogem e se occultam, elle apparece, intangivel, sorrindo sempre, expondo o seu bello e altruista coração n'essas trezentas risonhas e desilludidas paginas que são um sonho da sua vida de visionario desilludido.

E' impossivel, nas curtas linhas de um jornal, dar uma ideia do bello livro de Silva Pinto. Mas não devemos fechar esta noticia sem nos referirmos ás maguadas paginas em que o velho publicista (perdôe me o chamar-lhe assim) se refere ao moço e saudoso Manuel Cardia. E' toda a historia da sua morte, da sua tristeza, da sua natureza perscrutafiora e afflicta, que alli se revive e lembra.

E nada mais doloroso, mais cruel, e mais extranho do que esta saudade, do que estas lagrimas de um espirito cançado de trinta annos de lucta, sobre a lousa tumular de um amigo que parte com vinte annos, desilludido!»

*

* *

S. Frei Gil

De Carneiro de Moura, no *Liberal:*

«Está publicado este valioso volume do brilhante prosador e critico Silva Pinto.

E' uma manifestação nova do talento do seu auctor, em que a vida aventurosa e lendaria do santo portuguez é descripta com um encantador relevo.

Silva Pinto sabe urdir paginas de historia com a mesma habilidade e brilho com que critica os ridiculos da sociedade contemporanea.

S. Frei Gil é um livro de alto valor litterario; lê-se com um raro encanto de espirito, e bom seria que n'esta terra inculta a leitura de livros, como o que acaba de publicar Silva Pinto fosse preferida ás leituras ridiculas que por ahi andam a embrutecer a insufficiencia

mental do publico, em folhetins de contrabando.

Agradecemos ao distincto homem de lettras o prazer que nos proporcionou com a interessante leitura do seu novo livro.»

*

* *

Do *Jornal da Manhã:*

S. Frei Gil

«Livro de 184 paginas que se lê d'um folêgo, que não fatiga, nitidamente impresso e editado pela *Parceria Antonio Maria Pereira.* Livro de Silva Pinto.

Julga o leitor que vae aborrecer-se lendo a vida d'um santo, mas ao fim da primeira pagina nasce o desejo de ler a segunda e depois as outras, agradavelmente, deliciosamente. O estylo é leve, a graça não molesta crenças, a

verdade transparece por estudo, e a linguagem é correcta, é vernacula. Silva Pinto deu-nos um bom trabalho e mostrou que a sua critica sabe ser alegre sem ser falsa; lembra n'aquellas paginas a velha graça de Camillo, nivellando-se-lhe na elegancia e pureza de linguagem.»

*

* *

S. Frei Gil

No agiológio portuguez, como todos sabem, abundam nomes de elevada cotação historica e lendaria: Santo Antonio, S. Damaso, Santa Isabel, Santa Iria, S. Frei Gil...

S. Frei Gil vinculou por tal fórma o seu nome ás lendas do *Flos Sanctorum*, ás tradições populares e á historia de Portugal, que mais de um dos nossos mais gloriosos escriptores, desde frei Luiz de Sousa até Garrett,

lhe sagraram as mais largas e cuidadas referencias.

Mas, uma conscienciosa monographia, destinada exclusivamente a consignar e commentar o papel lendario e o papel historico do monge de Vouzella, inda se não fizera até agora, em que nos apparece o *S. Frei Gil* de Silva Pinto.

Não é novidade esta feição litteraria dô maleavel talento do auctor, visto como, ha poucos annos, Silva Pinto já nos tinha dado os *Svntos Portuguezes*, curiosa resenha de santos nacionaes e suas lendas.

Baseado em documentos historicos, e nas tradições recolhidas por escriptores varios, Silva Pinto descreve a vida originalissima de S. Frei Gil, a sua influencia nos negocios de Estado em tempos de Sancho II, e os episodios tradicionaes, que fazem do nosso Santo um novo *Fausto*, mancommuuado com o demonio, para produzir assombros e curas maravilhosas.

S. Frei Gil ainda não teve um Goethe, que lhe immortalizasse o nome em estrophes monumentaes; mas teve agora um devotado chronista, capaz de fazer interessar o publico na vida desregrada, nas nigromancias, na conversão, na piedade e no caracter politico do celebre vouzellense.

Livro de historia e livro de critica, o *Frei Gil* affigura-se nos um trabalho sério, que, sem os assomos da gravidade historica, concilia a importancia do assumpto com a simplicidade e fluencia da prosa, que é peculiar ao auctor, e que todos têem apreciado e applaudido.»

Diario de Noticias.

C. de F.

*

* *

Alma Humana

«*Alma Humana* é o ultimo livro d'esse antigo pamphletario de bronzeo pulso, que se

chama Silva Pinto, o mais vigoroso e audaz polemista da geração de fulgurantes espiritos que vae desapparecendo. A este escriptor e artista da mais fina raça, quem escreve estas simples linhas costumou-se a adoral-o ha mais de 20 annos, quando a Critica era uma coisa honesta, tratada com lampejos de talento e n'uma linguagem bem portugueza, ao mesmo tempo cheia de vibração e de côr. Prosador d'uma pessoalidade intensa e inconfundivel, cheio de originalidade, Silva Pinto envelheceu entediado com a parvoiçada de muito menino prodigio *que triumphou*, mas o seu gladio inflammado, esse não o abandonou elle como a uma velha bengala inutil.

Muito ao contrario: Silva Pinto é ainda, apesar dos cabellos brancos, o mesmo poderoso pulso, com o mesmo processo de escrever e de esgrimir. A' sua bagagem de dezenas de volumes hão de ir buscar filigranas e roupagens os que hoje e ámanhã quizerem saber escrever.

. . . .

A *Alma Humana* são annotações, algumas amarissimas, de factos, commentarios a *casos* da vida, villanias, dôres, lagrimas. São paginas sentidas, que se adivinham produzidas com febre, e que ressumam por vezes saudades acerbas e outras vezes um commovente amargor dolorido.

Velho intellectual, todo entregue á sua obra, dentro d'ella, como um monge dentro da sua cella isolada, Silva Pinto dá-nos nas suas prosas bocados do proprio coração, que se sentem ainda quentes, gotejando sangue e lagrimas.

Se em Portugal se soubesse lêr, os livros d'este escriptor teriam edições successivas, porque nenhum como elle nos commove e nos confunde — com as suas maguas, com os seus risos, ou com os seus sarcasmos.»

Jornal da Noite.

D. S.

*

* *

Do *Popular*:

Alma Humana

«Publicação de critica, observação e sentimento, de que é auctor o insigne jornalista e eminente homem de lettras, nosso antigo amigo e collega, Silva Pinto.

Indicar o nome do auctor é fazer o elogio da obra de tão conhecido e conceituado publicista, em cujos escriptos a castiça linguagem portugueza se encontra em toda a sua pureza e vigor, e cujos conceitos, formulados quasi sempre em uma dolorosa amargura, attestam uma fina observação da sociedade, com uma pontinha de caustica ironia, que lhe imprime um relevo especial e um interesse vivo, ao mesmo tempo.

«A obra, acabada de expôr á venda, encontra-se na conceituada casa editora, *Parceria Antonio Maria Pereira*, na rua Augusta.»

....

*

*   *

Da *Tarde*:

«Acaba de sahir a publico um novo livro de Silva Pinto, o vigoroso escriptor e intemerato critico, que tão grande talento tem prodigalisado, em mais de trinta annos de trabalho consecutivo, pelas columnas de jornaes e pelas paginas de livros.

A obra de Silva Pinto é a sua auto-psychologia, constituida pelos milhares de aspectos que a vida tem tomado aos seus olhos de observador, entre irritado e melancolico, no meio das perversidades, das miserias, ou das sublimes coisas — bem raras! — d'este velho mundo.

A *Alma Humana* é um livro que deve ser lido por todos os que prezam a litteratura, no que ella tem de mais nobremente elevado.»

....

*

*   *

De Candido de Figueiredo, no *Diario de Noticias:*

Alma Humana

«Novo livro de Silva Pinto. O nome do auctor e o titulo da obra deixam entrever a indole d'esta. Mais ou menos, estas duzentas e tantas paginas são pequenos e humoristicos estudos de psychologia social, especialmente de psychologia burgueza.

Na travessia por este mar-morto do occidente, onde o proprio Heráclito seria ridiculo, um dos passageiros, a quem a vida pouco tem sorrido, pega na penna, como na lente de Archimedes, e abrasa e revolve a flotilha das barcaças, pondo em evidencia o que por lá havia de ridiculo ou torpe.

A prosa caustica do auctor, se chegasse á epiderme de quantos ella alveja, poderia ser

um cautério de oportuno saneamento. Mas os imbecis, os ridiculos e os torpes raramente percebem a lettra redonda; por fórma que a licção é maiormente apreciada e encarecida pelos artistas da palavra, e por todos os que, de palanque, se distrahem e se instruem n'estes ensaios, ás vezes crueis, de anatomia social.

Mas no livro de Silva Pinto não se encontra apenas a nota juvenalesca e acerada, caindo como brasas nos ridiculos sociaes: de espaço a espaço, resalta um sereno sentimento de justiça, que leva o escriptor a metter na bainha o seu usual estilete e a falar, com seriedade e notavel senso, dos homens, e das coisas do nosso tempo.

Sirvam de exemplo as nobres palavras que elle dedica a Eduardo Coelho, (pag. 63 da *Alma Humana*).

Quem meus filhos beija, minha bocca adoça. Eduardo Coelho não é filho da nossa folha, antes pelo contrario. Não se estranhará,

pois, que a *filha* reproduza, com justificado desvanecimento, as palavras consagradas ao *pae*. Diz Silva Pinto:

*

* *

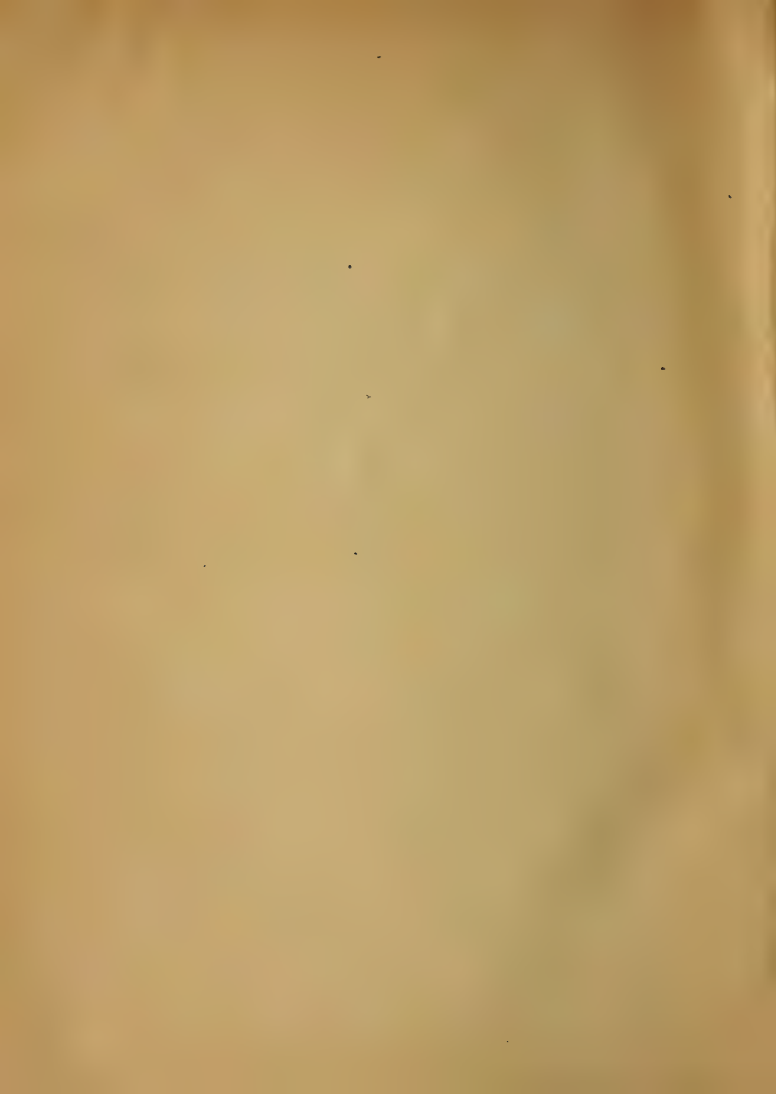
—«Parece qne finalmente vae Eduardo Coelho ter um monumento. Eu já em tempos votei — approvando, embora me não chamassem á votação. A obra de Eduardo Coelho, fundador do *Diario de Noticias* e, como tal, iniciador da leitura barata, generalizada aos que sabem ler e aos que só podem *ouvir*, é producto abençoado de sua exclnsiva e intelligente actividade. Sabido é que Eduardo Coelho triumphou em vida; teve descançada velhice, em compensação de muitos annos de lucta e de amarguras; mas a sua *fortuna* estava longe de provocar severas annotações. Era legitima: era bem merecida.

«Elle foi de uma completa e digna coheren-

cia em todo o seu viver: grato aos que o ajudaram em tempos de tristeza, — bom amigo dos seus companheiros de trabalho, escolhidos entre gente honesta, — simples nos seus habitos e só tolerante para alheias parlapatices innocentes, fazendo do seu popularissimo jornal folha de informação e de instrucção modestas, — affastando-se rigorosamente da intrigalhada e evitando abusos de publicidade, — muito cauto, pois que muito conhecia a bella sociedade em que luctára, — recebendo as saudações pelo que ellas valem, — tendo, como todos os que soffreram e se aguentaram, um pouco de scepticismo risonho, — prestadio sem alarde e segundo sentido: — um homem de bem e de forte intelligencia, consciente do seu justo valor. Tal foi o jornalista e tal foi o homem; e, sobre tudo isto, um devotado amigo dos seus.»

*

* *

Archivamos o novo livro de Silva Pinto, não simplesmente como um claro documento de observação e critica, o que já não seria pouco, mas tambem como um documento de justiça.

OBRAS DE SILVA PINTO

Questões do dia, 1870.
Sciencia e Consciencia, 1870.
Farçadas contemporaneas, 1870.
Novas Farçadas contemporaneas. 1871.
A questão da Imprensa. 1871.
Theophilo Braga e os Criticos. 1871.
A' hora da lucta. 1872.
Horas de febre. 1873.
O Espectro de Juvenal. 1873.
Eugenia Grandet (trad.) 1873.
O Padre maldicto. 1873.
Balzac em Portugal. 1873 — 2.ª edição.
Noites de vigilia (edição mensal). 1874.
Noites de vigilia (edição quinzenal). 1875.
Emilia das Neves e o Theatro Portuguez. 1875 — 2.ª edição.
Contos phantasticos. 1875.
Os homens de Roma (drama). 1875.
A Questão do Oriente. 1876.
Revista Litteraria. 1876.
Os Jesuitas (ao bispo Americo). 1877 — 3.ª edição.
Do Realismo na Arte. 1877 — 3.ª edição.
Nós e a Alfandega do Porto. 1877 —2.ª edição.
O Padre Gabriel (drama). 1877 — 2.ª edição.
Controversias e Estudos Litterarios. 1878.
No Brazil. 1879.
O Emprestimo de D. Miguel. 1880 —3.ª edição.
Realismos. 1880—2.ª edição.
Combates e Criticas. 1882.
Novos Combates e Criticas. 1884.
Terceiro livro de Combates e Criticas. 1886.
O caso de Marinho da Cruz. 1889.
Camillo Castello Branco. 1889.
A Mulher do capitão Branican (tr.) 1892
Philosophia de João Braz. 1895.
Santos Portuguezes. 1895.
N'este Valle de Lagrimas. 1896
A queimar cartuchos. 1896.
De palanque. 1896.
O Riso amarello. 1897
Noites de vigilia (4 vol.) 1897.
Criterio de João Braz. 1898.
Memorias d'um suicida (tr.) 1898.
A torto e a direito. 1900.
Pela Vida fóra. 1900.
Alta noite. 1900.
O Mundo furta côres. 1900.
Moral de João Braz, 1901.
No Mar Morto. 1902.
S. Frei Gil. 1903
Por este mundo, 1903.
Alma Humana, 1904.
No Coliseu, 1904.
A Velha Historia, (no prélo).